



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Programa de Pós-Graduação em Filosofia

BRENDA CARDOSO SOARES

**Aron Gurwitsch e os primórdios da possibilidade de uma *Gestalt*
fenomenológica**

Doutorado em Filosofia

São Paulo – SP

2024

BRENDA CARDOSO SOARES

**Aron Gurwitsch e os primórdios da possibilidade de uma *Gestalt*
fenomenológica**

Tese apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. Mario Ariel Gonzalez Porta.

São Paulo – SP

2024

Nome: SOARES, Brenda Cardoso

Título: Aron Gurwitsch e os primórdios da possibilidade de uma *Gestalt*
fenomenológica

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Mario Ariel Gonzalez Porta (Orientador)

Prof. Dr. Marcus Sacrini Alves Ferraz

Prof. Dr. Alex de Campos Moura

Profa. Dra. Deborah Moreira Guimarães

Profa. Dra. Pedro Manuel dos Santos Alves

O presente trabalho foi realizado com o apoio da CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 - 88887.464071/2019-00

O presente trabalho foi realizado com o apoio da CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 - 88887.711867/2022-00

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001 - 88887.464071/2019-00

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001 - 88887.711867/2022-00

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família. Aos meus pais, que possibilitaram de diversas maneiras meu percurso acadêmico ao longo de todos esses anos sem nunca duvidarem do meu comprometimento e sempre me encorajando a ir mais longe. É uma honra poder dividir com vocês as minhas conquistas e encontrar junto a vocês força e conforto para a superação dos obstáculos inevitáveis do caminho de quem escolhe fazer pesquisa. Agradeço também ao meu irmão de vida Luiz Antônio Peixoto pelo incentivo contínuo e pela oportunidade de exercer um papel formador na vida da minha afilhada Elis. Amo todos vocês.

Sou grata também ao meu orientador, o Prof. Mario Ariel Gonzalez Porta, por ter me acolhido junto ao Grupo de Estudos das Origens da Filosofia Contemporânea acreditando no meu potencial como pesquisadora e me dando espaço para crescer e evoluir de uma forma autônoma sem nunca me deixar desamparada. Sempre munido de colocações precisas e oportunas, o Prof. Mario Porta é um exemplo de como orientar extraindo o que cada um de seus alunos tem de melhor. Ele se move com maestria numa linha tênue que é a orientação, atribuindo confiança, cobrando consistência sem deixar a humildade faltar. Por esses e outros inúmeros motivos sobre os quais não haveria espaço para mencionar aqui sempre terá minha admiração.

Em relação aos meus companheiros de Grupo certamente cometerei injustiças por não nomear todos os que compartilharam comigo as sessões de estudo, as discussões de texto, as organizações de eventos e uma dinâmica que demonstra que a pesquisa em Filosofia não precisa ser solitária e individualizada. Trabalhar com vocês tem sido engrandecedor e aprendo com todos diariamente. Meu agradecimento especial ao Lucas Baccarat e ao Bruno Poli, que estão comigo desde o início e acompanharam a minha angustiante, porém gratificante trajetória, transformando-se surpreendentemente em amigos próximos que levarei para a vida não importa em que lugar do mundo estejam. Aos meus companheiros atuais que permanecem na PUC-SP como Arthur, Maria Luiza, Sérgio, Dennys, Alessandra e Gabriel deixo meus votos de resiliência e de muitas realizações para que mantenham o espírito e o trabalho do Grupo ativos, mantendo um lugar de referência tanto para as gerações que já passaram quanto para as que ainda virão.

Agradeço também ao Prof. Ingolf Max e aos meus colegas e amigos Alfred Olszok e Julia Franke-Reddig, que me receberam durante meu doutorado sanduíche em Leipzig, na

Alemanha, abrindo as portas de sua universidade e de suas casas. Minha estadia e minha pesquisa não teriam sido tão proveitosas se não fosse por vocês.

Meu muito obrigada aos professores Alex Moura e Pedro Alves pela leitura cuidadosa do texto e observações pertinentes e desafiadoras realizadas durante a qualificação, que me permitiram avançar e melhorar o texto da tese proposta nas próximas páginas. Espero corresponder às expectativas.

Por fim, mas não menos importante, sou extremamente agradecida ao Victor, Sérgio e Nancy por serem minha segunda família em São Paulo e comemorarem comigo sejam as pequenas ou grandes vitórias com o mesmo entusiasmo e com muita pizza e vinho. Obrigada por cuidarem dos meus filhos e lar enquanto estive fora do país e me possibilitarem a tranquilidade para conduzir minha pesquisa cercada de amor e carinho.

Wissen Sie eine Antwort, meine Freund?

Nein, auch Sie nicht. Aber heute ist mehr Glauben
in inständigen Fragen als in irgend einer Antwort.

Wolfgang Köhler

RESUMO

A nossa investigação aponta Aron Gurwitsch como o primeiro fenomenólogo a utilizar princípios da Teoria *Gestalt* na fenomenologia, apresentando como ele os introduz na descrição da organização interna da sua proposta de estrutura da consciência. Ao indicar um paralelo entre a redução transcendental e a refutação da hipótese da constância, Gurwitsch justifica a presença dos princípios da *Gestalt* na dimensão transcendental. Estes princípios são utilizados pelo filósofo para subsidiar sua fenomenologia temática a partir do tema e a relação contextual deste com o campo temático, como estruturas objetivas norteadoras do fluxo de nossos estados de consciência. O que leva a uma renovação da atenção que deixa de ser subjetivamente dirigida e se desdobra numa série de modificações temáticas que demonstram que não há necessidade de uma subjetividade pura e externa aos atos de consciência para dirigi-los, unificá-los e identificá-los.

Palavras-chave: Fenomenologia; *Gestalt*; Aron Gurwitsch; Campo da consciência.

ABSTRACT

Our research points to Aron Gurwitsch as the first phenomenologist to use principles of *Gestalt* Theory in phenomenology, presenting how he introduces them into the description of the internal organization of his proposed structure of consciousness. By indicating a parallel between the transcendental reduction and the refutation of the constancy hypothesis, Gurwitsch justifies the presence of *Gestalt* principles in the transcendental dimension. These principles are used by the philosopher to support his thematic phenomenology based on the theme and its contextual relationship with the thematic field, as objective structures guiding the flow of our states of consciousness. This leads to a renewal of attention that ceases to be subjectively directed and unfolds in a series of thematic modifications that demonstrate that there is no need for a pure and external subjectivity to acts of consciousness to direct, unify and identify them.

Keywords: Phenomenology; *Gestalt*; Aron Gurwitsch; Field of consciousness.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Ilusão de Müller-Lyer	30
Figura 2 Vaso de Rubin	50
Figura 3 Noemata perceptiva.....	62
Figura 4 Tema em profundidade	64
Figura 5 Recorte sem profundidade.....	65
Figura 6 Teoria do holofote	91
Figura 7 Sequência de linhas	97
Figura 8 Linha singularizada	98
Figura 9 V latino ornamentado	98
Figura 10 F latino	99
Figura 11 Y latino.....	98
Figura 12 Linhas paralelas e retângulo.....	Erro! Indicador não definido.
Figura 13 A esfera da atenção (Arvidson, 2006).....	109

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 A HIPÓTESE DA CONSTÂNCIA E SEU CARÁTER FENOMENOLÓGICO 20	
1.1 Hipótese da constância e sua relação com a <i>Gestalt</i>.....	22
1.2 Relações e oposições como contexto: um roteiro possível	26
1.2.1 Helmholtz <i>versus</i> Hering: a oposição entre empirismo e nativismo	26
1.2.2 Psicologia empírica de Wundt.....	31
1.2.3 Psicologia empírica e temática de Franz Brentano.....	33
1.2.4 Christian von Ehrenfels e Ernst Mach: o surgimento da <i>Gestalt</i>	37
1.2.5 Meinong e a Escola de Graz: <i>Gestalt</i> como produção.....	39
1.2.6 Carl Stumpf, psicologia e fenomenologia	41
1.3 A Escola de Berlim e a Teoria <i>Gestalt</i>	45
1.3.1 Conexão entre partes e todo.....	47
1.3.2 Edgar Rubin e a relação figura-fundo.....	49
1.4 As reduções fenomenológicas e a hipótese da constância.....	51
2 A FENOMENOLOGIA TEMÁTICA INTERNAMENTE ESTRUTURADA DE ARON GURWITSCH	58
2.1 O noema perceptivo	59
2.2 A estrutura temática	62
2.3 O campo como estrutura	70
2.3.1 Além do horizonte: O campo como contexto	71
2.3.2 A atitude como campo	76
2.4 A tematização cogitativa.....	81
2.5 A discussão do ego puro.....	83
3 O CAMPO DA CONSCIÊNCIA: UMA PROPOSTA DE ORGANIZAÇÃO	88
3.1 O problema da atenção e a teoria do holofote.....	89
3.2 Modificações temáticas	92
3.2.1 A singularização	97
3.2.2 A sintetização.....	99
3.3 A crítica à doutrina do hylético	103
3.4 O campo da consciência.....	108
3.4.1 A consciência marginal.....	110

3.4.2	O halo como margem.....	112
3.4.3	O aspecto intrínseco e secundário da organização temporal	115
CONSIDERAÇÕES FINAIS		120
REFERÊNCIAS.....		123

INTRODUÇÃO

Esta tese é composta por dois momentos que indicam os principais objetivos a serem alcançados ao longo da investigação proposta. O primeiro é argumentar pela originalidade de Aron Gurwitsch na história da fenomenologia ao ser o primeiro autor a integrar a estes princípios da Teoria *Gestalt*; e o segundo é apresentar e avaliar como se dá a introdução desses princípios em sua proposta de estrutura da consciência. Tal empreitada será realizada a partir da leitura de seu texto *Phenomenology of thematics and of the pure ego: Studies of the relation between Gestalt theory and phenomenology*. A escolha desta obra, publicada originalmente em alemão em 1929 e traduzida ao inglês em 1966, em que pese seu caráter introdutório e inacabado, teve como objetivo marcar posição em dois horizontes: o do próprio trabalho do autor e nos debates com outros fenomenólogos.

Acreditamos que *Campo da Consciência* (1964), a obra mais conhecida e difundida de Gurwitsch, na qual ele defende a estruturação da consciência em tema, campo temático e margem, tem suas raízes muito bem fincadas no texto de 1929. Como o período que intercala seus dois trabalhos foi repleto de célebres publicações fenomenológicas, é importante acentuar que essa visão inovadora da descrição internamente estruturada da consciência é possibilitada pelo inédito aporte de componentes da Teoria *Gestalt* na fenomenologia, que depois ganhou notoriedade com Maurice Merleau-Ponty e suas publicações de 1938 e 1945¹. Como consequência dessa proposta, Gurwitsch também prenuncia a alternativa não-egológica da consciência da fenomenologia de maneira anterior ao texto de Jean Paul Sartre publicado em 1936². Dito isso, consideramos a investigação desta obra gurwitschiana fundamental para compreender o cenário fenomenológico da época.

Aron Gurwitsch (1901-73) nasceu numa família judia, num território agora reconhecido como Lituânia. Mudou-se um número expressivo de vezes, muito mais por conta de eventos externos, como o avanço do nazismo na Europa, do que por sua própria vontade. Não é de se admirar que para alguém como ele, o contexto tenha tanta relevância. Desde sua mudança para Alemanha, onde consolidou sua formação, como sua breve passagem pela França, lugar que proferiu seminários nos anos de 1930, dos quais participou Merleau-Ponty, até o seu exílio para os Estados Unidos, onde se tornou professor e encerrou sua carreira, cada momento na vida de Aron Gurwitsch parece ter sido determinante no desenvolvimento do seu trabalho.

¹ Respectivamente *Estrutura do Comportamento e Fenomenologia da Percepção*.

² *A Transcendência do ego*.

Podemos citar como exemplo quando Gurwitsch, ainda em seu primeiro ano na Universidade de Berlim, foi aceito, por engano, num seminário avançado de Carl Stumpf sobre David Hume. Na ocasião,

Ele ficou em silêncio por seis semanas. Depois perguntou como Hume poderia saber que uma ideia era mais fraca do que a impressão correspondente, a menos que a impressão fosse preservada ou reativada para comparação. Stumpf observou que este era realmente um problema genuíno e, a partir de então, passou a ter um interesse especial por Gurwitsch³⁴.

Gurwitsch na Alemanha se dedicou aos problemas ligados à fenomenologia e seu consequente desdobramento na estrutura da consciência. A partir daí, ele teve contato com pensadores que o ajudaram a consolidar uma base que o permitisse compreender e avançar na fenomenologia.

Sob a orientação de Stumpf, Gurwitsch preparou-se minuciosamente em matemática com Karatheodory, Schur, Schmidt e Rademacher e em física teórica com Max Planck e outros. Ele estudou filosofia com Riehl, Erdmann, Dessoir, Hofman e, claro, Stumpf, de quem também teve sua psicologia. No entanto, o impacto de Stumpf em Gurwitsch foi mais o da orientação de um professor do que da influência de um pensador; Gurwitsch sempre teve grandes divergências teóricas com Stumpf. Depois de estar em Berlim por dois anos, Gurwitsch foi enviado por Stumpf para Freiburg, onde Husserl lecionava⁵.

Já morando em Paris, numa noite na casa de Gabriel Marcel, Aron Gurwitsch foi apresentado a Maurice Merleau-Ponty, o qual havia lido exatamente a tese que exploramos aqui e perguntou ao lituano sobre a autoria.

Gurwitsch reconheceu que era seu trabalho. Merleau-Ponty observou que havia sido bastante influenciado por ele e começou a assistir às palestras de Gurwitsch e a vê-lo com frequência. Gurwitsch foi convidado para ir à casa de Merleau-Ponty. Merleau-Ponty leu alguns dos artigos de Gurwitsch antes da publicação, incluindo a versão publicada das palestras de Gurwitsch sobre psicologia da *Gestalt*. Gurwitsch transmitiu observações não publicadas sobre o famoso paciente de Goldstein, Schneider, a Merleau-Ponty⁶.

³ Essa e todas as traduções ao português que se seguirem ao longo de toda a tese foram realizadas pela autora.

⁴ “He kept silent for six weeks. Then he asked how Hume could know that an idea was fainter than the corresponding impression unless the impression was preserved or reactivated for the comparison. Stumpf remarked that this was indeed a genuine problem and thereafter took a special interest in Gurwitsch”. (2010c, p. 41).

⁵ “Under Stumpf’s advisement, Gurwitsch thoroughly prepared himself in mathematics under Karatheodory, Schur, Schmidt, and Rademacher and in theoretical physics under Max Planck and others. He studied philosophy under Riehl, Erdmann, Dessoir, Hofman, and, of course, Stumpf, from whom he also had his psychology. Yet the impact of Stumpf on Gurwitsch was more that of a teacher’s guidance than of a thinker’s influence; Gurwitsch has always had great theoretical differences with Stumpf. After he had been at Berlin for two years, Gurwitsch was sent by Stumpf to Freiburg, where Husserl was teaching” (2010c, p. 42).

⁶ “Gurwitsch acknowledged his work. Merleau-Ponty remarked that he had been quite influenced by it, and he began attending Gurwitsch’s lectures and saw him frequently. Gurwitsch was invited to Merleau-Ponty’s home. Merleau-Ponty read some of Gurwitsch’s articles prior to publication, including the published version of Gurwitsch’s lectures on *Gestalt* psychology. Gurwitsch conveyed unpublished observations on Goldstein’s famous patient Schneider to Merleau-Ponty” (2010c, p. 47).

No entanto, apesar de suas boas relações e referências, além das contundentes contribuições na fenomenologia, Gurwitsch não é um nome no qual você simplesmente “tropeça” na filosofia. Para chegar a ele você precisa saber o que está buscando, o que pressupõe uma pesquisa em pelo menos duas fases. A primeira para compreender a necessidade de conhecer o trabalho de Aron Gurwitsch; e a segunda para localizar a sua contribuição autoral para a fenomenologia. A origem dessa dificuldade é a existência de um certo roteiro consagrado entre as discussões na fenomenologia, nas quais o lituano não é tradicionalmente contemplado. Por exemplo, há uma reconhecida relação entre Husserl e Merleau-Ponty, há uma outra entre Merleau-Ponty e Teoria *Gestalt*. Porém, dificilmente se pergunta acerca do contexto que vincula Husserl, *Gestalt* e Merleau-Ponty, caso o fizessem pelo menos uma parte relevante da resposta teria que passar por Gurwitsch.

O fato é que o trabalho de Aron Gurwitsch foi pouco reconhecido no circuito fenomenológico europeu ao longo do século XX, sendo a causa mais provável o exílio forçado de Gurwitsch nos Estados Unidos por conta da 2ª Guerra Mundial. Foi na América do Norte que o autor viveu e lecionou até o final de sua vida e por isso é onde seu trabalho teve mais aderência.

A obra de Aron Gurwitsch é vasta e acompanha o desenrolar da própria fenomenologia. Porém, nesta ocasião, pretendemos nos concentrar na elucidação do pensamento gurwitschiano recuperando o protagonismo de seu primeiro trabalho, focando na relação inovadora proposta entre Teoria *Gestalt* e fenomenologia. Esse enfoque é necessário porque quando recepcionada, esta obra foi prioritariamente reconhecida pela interpretação do noema (perceptivo) husserliano, que deu início à polêmica com Føllesdal. Apenas de forma secundária, alguns poucos comentadores citaram a iniciativa de utilizar elementos da Teoria *Gestalt* numa revisão crítica à fenomenologia husserliana e como proposta de uma estrutura internamente organizada do campo da consciência.

O que se nota é que ao pesquisar a relação entre fenomenologia e *Gestalt*, por alguma razão, Gurwitsch tem seu trabalho omitido ou minimizado. Talvez o caso mais paradigmático seja o do próprio Merleau-Ponty⁷. Mesmo em comentadores comprometidos com a reconstrução histórico-filosófica da fenomenologia e de alguma forma familiarizados com o

⁷ “Aron Gurwitsch se considerava uma espécie de ‘padrinho’ da *Fenomenologia da Percepção*. E em correspondência a Alfred Schutz confessou: “Eu ouço uma quantidade enorme de minhas palestras no livro. Ele aprendeu muito comigo e assumiu muito. Não só nos detalhes, onde ele levou muitas coisas além. Duvido que ele tivesse tido a ideia de interpretar o material psicopatológico fenomenologicamente sem minha influência” (Grathoff, 1989, p. 94).

pensamento de Gurwitsch como Spiegelberg (1986, 1994)⁸, temos acesso a resumos superficialmente compostos de um ou dois parágrafos sobre as contribuições do lituano. O padrão se repete em Smith (1988), e mesmo em reconstruções históricas minuciosas a respeito da *Gestalt* como em Ash (1998), Gurwitsch não vai além das notas de rodapé. Felizmente, esse cenário vem mudando e podemos ver comentadores como Toadvine (2001) e Moran (2019) se redimindo com esse autor fundamental e reconhecendo – ainda que com certa surpresa – sua influência no debate fenomenológico. Houve também recentemente o lançamento de um livro dedicado a Gurwitsch por Aurora (2022), o que mostra uma tendência de resgate às obras do filósofo. No entanto, consideramos a iniciativa mais relevante, na direção de fazer justiça ao pensamento desse autor, a publicação dos três volumes do *The Collected Works of Aron Gurwitsch*, a partir de 2009, que democratiza de certa forma o acesso a todas as obras do fenomenólogo.

Nessa mesma direção, é preciso destacar o importante papel dos alunos de Gurwitsch na manutenção de seu legado. Foi por iniciativa deles que temos as duas obras com as quais debateremos por diversas vezes ao longo desta tese. São em trabalhos direcionados como *Life-World and Consciousness Essays for Aron Gurwitsch* (1972), organizado por Lester Embree, e *To Work at the Foundations Essays in Memory of Aron Gurwitsch* (1997), este último planejado a partir de uma reunião em novembro de 1991 dos seus antigos alunos na *New School for Social Research*, que temos uma melhor visão do alcance e relevância de sua contribuição. Os dois títulos explicitam duas preocupações recorrentes no pensamento do autor: a relação entre consciência e mundo e o trabalho nas fundações.

No Brasil ainda são raras as investigações sobre a obra gurwitschiana, mas elas existem. É possível encontrar boas referências no trabalho desenvolvido por Santos, que desde 2015 se dedica a Aron Gurwitsch e suas relações com outros autores. Temos também a recente publicação de um “Dossiê Especial Aron Gurwitsch”⁹, com diversos artigos dedicados ao filósofo. Por esse motivo, um dos objetivos desta tese é também dar mais um passo no reconhecimento de Aron Gurwitsch na história da fenomenologia e da filosofia.

É no espírito fundacional recorrentemente atribuído a Gurwitsch que retomamos sua primeira publicação como objeto de pesquisa. Se o seu pensamento sistemático levou décadas a ser desenvolvido de forma coerente e consistente até sua publicação em 1964, a inovação de sua proposta já consta na fase inicial da sua pesquisa. No título de *Phenomenology of thematics*

⁸ Ainda que em 1994 Spiegelberg reconheça que em *Campo da consciência* “a organização em uma estrutura fenomenológica é nova e esclarecedora”.

⁹ *Phenomenology, Humanities and Sciences*, v. 2-2, 2021

and of the pure ego: Studies of the relation between Gestalt theory and phenomenology, o filósofo lituano entrega os dois focos de sua discussão: a tematização dos conteúdos da consciência e a relação entre a Teoria *Gestalt* e a fenomenologia. É sempre pensando na conexão desses dois polos que ele desenvolve seu pensamento.

É importante ressaltar que o principal objetivo da tese de Aron Gurwitsch é diferente do objetivo primário da presente tese e, apesar de serem correspondentes, a ênfase é diferente. Gurwitsch utiliza a Teoria *Gestalt* como meio para um fim, ou seja, para subsidiar sua noção não egológica da consciência. Por outro lado, o nosso objetivo é, como o título indica, acompanhar o surgimento de uma *Gestalt* fenomenológica. Esse acompanhamento da possibilidade da aplicação dos elementos da Teoria *Gestalt* na fenomenologia será realizado por meio da descrição da sua fenomenologia temática e na explicitação da proposta introdutória da organização do campo da consciência.

Advogaremos que a relação entre fenomenologia e psicologia é uma consequência do próprio desdobramento da relação entre filosofia e psicologia. Aron Gurwitsch surge em um contexto que o autoriza fazer essa conexão, já que possuía acesso tanto às aulas de Husserl, desde 1922, quanto às leituras de teóricos da *Gestalt*, em sua 2ª geração.

Gurwitsch estudou com os líderes da psicologia da *Gestalt*, incluindo os famosos psicólogos da *Gestalt*, Adhemar Gelb e Kurt Goldstein, na Universidade de Frankfurt (1922 a 1928), que estavam envolvidos em um instituto que estudava lesões cerebrais. Foi em uma palestra de Gelb sobre a hipótese da constância que ele viu sua crítica como semelhante à redução fenomenológica¹⁰ (Moran, 2019, p. 9).

Em 1913, são publicadas as duas obras que vão nortear a proposta de Gurwitsch: *Ideias I*, de Edmund Husserl, e o artigo *Über unbemerkte Empfindungen und Ursteilstäuscungen*¹¹, de Wolfgang Köhler, um dos teóricos da *Gestalt*. Na primeira obra, temos a culminação da redução transcendental husserliana e a chamada virada idealista que pressupõe um ego puro; na segunda, temos pela primeira vez a refutação da hipótese da constância, contestando leis estabelecidas pela psicologia clássica e o papel da sensação e atenção na percepção. Gurwitsch vai ser o primeiro fenomenólogo a propor um paralelo entre esses dois procedimentos metódicos ao afirmar que a refutação da hipótese da constância “tem o mesmo significado e função metódica para psicologia que a redução transcendental tem para fenomenologia”¹².

¹⁰ “Gurwitsch studied with the leaders of *Gestalt* psychology, including the famous *Gestalt* psychologists, Adhemar Gelb and Kurt Goldstein, at the University of Frankfurt (1922 to 1928), who were involved in an institute studying brain injuries. It was in a lecture by Gelb on the constancy hypothesis that he saw its critique as akin to the phenomenological reduction”.

¹¹ Utilizaremos aqui a versão traduzida ao inglês e publicada em 1971 sob o título *On unnoticed sensations and errors of judgment*.

¹² “has the same significance and methodical function for psychology as the transcendental reduction has for phenomenology” (Gurwitsch, 2010a, p. 214).

Essa comparação, que num primeiro momento pode parecer indevida, não é resultado de descuido, mas pressupõe um profundo conhecimento sobre o cenário da psicologia e da filosofia de sua época. O que podemos notar a partir dessa comparação é que o não tematizado por Aron Gurwitsch continua a desempenhar um papel importante na estruturação do pensamento, sustentando e validando o que ele coloca no centro da investigação. Por esse motivo, acreditamos ser justificada a proposta de nosso primeiro capítulo, que oferece um preâmbulo da discussão acerca da hipótese da constância.

Este capítulo introdutório tem como principal objetivo explicitar o que o autor acredita tornar possível, que a refutação da hipótese da constância possa ser comparada à redução transcendental e com isso sustentar a proposta de aplicação da Teoria *Gestalt* em terreno transcendental. Para subsidiar o entendimento de tal proposição, desenvolvemos um roteiro que julgamos permitir compreender como a hipótese da constância foi construída, o papel importante que esta teve no desenvolvimento da filosofia e fenomenologia e porque sua refutação se torna igualmente relevante para Aron Gurwitsch. Numa abordagem dialógica com o desenvolvimento da Teoria *Gestalt*, a intenção do roteiro é apresentar a própria história da psicologia e filosofia não como uma soma de teorias desconexas, mas como momentos que influenciam uns aos outros de maneira que o paralelo proposto por Gurwitsch não seja tomado com surpresa, e sim como um desdobramento possível e pertinente. Importante destacar que não é nosso objetivo isentar a Teoria *Gestalt* de um ulterior naturalismo, mas compreender porque o fenomenólogo acredita que em sua fase descritiva essa teoria chega a ultrapassá-lo.

No segundo capítulo, o enfoque será na exposição do tema e campo temático como rede de relações internamente estruturadas, que ocupam lugar central na organização da experiência intencional. Para isso, precisaremos explicitar o que Gurwitsch apresenta como tema, comentar a inspiração no noema husserliano e como ele utiliza princípios da *Gestalt* para nortear a sua organização. Na sequência, evidenciaremos a noção de campo temático como fundo contextual do tema e descreveremos a relação que se dá entre eles, sobre a qual Gurwitsch usa como inspiração a conexão Figura-Fundo também advinda da Teoria *Gestalt*. Apontaremos que a relação entre tema e campo temático tem como base a diferença entre atualidade e inatualidade da consciência e a conectaremos com a discussão acerca do cogito e seu papel subjetivo limitado, que requer complementação para explicar o processo dinâmico que se dá na organização da consciência. A partir desta abordagem, iremos introduzir a discussão da necessidade do ego puro, explicando a posição de Aron Gurwitsch com base no seu comprometimento com a metodologia descritiva da fenomenologia.

Ao longo da discussão, evidenciaremos como Gurwitsch propõe uma organização estrutural, da qual é herdeiro tanto a partir da Escola de Brentano quanto da Escola de Berlim, na qual apesar de só poder ser descrita de um ponto de vista “estático” não tem a intenção de ignorar ou minimizar o fluxo do tempo. O fenomenólogo não chega a questionar em nenhum momento a importância do fator temporal na organização da consciência, apenas recusa de antemão a hipótese de que seja possível se limitar a ele. O fato dele não desenvolver uma discussão mais profunda sobre a questão está subsidiado, nessa ocasião, pela delimitação do escopo de sua investigação, que ele expressamente aponta como *Ideias I*, obra na qual Edmund Husserl também não explora a temporalidade na fenomenologia transcendental.

Nosso terceiro e último capítulo culmina na explicitação do uso da Teoria *Gestalt* em duas das maiores contribuições de Aron Gurwitsch para a fenomenologia, na sua recusa à teoria da atenção clássica e na descrição da primeira proposta de organização do que o autor chama de campo da consciência. Apontaremos como, em base a relação de tema e campo temático, o autor muda o caráter subjetivo da atenção transformando-o em objetivo, ao propor três séries de modificações temáticas que expõem que a atenção como função unitária mascara mudanças fenomenais importantes, as quais deixam de ser descritas em favor da manutenção de uma ideia de conteúdo constante, o que Gurwitsch evidencia como herança remanescente da hipótese da constância já refutada pela Teoria *Gestalt*. É a partir dessa mudança com acento na objetividade que o fenomenólogo fundamenta a primeira versão da organização do campo da consciência. Nesta, o autor propõe como caráter inatual não apenas o campo temático, mas uma consciência marginal da qual fazem parte o halo e o horizonte. Ao expor a relação destes com o centro temático, Gurwitsch precisará garantir a unidade e identidade de nossos estados mentais sem recorrer a uma subjetividade pura transcendente a eles, o que ele pretende alcançar viabilizando uma proposta que privilegia uma estruturação objetivamente orientada e internamente organizada.

É importante ressaltar que não acreditamos que Aron Gurwitsch entregue soluções definitivas para as questões que percorrem a fenomenologia, para ele, a Teoria *Gestalt* não é uma resposta ao problema transcendental, está longe disso. Talvez a proposta esteja mais na direção de fazer novas perguntas. Perguntas que mantêm a temática, mas que agora contam com um campo ampliado por comportar também uma alternativa de organização estruturada internamente. E, quando se trata do proceder filosófico, por vezes a pertinência da pergunta é ainda mais válida que o conforto de uma resposta. Nesse sentido, pretendemos mostrar nesta tese que o filósofo lituano cumpre sua função. Ele expõe o problema a partir de um novo contexto, que na visão dele é coerente com a proposta transcendental, sem desvirtuar o

programa fenomenológico, já que em última instância não precisa recorrer a uma idealidade subjetiva absoluta e se mantém fiel às descrições fenomenológicas.

1 A HIPÓTESE DA CONSTÂNCIA E SEU CARÁTER FENOMENOLÓGICO

Aron Gurwitsch é uma peça-chave na abordagem fenomenológica da Teoria *Gestalt*, sendo o primeiro a apresentar uma interpretação filosófica dessa teoria consolidada na psicologia. A posição estratégica adotada pelo fenomenólogo nos entrega dois horizontes distintos nos quais ele atua como uma espécie de conciliador. Por esse motivo, propomos começar esta tese explicitando que a *Gestalt* sempre esteve conectada com o desenrolar da filosofia e que sua aplicação na fenomenologia condiz com o seu desenvolvimento. Descartar os aportes da Teoria *Gestalt* acusando-a de ser apenas mais uma psicologia naturalista que descreve dados sensíveis, como Edmund Husserl faz em *Nachwort*,¹³ segundo Gurwitsch, é não reconhecer o valor e o impacto da refutação da hipótese da constância ao menos como um outro tipo de naturalismo ao qual a fenomenologia se opunha inicialmente.

Ao referir a psicologia da Gestalt à tradição lockeana, Husserl ignora a sua novidade essencial. Não se trata de uma nova teoria ou descrição dos dados dos sentidos quando Wertheimer opõe a ‘tese da Gestalt’ à ‘tese do pacote’. Parece que Husserl, na declaração citada acima, tem apenas essa oposição em vista. Esta oposição adquire o seu sentido pleno e concreto apenas em conexão com o abandono da hipótese da constância. Como consequência desta renúncia, a descrição e investigação do que é dado à consciência é emancipada de considerações sobre constelações de estímulos. O que é dado deve ser tomado e descrito pelo valor de face. Nenhum conhecimento de coisas e eventos objetivos, nenhuma consideração sobre o que ‘deve’ ocorrer, dados certos estímulos, e as relações entre eles, devem influenciar a descrição pura¹⁴ (Gurwitsch, 2010b, p. 125).

¹³“Es macht hier offenbar, prinzipiell gesprochen, keinen Unterschied, ob man die psychischen Daten ‘atomistisch’ zusammengeweht sein läßt wie Sandhaufen, obschon nach empirischen Gesetzen, oder ob man sie als Teile von Ganzen ansieht, die, sei es in empirischer oder apriorischer Notwendigkeit, nur allein als solche Teile auftreten können; zu oberst etwa in dem Ganzen des gesamten Bewußtseins, das an eine feste Ganzheitsform gebunden ist. M. a. W., atomistische wie Gestaltpsychologie verbleiben in demselben prinzipiellen Sinn des (mit dem oben Gesagten sich definierenden) psychologischen „Naturalismus“, der mit Rücksicht auf die Rede vom ‘inneren Sinn’ auch ‘Sensualismus’ heißen kann”. (Husserl, 1930, p. 565)

“Aparentemente, falando em princípio, não faz diferença aqui se deixamos os dados psicológicos serem fundidos ‘atomisticamente’ como montes de areia, embora de acordo com leis empíricas, ou se os vemos como partes de um todo que, seja em termos empíricos ou necessidade a priori, só pode aparecer como tais partes; no topo, por exemplo, no todo da consciência, que está ligada a uma forma holística fixa. Em outras palavras, a psicologia atomística e a psicologia gestalt permanecem no mesmo sentido fundamental de o (que é definido pelo que foi dito acima) ‘naturalismo’ psicológico, que também pode ser chamado de ‘sensualismo’ em vista da conversa sobre o ‘sentido interior’”.

¹⁴ “By referring Gestalt psychology to the Lockean tradition, Husserl overlooks its essential novelty. It is not a question of a new theory or description of sense data when Wertheimer opposes the ‘Gestalt thesis’ to the ‘bundle thesis’. It seems that Husserl, in the statement cited above, has that opposition alone in view. This opposition acquires its full and concrete sense only in connection with the relinquishment of the constancy hypothesis. As a consequence of this relinquishment, the description and investigation of what is given to consciousness is emancipated from considerations concerning constellations of stimuli. What is given must be taken and described at face value. No knowledge of objective things and events, no considerations as to what “must” occur, given certain stimuli, and the relations between them, must influence pure description”.

Não é nossa intenção neste capítulo tentar igualar psicologia à fenomenologia, não é tampouco o que pretendia Gurwitsch. O que defendemos é um horizonte comum, mas com tematizações diferentes, as quais permitem, sim, traçar um paralelo, dada as devidas proporções, como o proposto pelo fenomenólogo. Pretendemos, portanto, já a partir deste primeiro capítulo, apresentar porque Gurwitsch acreditava ser possível uma abordagem fenomenológica da *Gestalt*.

O desenvolvimento de uma teoria fenomenológica do campo da consciência com a ajuda dos conceitos teóricos da Gestalt é possível se, e somente se, os conceitos em questão se prestam a uma incorporação numa teoria fenomenológica da consciência e a uma interpretação segundo linhas fenomenológicas. Isto, por sua vez, pressupõe que exista uma certa convergência entre a orientação geral da fenomenologia e a da teoria da Gestalt¹⁵ (Kockelmans, 1972, p. 264).

A base de sustentação para essa convergência é, sem dúvida, a defesa de que a refutação da hipótese da constância é em algum nível comparável à redução transcendental. Porém, acreditamos que esse paralelo só pode ser razoavelmente debatido ou contestado quando se compreende o surgimento da hipótese da constância e como ela se apresenta como um problema não estritamente psicológico, mas filosófico, e que por isso sua refutação também reverbera não só filosoficamente, mas de maneira especial na fenomenologia.

Começar por desbravar esse problema para entender Gurwitsch não é uma abordagem convencional, visto que seu trabalho é na maioria das vezes tomado somente do ponto de vista de um comentador de Husserl. Porém, concordamos aqui com a análise de Kockelmans (1972, p. 264), ao reconhecer que, sim,

Gurwitsch queria examinar até que ponto a visão de Husserl poderia ser corrigida pelo emprego de *insights* trazidos à luz pela teoria da *Gestalt*, com a qual o próprio Husserl não estava familiarizado. Havia, no entanto, um segundo objetivo a ser alcançado por essas investigações: Gurwitsch também queria ‘apontar os problemas filosóficos e, em particular, epistemológicos decorrentes da teoria da *Gestalt*’.¹⁶

Compreender como uma teoria da psicologia pode levantar tais problemas só é uma surpresa para aqueles que desconhecem a origem e o desenvolvimento da *Gestalt*. Um dos grandes méritos de Gurwitsch é nos dar um exemplo de como um novo olhar (a descrição direta

¹⁵ “The development of a phenomenological field theory of consciousness with the help of Gestalt theoretical concepts is possible if, and only if, the concepts in question lend themselves to an incorporation into a phenomenological theory of consciousness and to an interpretation along phenomenological lines. This, in turn, presupposes that there is a certain convergence between the general orientation of phenomenology and that of Gestalt theory”.

¹⁶ “Gurwitsch wanted to examine to what degree Husserl’s view could be corrected by employing insights brought to light by *Gestalt* theory, with which Husserl himself was not familiar. There was, however, a second goal to be achieved by these investigations: Gurwitsch also wanted ‘to point out the philosophical and, in particular, the epistemological problems arising out of *Gestalt* theory’”.

dos fenômenos) sobre um velho problema (a hipótese da constância) pode influenciar o desenvolvimento da filosofia.

1.1 Hipótese da constância e sua relação com a *Gestalt*

A hipótese da constância costuma passar despercebida nas discussões sobre a *Gestalt* ou muitas vezes relegada a simples nota de rodapé, como se o seu surgimento e sua refutação fossem momentos um tanto óbvios ou de discussão filosófica ultrapassada. O que a *Gestalt* e Gurwitsch nos mostram é que, diferente de como é frequentemente tratada, não existe nada de superficial nesta hipótese. É acerca disso que basicamente iremos falar nas próximas páginas.

Além disso, apesar do termo *Gestalt* ser mais explorado e implicar literatura mais vasta, ele geralmente é utilizado com certa ingenuidade. Existe uma série de diferenças e peculiaridades que envolvem a noção de *Gestalt* que, geralmente, são ignoradas. Nesta tese, vamos nos concentrar na Teoria *Gestalt*, proposta pela Escola de Berlim, porém, não é possível negar que há mais de uma *Gestalt*. Isso ocorre por diversas razões, como diferentes aplicações e teorias, escolas e precursores distintos. Como Ash (1998, p. IX) aponta:

O termo ‘psicologia da *Gestalt*’ teve múltiplos referentes. Tem sido usado como designação para pesquisas sobre a experiência da forma ou do todo em geral e, portanto, também para o trabalho de psicólogos e filósofos sobre esses temas que não fizeram parte da escola berlinense. Os contemporâneos às vezes empregavam o termo quando se referiam a dois grupos, a escola de Graz ou austríaca de Alexius Meinong e Christian von Ehrenfels, e a escola de Leipzig dirigida por Felyx Krueger, que chamava sua doutrina de ‘psicologia holística’¹⁷.

Mesmo dentro da Teoria *Gestalt* da Escola de Berlim há diferenças. Com efeito, Gurwitsch faz distinções relevantes que requerem certo contexto para serem reconhecidas. Conforme avança em sua análise, Gurwitsch (2010a, p. 233) percebe que “dois tipos distintos de conexão *Gestalt* emergem, e um não deve ser interpretado em termos do outro”¹⁸. São eles, a conexão estrutural do todo em relação às suas partes e a conexão figura-fundo. Cada conexão mencionada tem origem diferente, mas ambas proporcionam a interpelação que Gurwitsch precisa para interpretar a experiência sobre uma nova perspectiva, ainda que sejam colocadas no mesmo plano pela Escola de Berlim,

¹⁷ “The term ‘*Gestalt* psychology’ has had multiple referents. It has been used as designation for research on the experience of form or wholes in general, and hence also for the work of psychologist and philosophers on these topics who were not part of the Berlin school. Contemporaries sometimes employed the term when speaking of two groups, the Graz or Austrian school of Alexius Meinong and Christian von Ehrenfels, and the Leipzig school headed by Felyx Krueger, who called his doctrine ‘holistic psychology’”.

¹⁸ “Two distinct kinds of *Gestalt* connection emerge, and the one must not be interpreted in terms of the other”.

Nosso objetivo imediato é fornecer um contexto que permita entender o surgimento e a importância da hipótese da constância e o surgimento e desdobramento da *Gestalt*. Como veremos, esses dois aspectos se entrelaçam e a evolução do primeiro impulsiona o surgimento do segundo. A partir da investigação da hipótese da constância, poderemos acompanhar o surgimento da *Gestalt*, primeiro como qualidade, depois como psicologia e finalmente como a teoria responsável pelas questões que Gurwitsch se baseia para propor uma nova forma organizacional da consciência e nossa relação com o sentido.

Primeiramente, é importante lembrar que a hipótese da constância é um conceito (tardio) introduzido pelos teóricos da *Gestalt*. É primeiramente citado por Köhler (1913) e depois definido sistematicamente por Koffka (1915) para identificar um elemento comum a toda uma tradição psicofisiológica presente no século XIX: a tese de que o que é dado na sensação é determinado por condições objetivas relevantes e, sendo assim, condições objetivas qualitativamente similares dão origens a sensações qualitativamente similares. Dito de outra forma, há uma conexão constante entre estímulo e sensação. Köhler (1971, p. 14) utiliza o termo em seu artigo de 1913 para designar “a suposição básica de que as correlações em questão têm uma validade geral além das observações”¹⁹.

Essa é uma explicação básica e habitualmente replicada quando surge a necessidade de esclarecimento. Porém, antes de ser nomeada e refutada pela Escola de Berlim, como a hipótese da constância era conhecida? Por que ela surgiu? E, principalmente, qual o seu papel na psicologia da época? Esses são questionamentos no mínimo pertinentes para entender o porquê de sua refutação permitir uma revisão da psicologia e da própria fenomenologia. Por esses motivos marcamos aqui o início do nosso percurso.

A fim de estabelecer um ponto de partida, voltaremos a Kant, no século XVIII, ou melhor dito, à recusa de Kant em conceder à psicologia o *status* de ciência. Em 1786, Kant afirma no prefácio de seu livro *Fundamentos Metafísicos da Ciência Natural* que a psicologia não poderia ser uma ciência porque não contava com fundamentação *a priori*. Na época, a psicologia nunca poderia empregar a matemática, na opinião de Kant, porque seus dados empíricos não têm dimensões espaciais e, portanto, existem apenas na única dimensão do tempo e a matemática não poderia ser aplicada a fenômenos puramente mentais, então a psicologia poderia ser apenas empírica, dependendo inteiramente de uma coleção de dados indutiva ou *a posteriori*.

¹⁹ “[...] the basic assumption that the correlations in question have a general validity beyond observations”.

A designação da psicologia como empírica não marcou o fim da crítica de Kant. No mesmo prefácio, ele afirma ainda que a psicologia não chega nem a ser uma boa disciplina empírica, já que não pode controlar seus fenômenos, ou seja, não pode ser experimental. Isso porque não apenas não podemos ter acesso aos pensamentos de outros indivíduos, mas mesmo quando tentamos ter acesso ao nosso próprio pensamento (auto-observação), nós o distorcemos. A partir dessa posição, é possível acompanhar um movimento, que percorreu boa parte do século XIX, visando provar que Kant estava errado e garantir que a psicologia fosse considerada uma ciência²⁰. Na verdade, como veremos ao longo da nossa discussão, essa aversão kantiana à psicologia – que influencia Husserl – leva Gurwitsch a revisar as soluções propostas pelo autor da *Crítica Da Razão Pura*.

Um passo inicial da consolidação da psicologia como ciência foi dado por Johann Friedrich Herbart quando em 1824 publicou o seu *Psicologia como ciência (Psychologie als Wissenschaft)*, no qual introduz o seu trabalho como uma pesquisa que visa a uma psicologia que pudesse quantificar as representações (*Vorstellungen*) pela diferença de suas intensidades.

O objetivo deste trabalho é realizar uma pesquisa da alma que se assemelhe à pesquisa natural; na medida em que pressupõe a conexão completamente regular dos fenômenos em todos os lugares, e a segue examinando os fatos, por conclusões cuidadosas, por hipóteses ousadas, testadas e corrigidas, finalmente, onde pode estar, considerando as magnitudes e o cálculo²¹ (Herbart, 1824, p. 1).

Para Herbart, se os fenômenos psicológicos pudessem ser distinguidos como mais ou menos intensos, poderíamos atribuir valores numéricos aos diferentes graus de intensidade e, assumindo que todo aumento na intensidade de uma representação resulta em uma diminuição proporcional na intensidade de outra representação, poderíamos explicar a dinâmica psicológica por meio de um modelo de equilíbrio que poderia ser descrito em termos de equações matemáticas exatas. Entretanto, Herbart não conseguiu chegar a uma magnitude que pudesse medir as representações de forma equivalente como eram medidas as grandezas das ciências naturais.

É preciso ter em vista também que o século XIX é o período de um intenso desenvolvimento da fisiologia. Nesse ambiente, um próximo passo importante é dado pelo médico Ernst Heinrich Weber, o qual defendeu que para uma magnitude da sensação ser perceptualmente diferente, a intensidade do estímulo associado precisaria ser aumentada em

²⁰ Leary (1978) fornece um completo percurso do qual vamos utilizar alguns pontos, ressaltando apenas o que consideramos mais relevante ao propósito de nossos objetivos.

²¹ “Die Absicht dieses Werkes geht dahin, eine Seelenforschung herbeizuführen, welche der Naturforschung gleiche; in so fern dieselbe den völlig regelmässigen Zusammenhag Erscheinungen überall voraussetzt, und ihm nachspürt durch Sichtung der Thatsachen, durch behutsame Schlüsse, durch gewagte, geprüfte, berichtigte Hypothesen, endlich, wo es irgend seyn kann, durch Erwägung der Grössen und durch Rechnung”.

uma proporção constante de si mesma. Assim, Weber acha uma conexão entre o estímulo físico e o aspecto mental que ele chama “diferença apenas perceptível”. Essa é a “Lei de Weber”.

Foi Gustav Theodor Fechner, usando como base o trabalho de Weber, quem usou essa “diferença apenas perceptível” como unidade de medida. Ele encontrou uma função matemática que relacionasse a variação da magnitude de uma sensação experimentada com a variação da intensidade real do estímulo físico, a reconhecida “Lei de Fechner”²². A aludida lei foi que sustentou as afirmações do seu livro *Elementos da psicofísica (Elemente der Psychophysik)*, em 1860, ao criar uma base para o desenvolvimento da psicofísica, concretizando as aspirações de Herbart e refutando a argumentação kantiana.

Com o desenvolvimento de uma teoria quantificável da sensação, Fechner garante a possibilidade da psicologia experimental como método controlável, ainda que fosse possível medir as sensações apenas de forma indireta. Essa lei influenciou nítida e diametralmente, por exemplo, os trabalhos de Helmholtz, um dos pioneiros na proposição de uma ciência da sensação, e Wundt, o fundador do primeiro laboratório de psicologia experimental em Leipzig, na Alemanha.

Por estar na origem desse movimento, é essa lei que simboliza o que mais tarde os teóricos da *Gestalt* vão chamar de “hipótese da constância”. Aqui já ficam claras a importância e as implicações da sua refutação. Porém, o que mostraremos a seguir é que o desenvolvimento e aprimoramento dessa lei corre quase que paralelamente ao surgimento da *Gestalt* e da fenomenologia.

A Lei de Fechner era reforçada por uma visão atomística do universo quase onipresente no século XIX, onde e quando a percepção de complexos era uma questão polêmica e geralmente resolvida pela explicação que a sensação de um todo corresponde em última instância à soma de seus estímulos elementares.

O que os teóricos da *Gestalt* perceberam é que essa tradição, apesar de muitas vezes ter sua efetividade questionada, viu sua vida útil ser prolongada ao longo dos tempos. Ao invés de acatar as suas revisões, certa tradição se impunha ao ganhar hipóteses auxiliares que ajudavam na sua manutenção. Como Köhler reconhece em seu artigo de 1913, “Uma vez descobertas algumas dessas leis relativamente sólidas, existe uma tendência muito natural e justificada de considerá-las válidas, mesmo em circunstâncias em que a sua validade ainda não esteja

²² $S = K \cdot \log R$, em que S é a magnitude da sensação, K é uma constante e R é a magnitude do estímulo. A relação é logarítmica, isto é, uma série aumenta em progressão aritmética e a outra em progressão geométrica.

estabelecida ou onde possa ser difícil de provar”²³. Assim, quando os dados objetivos não davam conta de explicar as percepções era necessário agregar à experiência sempre algum tipo de processo cognitivo que ajudaria a organizar, dar sentido ou revelar algo já existente nas sensações elementares. Um processo que supostamente transformaria sensação em percepção, eliminando assim as disparidades.

A grande contribuição da teoria *Gestalt* seria justamente radicalizar a psicologia da época propondo uma nova abordagem que refute não apenas o elementismo da sensação, como também questione o papel do intelecto na estrutura e organização da percepção, pois são duas faces da mesma moeda. Ou seja, cada elemento desta dicotomia reforça o outro. E este é o fator fundamental na proposta de Gurwitsch a respeito de conceder à *Gestalt* impactos importantes na fenomenologia.

1.2 Relações e oposições como contexto: um roteiro possível

O século XIX é repleto de correntes psicológicas que surgem simultaneamente e concorrem entre si. Ainda assim, de alguma forma, todas elas influenciam positivamente ou negativamente na manutenção da hipótese da constância e/ou surgimento da *Gestalt*. A partir de alguns exemplos paradigmáticos que ilustram, embora certamente não esgotam, o cenário da psicologia do século XIX e do começo do século XX, pretendemos fornecer uma base razoável para compreender com mais clareza as reivindicações de Aron Gurwitsch.

1.2.1 Helmholtz *versus* Hering: a oposição entre empirismo e nativismo

Uma das polêmicas mais famosas do século XIX se dá entre a fisiologia mecanicista de Helmholtz e a fisiologia organicista de Hering. As implicações do pensamento desses estudiosos são notáveis. Para citar algumas, basta lembrar que antes de fundar o primeiro laboratório de psicologia, Wundt foi assistente de Helmholtz, e Hering chega a ser citado por Husserl como um dos primeiros cientistas a utilizar o método fenomenológico, além de ter influenciado o pensamento de Stumpf e, por consequência, a Escola de Berlim. Ash esclarece que:

A psicologia *Gestalt* começou como uma revisão radical de três dualismos sobrepostos que dominaram a teoria da percepção e a pesquisa no último terço do

²³ “Once a number of such relatively solid laws have been discovered, there is a very natural and together justify tendency to regard them as valid, even under circumstances where their validity is not yet established or where it may be difficult to prove” (1971, p. 13).

século dezenove: sensação *versus* intelecto, processos periféricos *versus* centrais e categorias fisiológicas *versus* psicológicas. Para Herman Helmholtz, indiscutivelmente o principal psicólogo sensorial de sua época, esses três dualismos eram equivalentes. Em seus esforços para reformar esse esquema, os teóricos da *Gestalt* mobilizaram suposições alternativas e modelos teóricos propostos pelo principal oponente de Helmholtz, o fisiologista de Leipzig Ewald Hering²⁴.

Tal disputa foi resumida por Helmholtz como uma luta entre o empirismo (Helmholtz) e o nativismo (Hering). Em suma, pela possibilidade da percepção se desenvolver a partir da experiência ou se por um processo inato. Porém, como coloca Pastore, para Hering a questão se apresentava em outros termos: “[...] nesta discussão, é evidente que Hering considerou a controvérsia empirista-nativista como realmente uma controvérsia entre espiritualismo e fisiologia”²⁵.

Aos objetivos desta tese, o mais relevante é o fato de ambos defenderem tipos de fisiologia distintos, porque a questão se desenha na forma como se organiza o processo perceptivo do ponto de vista fisiológico do sujeito. A distinção entre sensação e percepção ganha relevância científica a partir da teoria das energias nervosas específicas de Johannes Müller, em 1826. Helmholtz desenvolve seu pensamento na esteira dessa teoria aliada à epistemologia kantiana:

A qualidade da experiência sensível depende primeiramente da constituição específica do aparelho nervoso, apenas secundariamente da constituição do objeto percebido. A qual esfera de qualidade do sentido uma sensação ocorrente pertence não depende de objetos externos, mas exclusivamente do tipo de nervo atingido. Qual sensação particular da esfera de qualidade encontrada será gerada, isso, acima de tudo, depende da natureza do objeto externo que estimula a sensação²⁶ (Helmholtz, 1867, p. 194).

O fato de Helmholtz pensar a sensação e a percepção tomando como base teórica a filosofia kantiana e a mecânica newtoniana irá determinar a sua postura no embate com Hering. Numa espécie de “naturalização” de Kant, Helmholtz irá partir do pressuposto de que as leis que regem as ciências naturais são responsáveis por estruturar os fenômenos. Sendo assim, poderíamos dizer que também para Helmholtz todo conhecimento parte da sensação, mas não

²⁴ “*Gestalt* psychology began as a radical revision of three overlapping dualisms that dominated perceptual theory and research in the last third of the nineteenth century: sensation versus intellect, peripheral versus central processes, and physiological versus psychological categories. For Herman Helmholtz, unquestionably the leading sensory physiologist of his time, these three dualisms were equivalent. In their efforts to reform this schema, the *Gestalt* theorists mobilized alternative assumptions and theoretical models proposed by Helmholtz’s leading opponent, Leipzig physiologist Ewald Hering” (Ash, 1998, p. 52).

²⁵ “[...] in this discussion it is evident that Hering regarded the empiricist-nativistic controversy as actually a controversy between spiritualism and physiology” (Pastore, 1974, p. 380).

²⁶ “die Qualität der sinnlichen Empfindung hauptsächlich von der eigen thümlichen Beschaffenheit des Nervenapparats abhängt, erst in zweiter Linie von der Beschaffenheit des wahrgenommenen Objects. Zu dem Qualitätenkreise welches Sinnes die entstehende Empfindung gehört, hängt sogar gar nicht von dem äusseren Objecte, sondern ausschliesslich von der Art des getroffenen Nerven ab. Welche besondere Empfindung aus dem betreffenden Qualitäten kreise hervorgerufen wird, erst dies hängt auch von der Natur des äusseren Objectes ab, welches die Empfindung erregt”.

se fundamenta nela. Então, apesar de haver a negação da premissa de que a sensação pura seja suficiente para garantir uma percepção, pressupõe-se a existência dela como ponto de partida para construção da percepção. Isso porque o estímulo que provinha do “objeto real”, externo ao sujeito, era a causa, enquanto a sensação era o efeito correspondente. Entretanto, Helmholtz (1867, p. 194) alerta que:

A qualidade da sensação não é, portanto, de forma alguma idêntica à qualidade do objeto pelo qual é evocada, mas em termos físicos é apenas um efeito da qualidade externa em um aparelho nervoso especial e, para nossas ideias, a qualidade da sensação é, por assim dizer, apenas um símbolo, uma marca de qualidade objetiva²⁷.

Nota-se que Helmholtz não era um realista, ele não acreditava que as sensações correspondiam exatamente aos objetos exteriores (nenhum dos adeptos da hipótese da constância acreditava). Para ele, as sensações atuavam como sinais do mundo exterior, fornecendo uma espécie de “mapa” que podia ser seguido a partir de inferências realizadas pelo sujeito, as quais forneciam a posição e a forma dos objetos no espaço. Porém, essas inferências – apesar de serem realizadas pelo sujeito – não eram feitas de modo consciente. Helmholtz acreditava que as inferências eram interpretadas de forma inconsciente e assim davam origem às percepções espaciais. Ou seja, apenas a sensação não podia garantir as representações a respeito da forma e localização dos objetos externos. Por exemplo, a determinação da distância entre o objeto e o sujeito – da profundidade visual – requereria inferências inconscientes que são obtidas através da experiência e memória.

Para os teóricos da *Gestalt*, essa hipótese tem como consequência um círculo vicioso em que se explica o que pressupõe. É necessário haver constância na apreensão dos estímulos exteriores que forneça subsídio sensível correspondente para que a interpretação possa ser adequada à realidade. Ou seja, para a hipótese da constância permanecer válida, ela precisa da hipótese da interpretação e a hipótese da interpretação só é possível pressupondo a hipótese da constância. De acordo com Köhler (1971, p. 33), “Uma vez que tenhamos decidido mais ou menos desconsiderar a observação e construir teorias na obscuridade do despercebido, não há mais sentido na definição de teorias e suposições auxiliares”²⁸.

Daí se desdobra o embate. Hering considerava a teoria de Helmholtz “espiritualista”, já que a interpretação do sujeito atuaria como um deus *ex machina* para salvar a imprecisão dos

²⁷ “Die Qualität der Sinnesempfindung ist also keineswegs identisch mit der Qualität des Objects, durch welche sie hervorgerufen wird, sondern sie ist in physischer Beziehung nur eine Wirkung der äusseren Qualität auf einen besonderen Nervenapparat, und für unsere Vorstellungen ist die Qualität der Empfindung gleichsam nur ein Symbol, ein Erkennungszeichen für die objective Qualität”.

²⁸ “Once we have decided more or less to disregard observation and to construct theories in the obscurity of the unnoticed, there is no more point in definiteness of theories and auxiliary assumptions”.

estímulos objetivos. Segundo Hering (1900, p.168), a fisiologia de Helmholtz não reconhecia suas limitações:

Sabemos, graças a Helmholtz, que qualquer alteração repentina no estado da fibra nervosa causada por algum estímulo se propaga ao longo da fibra com uma velocidade mensurável e, além disso, quão grande é aproximadamente essa velocidade. Mas a natureza exata dessa alteração e o caráter exato do processo propagado ao longo da fibra, não sabemos²⁹.

Helmholtz, por sua vez, acusava Hering de nativismo porque este atribuiria as transformações na sensação à estrutura orgânica “inata” do sujeito e ignoraria a importância da experiência e aprendizagem na construção da percepção. Contudo, para Hering, suas teorias não negam a influência da experiência no processo perceptivo. Estas só têm impacto diferente em nosso sistema nervoso. Hering acredita que a fisiologia não segue uma cadeia causal nem hierárquica. O cérebro não atua como “espírito”, mas processaria de forma fisiológica as informações e o sistema nervoso (via memória orgânica), como um todo, mudaria e se reorganizaria em um processo autônomo proporcionando a percepção. Hering, inclusive, discordava de como Helmholtz direcionou a teoria de Johannes Müller:

Estou convencido de que Johannes Müller não teria aceitado tal visão, pois sua concepção da biologia era completamente monista, e ele não teria negado à célula do cérebro o que deve ser concedido ao organismo unicelular mais baixo, ou seja, uma maior ou menor amplitude de variabilidade qualitativa da sua vida interior³⁰ (Hering, 1900, p. 179).

Isso implica que Hering, ao contrário de Helmholtz, tomava a percepção a partir dos fenômenos, dedicando-se a uma abordagem mais qualitativa do que quantitativa no que dizia respeito à sensação, concentrando-se no resultado da interação entre sujeito e objeto e não numa hipótese interpretativa da sensação. Segundo Fréchette (2018, p. 24), “Hering não precisa de outro conceito de percepção como Helmholtz, e pode acomodar a Lei de Müller simplesmente acrescentando que o espaço objetual, o espaço dos objetos, é algo que pensamos com base na nossa experiência e nas nossas inferências”³¹. Nessa abordagem, não há diferença entre sensação e percepção. Seguindo essa discussão, um recurso muito utilizado para marcar

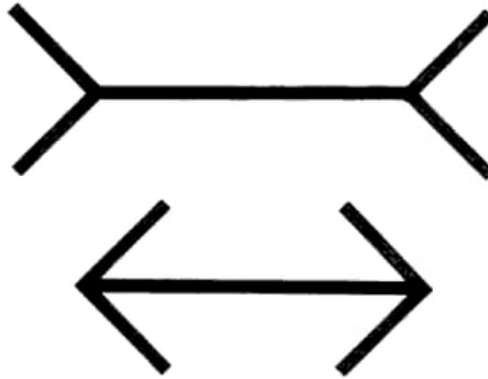
²⁹ “We know, thanks to Helmholtz, that any sudden alteration in the condition of the nerve-fiber caused by some stimulus, is propagated along the fiber with a measurable speed, and further, how great this speed approximately is. But the exact nature of that alteration, and the exact character of the process propagated along the fiber, we do not know”.

³⁰ “I am convinced that Johannes Müller would not have accepted such a view, for his conception of biology was thoroughly monistic, and he would not have denied to the cell of the brain what must be conceded to the lowest unicellular organism, namely a more or less wide qualitative variability of its inner life”.

³¹ “Hering has no need for a further concept of perception as does Helmholtz, and can accommodate Müller’s law by simply adding that objectual space, the space of objects, is something that we think on the basis of our experience and of our inferences”.

posicionamento acerca da percepção, para além de nossas experiências cotidianas, consistia na análise de ilusões de ótica.

Figura 1 – Ilusão de Müller-Lyer



Fonte: Merleau-Ponty (2011)

Por exemplo, podemos nos relacionar com essa imagem de duas formas. A primeira, da perspectiva de Helmholtz, o qual afirmaria que as duas retas possuem objetivamente o mesmo tamanho, porém, são percebidas de tamanhos diferentes porque nossa experiência subjetiva nos proporciona inferências inconscientes que nos fazem perceber diferente do que de fato sentimos. Hering, por outro lado, afirmaria que as retas como “objetos vistos” são percebidas de tamanhos diferentes e precisamos trabalhar a partir desta percepção. Ash explica que em Hering:

essa distinção não era uma questão de debate epistemológico; se esses fenômenos são ‘objetivos’ ou ‘subjetivos’, se eles são ‘realmente’ experimentados diretamente ou se concluem a partir de ‘sensações despercebidas’, não vinha ao caso. Aceitar a realidade psicológica dos objetos vistos era uma necessidade metodológica.³²

O que podemos concluir é que, tanto Helmholtz quanto Hering estudam fenômenos perceptivos, porém, de formas diferentes. Essas posturas refletem o método que ambos escolheram para trabalhar suas hipóteses, enquanto Hering é citado como um dos pioneiros do método fenomenológico, descrevendo fenômenos, o empirista, como revela Patton, segue outro caminho: “A abordagem Helmholtz ‘naturaliza’ Kant usando os métodos das ciências naturais para investigar a atividade mental”³³. O que não se pode ter dúvida é que a recepção das duas propostas teve impacto fundamental na construção de uma ciência da sensação e da percepção.

³² “this distinction was not a questions for epistemological debate; whether these phenomena are 'objective' or 'subjective', whether they are 'really' experienced directly or conclude from 'unnoticed sensations', was beside the point. Accepting the psychological reality of seen objects was a methodological necessity” (Ash, 1998, p. 55).

³³ “Helmholtz’s approach ‘naturalizes’ Kant by using the methods of natural science to investigate mental Activity” (Patton, 2018, p. 97).

1.2.2 Psicologia empírica de Wundt

Quando lança o seu famoso *Fundamentos da psicologia fisiológica* (*Grundzüge der physiologischen Psychologie*), em 1874, Wundt dá um passo adiante e tenta aprofundar a teoria da percepção sensorial, fazendo uma espécie de conciliação entre nativismo e empirismo e ampliando a noção de consciência.

Eu espero, que no presente trabalho, eu tenha conseguido mostrar a inadequação do empiricismo fisiológico moderno, bem como a relativa justificativa para o nativismo e a necessidade que ambas as concepções apontam para uma teoria psicológica mais profunda”³⁴ (Wundt, 1910, p. vi).

Nesse sentido, Wundt se dedica a desenvolver uma psicologia fisiológica. O psicólogo aproveita o avanço exponencial da fisiologia que ocorre a partir da segunda metade do século XIX para reforçar suas teorias psicológicas. Ele declara que “o adjetivo 'fisiológico' implica simplesmente que nossa psicologia se valerá de todos os meios que a fisiologia moderna coloca à sua disposição”³⁵. Até então, a única teoria que ele reconhecia como bem-sucedida de uma psicologia fisiológica era a de Fechner, a quem dedica espaço em sua obra para agradecer a possibilidade de avanço da psicologia. Além disso, era a opinião de Wundt que o fato de a psicologia estar sempre muito ligada à filosofia atrasou o processo de desenvolvimento de um método experimental adequado.

No entanto, Wundt ressalta que utilizar a fisiologia como base para o método experimental da psicologia não significa reduzir a última à primeira. Não era sua pretensão sucumbir ao materialismo. Segundo ele, assim como houve uma adaptação do método experimental da física na aplicação da fisiologia, haverá também uma adaptação do método fisiológico à psicologia, já que reconhece que apenas a mensuração de estímulos não dá conta de explicar o funcionamento dos processos psíquicos. Desse modo, a fisiologia será tomada como uma base topológica e quantitativa que direciona, mas não resume a psicologia experimental.

Segundo o autor, não se trata de fazer uma distinção entre físico e psíquico. O organismo é complexo, todavia, unitário. Wundt explica que “então há muitos fenômenos da vida física que estão uniformemente conectados com processos conscientes, enquanto estes, por sua vez,

³⁴ “I hope that, in the present work, I have succeeded in showing the inadequacy of modern physiological empiricism, as well as the relative justification for nativism and the necessity with which both conceptions alike point to a more profound psychological theory”.

³⁵ “the adjective “physiological” implies simply that our psychological will avail itself to the full of the means that modern physiology put at its disposal for the analysis of conscious processes” (Wundt, 1910, p. 2).

estão sempre ligados a processos no corpo vivo”³⁶. Por isso, na obra de 1874 não há uma divisão entre externo e interno, mas entre processos psíquicos elementares, como as sensações, e compostos psíquicos, como as representações. É importante notar que a ideia de uma totalidade não é estranha aos psicólogos da época, o problema era se o elementismo ainda era pressuposto por trás dela, como acontecia com Wundt. Esse trabalho do psicólogo se mostra como a continuação da sua obra anterior *Beiträge* (1862), onde já se apresentava uma percepção logicamente estruturada, à qual a *Gestalt* se opunha. Ganha destaque nesse quesito a noção de síntese criativa.

O processo perceptivo pensado por Wundt resumia-se em três fases. À primeira, o psicólogo chama de coligação, uma espécie de conexão de diversos fatos elementares (sensações) de acordo com suas frequências e constâncias. A segunda ele nomeia de síntese, na qual é construído um todo unitário, a partir das sensações conectadas pela coligação, dando lugar a um novo elemento que é formado por essas sensações, mas não reduzido a elas. É nesse segundo estágio que a psicologia de Wundt se diferencia das outras teorias chamadas de associacionistas e ganha uma característica própria: a síntese criativa. Wundt não defende apenas que todos percebidos são conexões associativas, mas que a combinação de sensações elementares criaria um elemento novo, mostrando que o todo é mais que a soma de suas partes³⁷. Suponhamos que temos dois pontos de estímulos que correspondam a duas sensações musculares nas retinas, essa correspondência dá origem à coligação, mas a percepção precisa ir além:

Aqui começa a atividade de síntese. Ao isolar as sensações retinianas, mas, ao mesmo tempo, medindo-os pelo padrão emprestado do sentido muscular, molda a percepção à forma, o impulso coercitivo que reside nas impressões sensoriais, à forma espacial. A síntese na percepção é, portanto, uma atividade criativa, uma vez que constrói o espaço; mas esta atividade criativa não é de forma alguma arbitraria; as impressões sensoriais e os acidentes externos que desempenham seu papel na síntese tornam absolutamente necessário que o espaço seja reconstruído com fidelidade absoluta. A forma espacial é a única forma que pode surgir da manipulação lógica dos elementos dados do conhecimento, e a forma espacial é, portanto, o produto necessário dessa manipulação³⁸ (Wundt, 1862, p. 44).

³⁶ “there are many phenomena of the physical life that are uniformly connected with conscious processes, while these in turn are always bound up with processes in the living body” (Wundt, 1910, p. 1).

³⁷ Por esse motivo, essa frase não caracteriza a *Gestalt*, apesar de ser atribuída a ela. Outros psicólogos muito antes do surgimento da *Gestalt* compartilhavam essa ideia, porém, o elementismo de suas teorias ainda encontrava na hipótese da constância uma base sólida.

³⁸ “Here begins the activity of synthesis. In isolating the retinal sensations, but at the same time measuring them by the standard borrowed from the muscular sense, it moulds perception to the form, the constraining impulse to which lies in the sense-impressions, - to the spatial form. Synthesis in perception is thus a creative activity, since it constructs space; but this creative activity is in no way arbitrary; the sensory impressions and the external accidents that play their part in synthesis make it altogether necessary that space be reconstructed with absolute fidelity. The spatial form is the only form that can issue from the logical manipulation of the given elements of knowledge, and the spatial form is therefore the necessary product of this manipulation”.

Por último, Wundt defendia como terceira fase da percepção a analogia, a qual dependia da síntese, que por sua vez dependia da coligação. A analogia teria o papel de se conectar com experiências anteriores e a partir delas nos antecipar uma percepção. Ou seja, nossas experiências anteriores nos forneceriam um esquema que nossas novas experiências apenas completariam com novas informações perceptivas.

Wundt mantém uma hipótese da constância não exatamente nos moldes de Fechner e por isso ganha uma versão chamada de hipótese da assimilação. Segundo a Escola de Berlim, essa hipótese tem como um dos desafios explicar o fato de que, apesar do nosso acesso primitivo ser de sensações elementares, as quais precisam ser posteriormente sintetizadas para ganhar unidade, o que encontramos são objetos definidos em nosso campo perceptivo.

O objetivo da hipótese de assimilação determina seu conteúdo. Uma vez que os sentidos, de acordo com a hipótese da constância, fornecem apenas uma soma de sensações, e uma vez que encontramos objetos em nosso mundo perceptivo, a experiência deve ter acrescentado algo a essa soma de sensações. Mas como conhecemos apenas o objeto realmente percebido, a teoria da assimilação tem que ir além: não apenas o grupo de sensações despertadas pela estimulação atual deve reproduzir imagens da experiência anterior, mas estas últimas devem se fundir com as primeiras em uma unidade na qual muitas propriedades dos primeiros são perdidas, e nos quais os dois tipos de elementos, sensorial e imaginárias, são indistinguíveis³⁹ (Koffka 1935, p. 103).

Ou seja, desde o princípio se pressupõe a analogia, que depende necessariamente da fusão (síntese), a qual transforma em unidade um conjunto de sensações elementares (coligação), que por sua vez dá origem a algo totalmente novo, há um círculo vicioso. O grande problema, segundo os teóricos da *Gestalt*, é que partir de sensações elementares e desconexas leva à questão ulterior da necessidade de uma organização extrínseca.

1.2.3 Psicologia empírica e temática de Franz Brentano

No mesmo ano de 1874 em que Wundt lança o trabalho que serve de base para sua psicologia, Franz Brentano publica o seu *Psicologia do ponto de vista empírico (Psychologie vom empirischen Standpunkte)*, o qual apresenta uma abordagem empírica, mas que não utiliza um método derivado das ciências naturais. A partir da delimitação do objeto com a noção de

³⁹ “The goal of assimilation hypothesis determines its content. Since the senses, according to the constancy hypothesis, furnish only a sum of sensations, and since we find objects in our perceptual world, experience must have added something to that sum of sensation. But since we know only the actually perceived object the assimilation theory has to go further: not only must the group of sensations aroused by the present stimulation reproduce images of previous experience, but these latter must fuse with the former into a unity in which many properties of the former are lost, and in which the two kinds of elements, sensory and imaginal, are indistinguishable”.

intencionalidade e do método com a proposta de percepção interna, a intenção de Brentano não era rivalizar com a vertente experimental, mas definir a psicologia diante da fisiologia.

Outro aspecto peculiar e muito importante da psicologia empírica proposta pelo psicólogo é a não contraposição a uma perspectiva ideal. Já no prefácio da obra, Brentano afirma que (1995, p. xxv) “Meu ponto de vista psicológico é empírico; só a experiência é minha professora. No entanto, compartilho com outros pensadores a convicção de que isso é inteiramente compatível com um certo ponto de vista ideal”⁴⁰. Seguindo essa linha, Brentano defende uma divisão entre componentes e estruturas necessários para a vida psíquica (alvo de sua psicologia descritiva) e explicações causais de origem física ou fisiológicas (objetos da psicologia genética e metodologicamente dependentes dos resultados descritivos).

Em seu livro, Brentano reconhece os avanços obtidos por Herbart, Weber e Fechner, mas alerta para limitações da psicofísica e da Lei de Fechner. Ele pondera que:

Sempre será incontestável o grande mérito de Weber e Fechner terem rejeitado o juízo do senso comum neste assunto como um pré-juízo, e ter nos mostrado o caminho para uma demonstração segura. Embora, se não estou enganado, eles presumiram muito cedo que haviam alcançado a meta e, portanto, ao corrigir a suposição original, eles apenas substituíram uma definição incorreta por uma que poderia estar correta⁴¹ (Brentano, 1995, p. 51).

A pretensão de Brentano era alcançar rigor e a qualidade científica similar à da matemática e acreditava que a análise descritiva era uma ferramenta que garantia esse resultado. Para avançar nesse caminho, ele precisa delimitar o objeto do qual iria se ocupar e por isso estabelece uma distinção importante entre fenômenos psíquicos e fenômenos físicos, alegando que o objeto da psicologia se restringe aos fenômenos psíquicos. Isso não leva a uma distinção entre substâncias, mas difere dois tipos de fenômenos, no caso, os fenômenos psíquicos apresentam a intencionalidade como qualidade intrínseca, ou seja, todo fenômeno psíquico se caracteriza por possuir em si algo como objeto⁴².

Em nossa presente investigação, a introdução da intencionalidade leva a uma retificação importante: Ter em si algo como objeto marca o começo de uma tradição temática que se desenvolverá na fenomenologia. É a esta tradição que Aron Gurwitsch irá se filiar e propor desdobramentos, como veremos no próximo capítulo. O fenômeno psíquico por meio da

⁴⁰ “My psychological standpoint is empirical; experience alone is my teacher. Yet I share with other thinkers the conviction that this is entirely compatible with a certain ideal point of view”.

⁴¹ “It will always be incontestably to the great merit of Weber and Fechner to have rejected common sense judgement in this matter as a pre-judice, and to have shown us the way to a sure demonstration. Although, if I am not mistaken, they assumed too soon that they had reached the goal, and thus, in correcting the original assumption, they only substituted an incorrect definition for one which could possibly have been correct.”

⁴² Nesta obra, Brentano ainda não havia feito a distinção precisa entre objeto e conteúdo, utilizando ambas como sinônimos.

intencionalidade tematiza seu objeto/conteúdo, sendo assim, quando eu escuto um som, o fenômeno psíquico é o escutar que tematiza o fenômeno físico som.

O segundo grande e complementar aporte brentariano foi a especificação de um método fundado na percepção interna (*innere Wahrnehmung*). Ao se diferenciar da percepção externa e da introspecção, a percepção interna abre uma perspectiva de solução que anteriormente tinha como problema ou a submissão da psicologia aos resultados das ciências naturais ou uma regressão ao infinito. Graças a ela, tornou-se possível e necessário que ao mesmo tempo que o fenômeno psíquico se dirija a um objeto, ele também se dirija a si mesmo, ainda que nesse último caso não faça isso de maneira temática.

Esses resultados mostram que a consciência da apresentação do som ocorre claramente em conjunto com a consciência desta consciência, pois a consciência que acompanha a apresentação do som é uma consciência não tanto desta apresentação, mas de todo o ato mental em que o som é apresentado, e no qual a própria consciência existe concomitantemente. Além de apresentar o fenômeno físico do som, o ato mental de ouvir torna-se ao mesmo tempo seu próprio objeto e conteúdo, tomado como um todo⁴³ (Brentano, 1995, p. 100).

Com essa proposta, Brentano de alguma forma se posiciona na polêmica entre nativismo e empirismo abordada anteriormente. A co-consciência, advinda da percepção interna, não deixa espaço para inferências inconscientes. Nesse sentido, ele concorda com Hering que o espaço não é algo dado inconscientemente por meio de sinais posteriormente interpretados, mas já é acessado na própria percepção. Ao mesmo tempo, a diversidade presente em único estado mental e a partir dele dá origem à demanda de uma proposta de unificação. Como Brentano (1995, p. 120) reconhece, “Nossa investigação mostrou que onde quer que haja atividade mental há uma certa multiplicidade e complexidade. Mesmo no estado mental mais simples, um objeto duplo está imanentemente presente”⁴⁴. Conforme alertamos, a intencionalidade e a percepção interna são complementares e por isso, ainda que marquem o direcionamento a objetos/conteúdos diferentes, são momentos de um único ato.

A consciência do objeto primário e a consciência do objeto secundário não são cada uma um fenômeno distinto, mas dois aspectos de um mesmo fenômeno unitário; nem o fato de o objeto secundário entrar em nossa consciência de várias maneiras eliminou a unidade da consciência. Nós os interpretamos, e tivemos que interpretá-los, como partes de um ser real unificado⁴⁵ (Brentano, 1995, p. 120).

⁴³ “These results show that the consciousness of the presentation of the sound clearly occurs together with the consciousness of this consciousness, for the consciousness which accompanies the presentation of the sound is a consciousness not so much of this presentation as of the whole mental act in which the sound is presented, and in which the consciousness itself exists concomitantly. Apart from the fact that it presents the physical phenomenon of sound, the mental act of hearing becomes at the same time its own object and content, taken as a whole”.

⁴⁴ “Our investigation has shown that wherever there is mental activity there is a certain multiplicity and complexity. Even in the simplest mental state a double object is immanently present”.

⁴⁵ “Our investigation has shown that wherever there is mental activity there is a certain multiplicity and complexity. Even in the simplest mental state a double object is immanently present. At least one of these objects is conscious

Para além disso, segundo Brentano, todo ato é uma representação (*Vorstellung*) a partir do qual outros atos se desdobram. Ou seja, o ato psíquico elementar é o representar e a partir deste se constrói o julgar e, posteriormente, o amar e o odiar. A psicologia descritiva de Brentano é reconhecida por estudar estaticamente a estrutura destes atos intencionais e a relação entre eles, dando origem a uma teoria de partes e todo que influenciará toda uma geração de psicólogos e filósofos. Ele compreendia a vida psíquica como uma unidade, porém, complexa e articulada entre si. Essa articulação evidenciava relações de dependência não causais, sendo essa uma das grandes marcas da sua psicologia estrutural que será herdada pelos membros da chamada Escola de Brentano e chegará até a Escola de Berlim.

No entanto, o aspecto fundacional das ideias de Brentano para a psicologia estrutural não o deixou imune à hipótese da constância. Ainda que concorde com o posicionamento de Hering a respeito do espaço e tenha eliminado a noção de sensações inconscientes, Brentano admite o que chama de ilusões de juízo (*Urteilstäuschung*). Ao analisar a ilusão de Müller-Lyer (Figura 1), ele acredita que percebemos objetivamente o tamanho das linhas iguais, contudo, julgamo-las como diferentes.

Os casos de Müller-Lyer são tais que o dado subjetivamente na verdade corresponde ao dado objetivamente (duas linhas de comprimentos iguais), mas o paradoxo vem da avaliação julgadora errada do dado subjetivamente. Em outras palavras, o paradoxo vem da nossa rejeição de ($a_{\text{subj. dado}} = a_{\text{obj. dado}}$), onde a representa as linhas de comprimentos iguais⁴⁶ (Fréchette, 2018, p. 28).

Segundo os teóricos da *Gestalt*, o que deve ser questionado é por que continuamos a rejeitar o que é objetivamente dado mesmo sabendo que se trata de uma ilusão. É necessário explicar como realizamos um juízo que não condiz com o que é dado objetivamente mesmo sabendo se tratar de uma ilusão. Esse posicionamento é condizente com a hipótese da constância e a pregnância das características fenomenais, que continuam a se apresentar dissonantes dos estímulos objetivos, deve ser investigada. Para Köhler (1971, p. 29), “Este é um fato surpreendente e só pode ser uma questão das características da própria percepção. Em última análise, toda a ‘ilusão’ deve estar enraizada nestas propriedades”⁴⁷.

in more than one way: it is not simply the object of a presentation but of a judgement and [a feeling] as well. But this lack of simplicity was not a lack of unity. The consciousness of the primary object and the consciousness of the secondary object are not each a distinct phenomenon but two aspects of one and the same unitary phenomenon; nor did the fact that the secondary object enters into our consciousness in various ways eliminate the unity of consciousness. We interpreted them, and had to interpret them, as parts of a unified real being”.

⁴⁶ “Müller-Lyer cases are such that the subjectively given actually matches the objectively given (two lines of equal lengths), but the paradox comes from the wrong judgemental evaluation of the subjectively given. In other words, the paradox comes from our *rejection* of ($a_{\text{subj. given}} = a_{\text{obj. given}}$), where a stands for the lines of equal lengths”.

⁴⁷ “This is an astonishing fact and can only be a matter of the characteristics of the perception ‘tself. Ultimately the whole “illusion” must thus be rooted in these properties”.

Brentano é um exemplo típico de um autor que influencia positivamente os teóricos da *Gestalt* ao mesmo tempo que ainda representa a manutenção da hipótese da constância que estes precisarão refutar. O psicólogo é o responsável por desenvolver uma escola que contará com uma série de desdobramentos através de seus ilustres alunos, os quais irão intervir de forma contundente na discussão que estamos desenvolvendo. Husserl explorará a perspectiva subjetiva, Meinong será o responsável pela criação de uma complexa teoria dos objetos, enquanto Stumpf desenvolverá uma psicologia e fenomenologia com caráter experimental e será o professor responsável pela formação dos fundadores da Escola de Berlim. Todavia, antes de chegar a eles, é importante compreender um outro episódio de grande influência: a discussão entre Christian von Ehrenfels e Ernst Mach.

1.2.4 Christian von Ehrenfels e Ernst Mach: o surgimento da *Gestalt*

Ehrenfels é influenciado diretamente pelo trabalho de Ernst Mach – *A análise das sensações (Die Analyse der Empfindungen)*, publicado em 1886. É a partir da leitura desse texto que Ehrenfels propõe em seu artigo (“Über ‘Gestaltqualitäten’”) o conceito de “qualidade *Gestalt*”, e entrega uma análise detalhada em 1890. Mach foi o primeiro a perceber que reconhecemos melodias e não uma soma de notas musicais. Ou seja, independentemente do fato de escutarmos uma melodia em tons diferentes, conseguimos reconhecê-la como similar, o mesmo acontece ao nos depararmos com figuras de dimensões diferentes quando reconhecemos a similaridade de suas formas (*Gestalten*). Essa pode parecer uma questão trivial, mas vai de encontro à teoria elementista da época e por essa razão, a percepção de complexos passa a ser um assunto que será abordado por diversas teorias da percepção.

Ainda que ambos concordem sobre a existência da qualidade *Gestalt* e na forma imediata como ela se apresenta, tal noção de qualidade revela uma série de distinções conceituais e metodológicas entre os dois pensadores, que faz com que haja discordância na abordagem do problema. Uma das mais importantes é que Ehrenfels, como um aluno da Escola do Brentano, faz diferença entre psicologia genética e psicologia descritiva, enquanto essa separação não é abordada dentro do contexto do monismo neutral de Mach, o que eventualmente leva à problematização do reducionismo de sua proposta à sensação.

Segundo Ehrenfels, na psicologia genética postula-se que uma forma espacial ou uma melodia não se originam fora da consciência como algo completo, pelo contrário, ambas sempre dependem de uma integração ou síntese por parte do sujeito. Por outro lado, a psicologia descritiva tem como questão o que precisamente são as formações representacionais dadas em si mesmas. É vinculando a investigação da qualidade *Gestalt* à psicologia descritiva que

Ehrenfels elabora a famosa pergunta: “É a melodia a mera soma [*Zusammenfassung*] de elementos, ou algo novo em relação a essa soma de elementos, algo que certamente vai de mãos dadas com, mas é distinguível de, uma soma de elementos?”⁴⁸

Com essa distinção em mente, Ehrenfels reconhece que o termo “sensação” em Mach contém uma certa peculiaridade e pode ser entendido de duas maneiras. Caso vinculado à questão da psicologia descritiva, Ehrenfels acredita que Mach está ciente que não usa o termo com uma designação precisa, “Mach desejava apenas dar proeminência à imediação de certas impressões e da sua independência de todo processo intelectual da parte do sujeito perceptivo”⁴⁹. Porém, Mach compromete-se com a proposta de uma sensação muscular⁵⁰ (que lhe deixa mais próximo dos problemas da psicologia genética e, por consequência, da hipótese da constância).

Ehrenfels, no entanto, alerta que tal pressuposição deixaria o argumento de Mach vulnerável a contradições, como exemplo, o fato de só podermos “sentir” o que é simultaneamente presente para nós, o que daria conta de uma *Gestalt* não-temporal como uma figura espacial, mas não conseguiria fundamentar uma *Gestalt* temporal como a melodia. Por este motivo ele acredita que Mach concebe a sensação de uma forma *suis generis*.

Ao defender a existência da percepção de complexos, pode-se pensar que a qualidade *Gestalt* é um contraponto à visão elementista que prevalecia na psicologia da época, porém, o que ocorre é que Ehrenfels – que também foi aluno de Meinong – acreditava que essa percepção, apesar de existir independentemente da soma dos elementos sensíveis, era fundada a partir deles. Segundo Ehrenfels,

Por *Gestalt* nós entendemos um conteúdo positivo de representação vinculado na consciência com a presença de complexos elementos mutuamente separáveis (ou seja, independentemente apresentáveis). Aquele complexo de representações que é necessário para a existência de uma qualidade *Gestalt*, nós chamamos de fundação [*Grundlage*] dessa qualidade⁵¹.

O que mostra que o reconhecimento da *Gestalt* como qualidade é apenas um primeiro passo dado em direção à psicologia e depois na sua consolidação como teoria. O grande ganho das propostas de Mach e Ehrenfels é a constatação que a *Gestalt* nos é dada imediatamente na

⁴⁸ “Is a melody a mere sum [*Zusammenfassung*] of elements, or something novel in relation to this sum, something that certainly goes hand in hand with, but is distinguishable from, the sum of elements?” (Ehrenfels, 1988, p. 82, tradução nossa).

⁴⁹ “Mach wished merely to give prominence to the immediacy of certain impressions and to their independence from all intellectual processing on the part of the perceiving subject” (Ehrenfels, 1988, p. 83, tradução nossa)

⁵⁰ Esse termo foi usado anteriormente por Wundt para explicar a profundidade.

⁵¹ “By a *Gestalt* we understand a positive content of presentation bound up in consciousness with the presence of complexes of mutually separable (i.e. independently presentable) elements. That complex of presentations which is necessary for the existence of a given *Gestalt* quality we call the foundation [*Grundlage*] of that quality” (Ehrenfels, 1988, p. 93, tradução nossa).

percepção, não sendo resultado da atividade mental do sujeito. Porém, Ehrenfels não explica como a memória, necessária para a retenção das notas musicais, atuaria sem comprometer o caráter imediato da percepção da melodia.

1.2.5 Meinong e a Escola de Graz: *Gestalt* como produção

Alexius Meinong é um filósofo de grande importância para discussão da qualidade *Gestalt*. Aluno de Brentano e professor de Ehrenfels, Meinong propõe uma nova classificação de objetos desenvolvida a partir da revisão da relação intencional proposta pelo seu professor que leva a uma divisão entre objetos de ordem inferior e ordem superior, que depois será utilizada como base para as proposições da Escola de Graz. Gurwitsch destaca sua contribuição:

Meinong tem expressado esta distinção, na qual ele mesmo insiste enfaticamente, de uma maneira muito pregnante contrastando o *inferiora* com o *superius*. A mesma distinção fundamenta a teoria da produção de Benussi, para a qual a hipótese da constância fornece uma base adicional⁵².

O filósofo concorda com Ehrenfels que temos conhecimento sensível da qualidade *Gestalt* ao mesmo tempo que frisa a impossibilidade de reduzi-la a simples sensações, mas ressalta que falta fundamentação por parte de Ehrenfels acerca da apreensão imediata desta qualidade. Para dar conta desse problema, ele segue o mesmo eixo de Twardowski⁵³ e propõe a distinção entre objeto e conteúdo, não realizada por Brentano ao descrever a relação intencional.

Em seu texto publicado em 1889, “Sobre objetos de ordem superior e sua relação com a percepção interna” (*Über Gegenstände höherer Ordnung und deren Verhältnis zur inneren Wahrnehmung*), Meinong parte do pressuposto de que toda apreensão é um ato mental, todo ato mental tem um conteúdo e todo conteúdo se refere a um objeto intencional. Dito isto, o conteúdo sempre existe, mas o objeto intencional pode existir ou não (ex. quando imagino uma montanha dourada), ou seja, o conteúdo da minha imaginação existe ainda que a montanha dourada não exista. Twardowski percebeu que objetos intencionais possuem características espaciais mesmo que não existam, no caso a montanha tem uma extensão e uma coloração, porém, conteúdos podem não possuir estas qualidades. Meinong estende essa proposição de Twardowski para qualidades temporais, aliado a isso, ele faz uma divisão entre dois tipos de

⁵² “Meinong has expressed this distinction, upon which he himself emphatically insists, in a very pregnant way contrasting the inferiora to the superius. The same distinction underlies Benussi’s theory of production, for which the constancy hypothesis provides a further foundation” (Gurwitsch, 2009, p. 278).

⁵³ Kazimierz Twardowski foi um dos representantes da Escola de Brentano e o primeiro a publicar sobre a diferença entre objeto e conteúdo em sua tese, em 1894.

seres: existentes e subsistentes, na qual objetos de ordem inferior existem e fundam objetos de ordem superior que subsistem, e como exemplos de objetos de ordem superior temos relações e complexos.

Essas definições aplicadas na discussão da melodia e qualidade *Gestalt* ganham a seguinte perspectiva: as notas musicais são objetos de ordem inferior que existem e fundam a melodia, um complexo de notas musicais, que subsiste como objeto de ordem superior e é fundada pela existência das notas musicais. Apesar da distinção entre os tipos de objetos, ambos são reais e entidades objetivas, e ainda que a melodia seja um objeto distribuído no tempo, ela é apreendida de forma imediata por meio de um conteúdo que tem característica temporal diferente, a saber, de forma não distribuída temporalmente⁵⁴.

Neste caso, a *Gestalt* se consolida como um objeto de ordem superior e, como adiantou Gurwitsch, essa classificação servirá como ponto de partida para a Teoria da Produção. Smith esclarece que:

Ao insistir que *Gestalten* deve sua existência como objetos de experiência exclusivamente a uma atividade específica de ‘produção’ por parte de sujeitos experimentadores, os membros da escola de psicologia de Graz basearam-se na divisão anterior de Meinong de objetos de experiência em ‘existentes’, e objetos ‘subsistentes’, argumentando que apenas os primeiros podem ser experimentados diretamente na sensação. Se tivermos representações deste último, que estão fora do espaço e do tempo, então a fonte dessas representações não pode ser uma afecção dos sentidos; portanto, deve existir alguma outra atividade psíquica não sensorial que torne tais representações possíveis: esta é precisamente a atividade de produção⁵⁵.

A Escola de Graz é reconhecida por tentar provar de forma experimental as afirmações de Meinong. Grande parte dos trabalhos era com base em figuras ambíguas, as chamadas ilusões de ótica, já que seus membros acreditavam que por esses materiais possuírem um dado sensível constante, qualquer tipo de juízo sobre as representações que demonstrassem ambiguidade ou percepção objetivamente “equivocada” precisaria ser produção unicamente do sujeito.

A Teoria da Produção é detalhada principalmente pelo psicólogo Vittorio Benussi, que ao contrário de seus outros colegas de Graz, não acreditava que a ambiguidade fosse uma simples produção de ilusões, seja de juízo ou de sensação, mas consistia em um tipo particular de percepção da forma que obedecia a leis específicas de organização. Como consequência desse posicionamento, Benussi propõe a mudança de termo “ilusão” para “representação

⁵⁴ Para mais detalhes, cf. (Sweet, 1993).

⁵⁵ “In insisting that *Gestalten* owe their existence as objects of experience exclusively to a specific activity of “production” on the part of experiencing subjects, the members of the Graz school of psychology drew on Meinong's earlier division of objects of experience into 'existent', and 'subsistent' objects, arguing that only the former can be experienced directly in sensation. If we have presentations of the latter, which are outside space and time, then the source of these presentations cannot be an affection of the senses; hence there must exist some other, non sensory psychic activity which makes such presentations possible: this is precisely the activity of production” (Smith, 1994, p. 258, tradução nossa).

inadequada” (*inadequäten Vosrtellen*). Mais tarde, ele atribui a percepção da forma à origem *asensorial*, uma clara tentativa de desvincular suas descrições como um desenvolvimento direto do termo “produção” do Meinong, sem deixar de defender que a percepção da forma não dependia da ação do estímulo, mas de condições internas e do entendimento do sujeito.

Benussi tenta marcar sua posição no debate com a Escola de Berlim defendendo que a *Gestalt* era apreendida como uma representação, não resultado de um juízo. Ou seja, ainda que apreendida no mesmo nível da sensação, a representação se diferenciava desta de forma genética. Para Köhler (1971, p. 34), a mudança do termo não importa porque a base permanecia a mesma.

Por que razão é que os investigadores que estamos a discutir ainda colocam tanta ênfase nesta distinção? Não conheço outra explicação além da seguinte, uma explicação que eles não admitirão para si mesmos ou para nós: O estímulo determina os dados dos sentidos!⁵⁶

No final das contas, a *Gestalt* ainda podia ser determinada por estímulos objetivos e pelo mesmo conteúdo sensível, ainda que não fosse “produto” deles. Nesses termos, Benussi continuava a pressupor a hipótese da constância como base, ainda que não atribuísse a percepção da *Gestalt* a ela.

1.2.5 Carl Stumpf, psicologia e fenomenologia

No horizonte que estamos construindo, Carl Stumpf talvez seja um dos nomes mais influentes. Primeiramente, porque foi professor de Husserl, dos teóricos da Escola de Berlim e de Aron Gurwitsch. Mas principalmente porque é a partir dele que temas centrais como a possibilidade da separação entre matéria e forma; partes dependentes e independentes; o papel da atenção; e a importância da psicologia para o debate fenomenológico, tornam-se objeto de discussão de Gurwitsch, sobre os quais iremos nos dedicar nos próximos capítulos.

Stumpf começa sua contribuição no contexto sobre o problema da percepção do espaço, também se posicionando no horizonte do debate entre nativismo e empirismo. Segundo Textor (2020, p. 1772), “Stumpf é um nativista: na linha do empirismo de Brentano sobre a representação mental, ele considera nossa representação do espaço baseada na percepção”⁵⁷. No seu livro *Sobre a origem psicológica da ideia de espaço* (*Über den psychologischen*

⁵⁶ “Why is it, the, that the investigators whom we are discussing still put so much emphasis on this distinction? I know of no other explanation than the following, an explanation that they will not admit to themselves or to us: The stimulus determines the sense data!”

⁵⁷ “Stumpf is a nativist: in line with Brentano's empiricism about mental representation, he takes our presentation of space to be perception-based”.

Ursprung der Raumvorstellung), publicado em 1873, ele defende que o espaço é percebido inseparavelmente do seu conteúdo e começa a desenvolver a distinção de “conteúdos parciais” (*Teilinhalt*) e conteúdos independentes (*selbständige Inhalte*).

O que está por trás dessa nova concepção de percepção do espaço é uma crítica à separação entre forma e matéria proposta por Kant e seguida por teorias da percepção que ainda tentavam se encaixar no esquema kantiano⁵⁸. Quando Stumpf (1892, p. 64) critica Kant sobre essa separação na discussão do espaço, ele afirma que “Algo não pode ser epistemologicamente verdadeiro e psicologicamente falso⁵⁹”. Ou seja, o aspecto transcendental não exime a proposta kantiana de passar pelo “teste” da psicologia. Como nos coloca Textor (2020, p. 1778):

Stumpf toma o espaço – a suposta forma – e a matéria – as qualidades que preenchem o espaço – para serem ambos perceptíveis. Ele vai ainda mais longe ao argumentar que tanto a extensão espacial quanto as qualidades de preenchimento do espaço são dadas conjuntamente em uma percepção. Ele primeiro expôs o pensamento de que várias coisas podem ser percebidas juntas em *Sobre a origem psicológica da ideia de espaço*, e é a chave não apenas para sua crítica à estética transcendental de Kant, mas também para a psicologia da *Gestalt* que ele desenvolverá mais tarde⁶⁰.

Dez anos após a publicação de seu primeiro livro, Stumpf lança em 1883 o primeiro volume de *Tonpsychologie* e depois o segundo volume em 1890 (mesmo ano do reconhecimento da qualidade *Gestalt* por Ehrenfels). Com essas obras, Stumpf se sobressai como um psicólogo experimental. Como Ash (1998, p. 30) coloca, “Stumpf era comprometido com uma filosofia empírica, mas não empiricista”⁶¹. O posicionamento do autor é herdado de seu professor Franz Brentano e será de certa forma desdobrado pela Escola de Berlim e Aron Gurwitsch. A ideia é trabalhar alternativas de experiência diferentes das que são defendidas pelas ciências naturais até então. Há outros tipos de experiências e relações com os fenômenos que não precisam estar subsumidas às leis baseadas em fatos pressupostos pelas ciências naturais.

A ênfase de Stumpf na legalidade do dado veio diretamente da tradição de Brentano. Sua perspectiva fenomenológica era bem diferente do fenomenalismo de David Hume ou Ernst Mach, em que tanto as leis psicológicas quanto as físicas são derivadas de conclusões ou conexões entre sensações simples. Além disso, a lista de Stumpf de ‘aparições’ imediatamente dadas incluía muito mais do que simples sensações de cor ou tom. A estes acrescentou impressões de extensão e distribuição espacial e temporal,

⁵⁸ Veremos no próximo capítulo, que inclusive Husserl, quando em *Ideias* faz a sua virada transcendental, e reconhece a influência de Kant em suas novas propostas, é explícito na separação que faz entre forma e matéria com a noção de *hylé*. Por esse motivo, Husserl acaba sendo posteriormente criticado por Stumpf. Para mais informações, cf. Fisette (2009).

⁵⁹ “Es kann nicht etwas erkenntnistheoretisch wahr und psychologisch falsch sein”.

⁶⁰ “Stumpf takes space – the alleged form – and matter – the qualities that fill space – to be both perceivable. He goes even further to argue that both spatial extension and the space filling qualities are both jointly given in one perception. He first expounded the thought that several things can be perceived together in his *Über den psychologischen Ursprung der Raumvorstellung*, and it is not only the key to his criticism of Kant’s transcendental aesthetic, but also to the *Gestalt*-psychology he will develop later”.

⁶¹ “Stumpf was committed to an empirical but not empiricist, philosophy”

imagens de memória e também as relações entre essas aparências, como semelhança, fusão ou gradação. As leis dessas relações não são nem causais nem funcionais, mas ‘leis estruturais imanentes’⁶² (Textor, 2020, p. 1778).

Stumpf é o responsável por introduzir o termo fusão (*Verschmelzung*) na fenomenologia. A sua proposta de fusão tonal veio do grande interesse pelos efeitos psicológicos do som na experiência e consiste em dois ou mais tons consonantes, quando apresentados simultaneamente, percebidos como um só. Nesse sentido, a fusão se consagra como um tipo de relação fundamental e imanente entre os fenômenos, sendo perceptível diretamente e sem intermediários, ou seja, ela não seria nada mais que uma relação entre mais de um fenômeno que não forma meramente uma soma, mas um todo. Esse todo unitário é percebido como uma *Gestalt*.

O que nos alerta Ierna é que apesar de Stumpf usar a fusão em um contexto muito específico, este termo carrega uma forte conotação na discussão sobre apreensão da multiplicidade como unidade:

O termo ‘fusão’ (*Verschmelzung*) não é um neologismo stumpfiano, mas um termo técnico bem conhecido da obra de outros filósofos, como Johann Friedrich Herbart e Wilhelm Wundt, por exemplo. Stumpf adotou o termo, mas não a teoria desses pensadores, dando-lhe um novo significado. Assim, é crucial levar este contexto mais amplo em consideração ao comparar os usos que Stumpf e Husserl fazem do termo⁶³.

Bentley (1903, p. 61) esclarece que entre as principais características da psicologia de Herbart está “sua concepção de fusão como um ato hipotético de processo por meio do qual ideias opostas são soldadas”⁶⁴. Já em Wundt, a fusão ocorre quando há proeminência de um elemento sobre outro, ação que acontece geralmente por meio da atenção. O que há em comum entre essas duas aplicações do termo é a interferência do caráter intelectual na percepção, ainda que em alguns casos, inconsciente. De acordo com Bentley (1903, p. 330), para Stumpf, fusão “não é a coalescência do processo consciente em geral nem equivale à confusão ou à falta de

⁶² “Stumpf’s emphasis on the lawfulness of the give came directly from the Brentano tradition. His phenomenological perspective was quite different from the phenomenalism of David Hume or Ernst Mach, in which both psychological and physical laws are derived by conclusions from or connections among simple sensations. Moreover, Stumpf’s list of immediately given “appearances” included far more than simple sensations of color or tone. To these he added impressions of spatial and temporal extension and distribution, memory images, and also the relations among these appearances, such as similarity, fusion, or gradation. The laws of these relations are neither causal nor functional but ‘immanent structural laws’”.

⁶³ “Le terme ‘fusion’ (*Verschmelzung*) n’est pas un néologisme stumpfien, mais un terme technique bien connu des travaux des autres philosophes, tels que Johann Friedrich Herbart et Wilhelm Wundt, par exemple. Stumpf a adopté le terme, mais non la théorie de ces penseurs, en lui donnant une nouvelle signification. Ainsi, il est crucial de prendre en considération ce contexte plus large dans la comparaison des usages que Stumpf et Husserl font du terme” (Ierna, 2009, p. 495, tradução nossa).

⁶⁴ “its conception of fusion as an hypotheticalal act os process by means of which opposing ideas are welded”.

clareza que desaparece com a atenção ou as práticas. É um ‘momento sensual’ dado de uma vez por todas com qualidades de sensação”⁶⁵.

Contudo, embora a fusão tonal não seja a soma, mas a relação de dois ou mais elementos, ainda utiliza uma lógica elementar e é subsidiada na distinção entre partes dependentes e independentes. Stumpf defendia que existiam partes inseparáveis até mesmo imaginativamente (como a cor e o som) – que seriam dependentes – e outras que poderiam ser separadas e por isso independentes. Essa característica de “separabilidade” é de caráter estrutural e imanente ao fenômeno e não provinha de uma habilidade do sujeito.

Apesar disso, com a preservação dessa dualidade, Stumpf mantém a ideia de conteúdos fundantes. Então a *Gestalt* é tida por ele como uma rede de relações entre partes distintas que eventualmente podem ser percebidas separadamente. Husserl (2003, p. 218) retomará o termo fusão de Stumpf na *Filosofia da Aritmética*, apoiando essa condição: “De fato, redescobrimos aqui novamente as determinações essenciais do conceito de Stumpf: sobretudo, que os elementos em fusão também podem aparecer, como o que são, fora dessa fusão”⁶⁶.

O impacto dessa afirmação no caso da melodia se apresenta da seguinte forma: a melodia é reconhecida como *Gestalt*, mas suas notas musicais são partes independentes. O que Stumpf admite é que as notas musicais no contexto relacional da *Gestalt* (melodia) soam diferentes de quando escutadas isoladamente, mas isso não significa que elas não existam como individuais ou ainda que por meio da atenção não se possa diferenciá-las no próprio contexto relacional. Como Köhler (1971, p. 21) ressalta, “Segundo Stumpf, é possível, por meio de um direcionamento adequado da atenção, fortalecer tons fracos que soam juntos com outros”⁶⁷. Ou seja, ainda que atenção não seja necessária no processo de fusão, ela pode ser usada na decomposição de partes independentes ou modificação da percepção de complexos.

É a partir daqui que há um impasse com a Escola de Berlim. Nesse ponto, Stumpf é acusado por Köhler de ainda se manter atrelado à hipótese da constância. Gurwitsch retoma essa crítica e a dirige também a Husserl. A admissão da fusão tem um caráter central nas revisões que Gurwitsch fará à doutrina husserliana. Segundo o lituano:

Husserl insiste na *Verschmelzung* (fusão), que ele concebe inteiramente no sentido de Stumpf, e de acordo com isso ele enfatiza que os elementos entre os quais a fusão

⁶⁵ “It is neither coalescence of conscious process in general nor is it equivalent to confusion or to a lack of clearness that disappears with attention or practices. It is a “sensuous moment” given once and for all with sensation qualities”.

⁶⁶ “In fact we rediscover here again the essential determinations of Stumpf’s concept: above all, that the elements fusing can also show up, as what they are, outside of that fusion”.

⁶⁷ According to Stumpf, it is possible by suitable direction of attention to strengthen weak tones that are sounded together with others.

ocorre também podem aparecer como idênticos à parte da fusão, ou seja, serem dados isoladamente⁶⁸ (Gurwitsch, 2010a, p. 279).

Da forma que o impasse se desenha nos deparamos com a seguinte situação: a fusão é sempre apreendida de forma imediata, entretanto, por se tratar de relação entre elementos independentes, estes podem ser decompostos posteriormente, mediante análise, em elementos simples. Para Gurwitsch, isso coloca Husserl, Stumpf, Meinong, Benussi e Ehrenfels como propagadores da hipótese da constância, ainda que existam diferenças nas propostas apresentadas por eles.

Isso porque a análise posterior que podemos imputar a uma totalidade (*Gestalt*) não anula o caráter figural sensível e imediato pelo qual a apreendemos, então como justificar que partes que não sejam dependentes umas das outras se apresentam como totalidade? Para Gurwitsch, da forma que Stumpf constrói sua filosofia não há tal justificativa, mas o lituano acredita que a oposição pode ser encontrada nas conexões propostas pela Teoria *Gestalt*.

1.3 A Escola de Berlim e a Teoria *Gestalt*

O percurso que traçamos até aqui nos permite localizar a Escola de Berlim como a culminação de um movimento de consolidação da psicologia descritiva, que por conta de todo horizonte apresentado, também influenciou fenomenologicamente. Assim como seus professores, os teóricos da *Gestalt* se dedicaram à exploração sistemática da nossa relação com os fenômenos e tinham como objetivo final encontrar leis invariáveis e estruturais que a regiam. Köhler (1971, p. 17) é enfático quando afirma:

Para evitar mal-entendidos, deixe-me dizer explicitamente que para mim também a tarefa, o objetivo da investigação científica, parece ser a descoberta de constantes, a descoberta de propriedades constantes e a sua ordenação consistente numa estrutura teórica, ou a descoberta de leis imutáveis regendo a variação das características e sua relação⁶⁹.

Apesar de não ser o primeiro artigo da Escola de Berlim, a crítica à hipótese da constância realizada por Köhler em 1913 coloca esta vertente em outro patamar no debate acerca da *Gestalt*, fato que Aron Gurwitsch reconhece. Ainda que a *Gestalt* seja uma psicologia experimental, ela não se resume a isso. Como alunos de Stumpf, o fator ideal não rivaliza com

⁶⁸ “Husserl insists upon *Verschmelzung* (fusion), which he conceives entirely in Stumpf’s sense, and in accordance with this he emphasizes that the elements between which fusion occurs can also appear as identically the same apart from fusion, i.e., be given isolatedly”.

⁶⁹ “In order to avoid misunderstanding, let me say explicitly that for me too the task, the goal of scientific investigation, seems to be finding of constants, the discovery of constant properties and their consistent ordering in a theoretical structure, or the discovery of unchanging laws governing the variation of characteristics and their relation”.

o experimental. Tanto que é possível afirmar que o objetivo do artigo de Köhler não era descrever os resultados obtidos de uma investigação laboratorial, mas se destaca justamente por expor as inconsistências teóricas da hipótese da constância e das teorias auxiliares que ajudaram a preservá-la durante tantos anos, mesmo com resultados experimentais que as contestassem.

Se a hipótese da constância não deve ser considerada como algo rigorosamente comprovado, mas como uma teoria, como um possível ponto de vista para a conexão de dados, então, é claro, não é possível simplesmente criticar esta teoria como um absurdo. Mas – e este é o meu ponto de vista – é possível, e deve ser permitido, *não* escolher esta teoria, mas deixar a nossa investigação ser guiada por outros pontos de vista⁷⁰ (Köhler, 1971, p. 17).

Köhler abre espaço para repensar as bases experimentais e teóricas de uma teoria da percepção dada como certa. Para não recair no erro da psicologia clássica, a Escola de Berlim adota a metodologia descritiva de inspiração fenomenológica para garantir a observação direta dos fenômenos, pois, segundo Köhler (1971, p. 20), “Tal investigação levaria, é claro, também à descrição fenomenológica e ao tratamento teórico do campo visual, o que contradiria o pressuposto básico da psicologia em questão”⁷¹. É essa atitude fenomenológica e radical que Gurwitsch evidencia e reivindica à *Gestalt* quando usa sua teoria como princípio para enriquecer a fenomenologia. Afinal, a Escola de Berlim sabe que desafiou toda uma tradição pressuposta não só pela psicologia como também pela filosofia ao propor a refutação da hipótese da constância.

Qualquer um pode ver que a teoria da percepção se tornará inicialmente menos simples desta forma. Mas a investigação assim orientada também encontrará leis e constantes na maior riqueza do seu material e talvez seja finalmente capaz de atingir uma compreensão mais profunda de todo o campo do que pode ser alcançada por meio dos pressupostos aos quais nos opusemos⁷² (Köhler, 1971, p. 39).

É preciso deixar claro que não se trata apenas da oposição ao naturalismo que leva ao refúgio no caráter intelectual organizador das experiências. Os teóricos da *Gestalt* não se posicionam simplesmente a favor de uma percepção privilegiada em relação à sensação como correspondentes aos estímulos. Eles dissolvem a diferença que existe entre sensação e percepção, há apenas percepção. Para Gurwitsch, é essa nova proposta de conceber a teoria da

⁷⁰ “If the constancy hypothesis is not to be regarded as something rigorously proven, but as a theory, as a possible point of view for the connecting of data, then it is, of course, not possible simply to criticize this theory as an absurdity. But - and this is my point - it is possible, and one must be permitted, not to choose this theory, but to let one's inquiry be guided by others point of view”.

⁷¹ “Such an investigation would, of course, lead also to phenomenological description and theoretical treatment of the visual field which would contradict the basic assumption of the psychology in question”.

⁷² “Anyone can see that the theory of perception will at first become less simple in this way. But research so oriented will also find laws and constants in the greater richness of its material and perhaps will finally be able to attain a deeper understanding of the whole field than can be achieved by means of the assumptions which we have opposed”.

percepção a partir da refutação da hipótese da constância que permite que o aspecto organizacional intrínseco alcançado pelo que ele chama de conexões *Gestalt* possa ser utilizado em caráter transcendental.

1.3.1 Conexão entre partes e todo

A primeira conexão *Gestalt* explorada por Gurwitsch é creditada a Wertheimer, o primeiro representante da Escola de Berlim, com a descoberta do fenômeno Phi, o qual descrevia a percepção do movimento aparente. Pela primeira vez foi possível reproduzir de forma experimental uma relação puramente fenomenal. Wertheimer publica, em 1912, um experimento em que indivíduos (Köhler e Koffka) são expostos a luzes que piscam alternadamente em um curto intervalo e por isso é possível “ver” o movimento. Ele não chega a fazer uma sistematização de sua teoria, mas defende que a partir desse fenômeno é possível negar que cada parte da estrutura percebida corresponda a um ou mais dados sensoriais que poderiam primeiramente ser experienciados de forma isolada (Smith, 1994). Este posicionamento vai de encontro às teorias elementistas e à hipótese da constância.

Wertheimer, com o resultado de seu experimento, dá o pontapé inicial para a oposição à Escola de Graz, a qual publicou artigos sobre uma experiência muito similar, porém, chegou a resultados diferentes por sempre pressupor a hipótese da constância. Conforme relata Albertazzi (2014),

Os artigos levantaram a questão do estatuto teórico das chamadas ilusões. Benussi projetou uma variante taquistoscópica vertical da ilusão de Müller-Lyer e descobriu que os sujeitos viram a linha vertical, que era de comprimento constante, se estendendo ou encurtando de acordo com a posição e orientação dos segmentos colaterais. Os sujeitos perceberam o movimento aparente do ponto mediano da linha em relação à mudança de forma da figura como um todo, e no temporal implantação das várias fases do fenômeno. Benussi destacou a presença de dois diferentes tipos de movimentos: o primeiro resultante da sucessão da sequência estroboscópica de estímulos (Movimento s); a segunda decorrente da apreensão e produção subjetiva de toda aparência (movimento S)⁷³.

Eventualmente, Gurwitsch (2010d, p. 23) conseguirá traduzir a diferença entre a Escola de Graz e a Escola de Berlim a respeito da percepção em funções matemáticas. A percepção

⁷³ “The articles raised the issue of the theoretical status of so-called illusions. Benussi designed a vertical, tachistoscopic variant of the Müller-Lyer illusion, and he found that the subjects saw the vertical line, which was of constant length, as extending or shortening according to the position and orientation of the collateral segments. The subjects perceived the apparent movement of the median point of the line in relation to the change of form of the figure as a whole, and in the temporal deployment of the various phases of the phenomenon. Benussi highlighted the presence of two different types of movements: the first resulting from the succession of the stroboscopic sequence of stimuli (sMovement); the second resulting from the apprehension and subjective production of the whole appearance (S-Movement).” (Albertazzi, 2014, p. 10).

(P) é tida como a resultante de duas variáveis, onde (xe) representa as condições externas e (xi) as condições internas. Para a Escola de Graz, $P = F1(xe) + F2(xi)$, ou seja, há duas funções, uma para cada variável, “independentes” que se alinham para produzir uma percepção. Já para Escola de Berlim, $P = F(xe, xi)$, o que significa que cada variável depende e influencia a outra, fazendo parte de uma só totalidade que é a percepção.

A existência de uma independência ou não das partes envolvidas na percepção de uma *Gestalt* traduz a disputa que existia entre a Escola de Graz e a Escola de Berlim. Köhler foi o primeiro a associar a crítica realizada a Graz com o termo hipótese da constância, que logo foi compartilhada por Koffka. Os sucessivos debates foram o que efetivamente levaram à sistematização, realizada por Koffka, de toda a teoria da percepção proposta pelos alemães, que ficou conhecida como a Teoria *Gestalt*.

Até então, a psicologia considerava o estímulo como algo objetivo no sentido das ciências naturais e externamente dado. O que a Teoria *Gestalt* vai defender é que a ideia de uma fonte de estímulos que podemos afirmar ser constante é uma abstração. O caso das chamadas “ilusões”, em que temos dados sensoriais objetivamente delimitados pelos parâmetros das ciências naturais e que são erroneamente somados, interpretados e percebidos por um sujeito, faz uma cisão na experiência perceptiva e é uma falácia. Não podemos ter acesso a cada estímulo isolado para saber se ele permanece o mesmo. “Assim, por exemplo, é impossível simplesmente ver pontos individuais em uma matriz de cores de tal forma que a ordem particular de configuração dos pontos não seja incluída na visão”⁷⁴. Por isso, a *Gestalt* não é uma qualidade, um objeto de ordem superior ou qualquer outra característica adquirida a partir da percepção de elementos ou dados inferiores, a *Gestalt* é a própria forma que a coisa é percebida. As coisas não têm *Gestalt*, elas se dão em *Gestalt* e sempre são tomadas em relação ao seu perceptor.

O que precisa ficar claro é que a Teoria *Gestalt* não defende o relativismo, pelo contrário, como os dados baseados apenas em fatos oriundos de sensações puras não traduzem fielmente a experiência, encontrar as leis invariantes da percepção parece dar acesso a resultados mais fiéis aos fenômenos. A compreensão das conexões provenientes da Teoria *Gestalt* deve nos levar a esses resultados. Agora, precisamos nos concentrar na segunda

⁷⁴ “Thus for example it is impossible merely to see individual points in an array of colour in such a way that the particular order of configuration of the points would not be included in the seeing” (Smith, 1994, p. 262, tradução nossa)

conexão explorada por Gurwitsch, a relação figura-fundo. Esta que, apesar de ser atribuída à *Gestalt*, é, na verdade, originalmente pensada pelo psicólogo dinamarquês Edgar Rubin.

1.3.2 Edgar Rubin e a relação figura-fundo

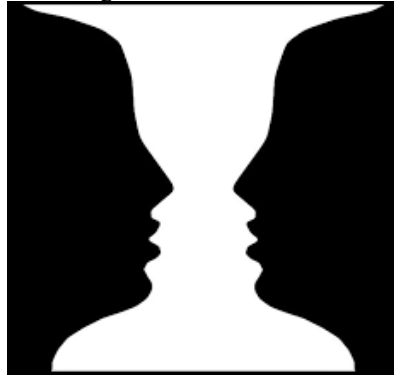
Embora de origem dinamarquesa, Rubin foi bastante influenciado pela psicologia e filosofia alemã indiretamente e diretamente. Seu interesse era a pesquisa em psicologia, mas no século XIX, na Dinamarca, a única forma de se graduar em psicologia era fazer parte da graduação em filosofia, o que mostra a falta de autonomia da psicologia enquanto disciplina nas universidades da época. Seus professores na Universidade de Copenhague foram Harald Høffding, Kristian Kroman e Alfred Lehman, e a partir deles Rubin teve acesso à filosofia de Herman Lotze, William James, John Stuart Mill e Henri Bergson, todos de grande relevância para a filosofia da percepção. Além disso, consta que a pedido de Høffding, Wundt recebeu Lehman em seu laboratório em Leipzig.

Após terminar sua formação na Dinamarca, Rubin teve a oportunidade de continuar seus estudos com Elias Müller em Göttingen, Alemanha, em 1911. Lá teve contato com David Katz e por meio dele teve aproximação com a proposta fenomenológica de trabalho que provinha de Hering. Nessa época, Rubin pode presenciar o cenário da psicologia experimental da Alemanha, à qual antes só tinha acesso por meio do relato de seus professores. Em 1913, ele já residia na Dinamarca novamente, mas volta à Alemanha para o 6º Congresso Alemão de Psicologia Experimental e pela primeira vez apresenta a concepção de figura-fundo para uma audiência científica. Após contar com a aprovação de seus pares na academia, em 1915, ele publica sua tese *Figuras visualmente experienciadas (Synsoplevede Figurer)*, que é dividida em duas partes: a primeira, “Figura e fundo”; e a segunda, “Área figural, o contorno, o traço”.

Essa breve introdução biográfica de Rubin tem como objetivo mostrar que apesar de não fazer parte diretamente da tradição da psicologia e filosofia alemã, ele teve acesso, por meio de seus professores na Dinamarca e vivência por um determinado tempo, ao cenário e debates sobre teoria da percepção na Alemanha, que possibilitaram a formação de sua pesquisa num contexto que conversa com os teóricos de Berlim.

Rubin não define sua pesquisa como fenomenológica, mas afirma explorar a experiência visual e postula que é nela que devemos nos concentrar e, posteriormente, descrever. Ele percebe que numa mesma imagem podemos alternar figura e fundo, ou seja, temos experiências perceptivas diferentes do que a psicologia clássica chamaria de um estímulo constante. O famoso exemplo é o chamado Vaso de Rubin:

Figura 2 – Vaso de Rubin



Fonte: Saes (2010).

Nesse sentido, Rubin desafia a hipótese da constância e dá mais ferramentas para que Gurwitsch defenda sua própria tese. Grande parte do trabalho do pesquisador lituano se remete à relação entre figura e fundo e as implicações dessa relação no campo perceptivo e no campo da consciência. O motivo pelo qual Gurwitsch associa Rubin ao movimento *Gestalt* e à tradição fenomenológica, apesar do próprio não fazê-lo, é porque Koffka faz essa relação. Pind (2014, p. 150) conta que:

Em 1921, Kurt Koffka foi convidado a escrever uma visão geral da psicologia da *Gestalt* para o *American Psychological Bulletin*. Koffka aceitou a tarefa e o artigo foi publicado no ano seguinte. Aqui, Koffka deu uma descrição detalhada dos estudos de Rubin sobre o problema figura-fundo. Na verdade, os estudos de Rubin sobre figura e fundo são tratados por Koffka da mesma forma que os estudos de Wertheimer sobre o fenômeno. O artigo de Koffka trouxe os estudos de Rubin sobre figura e fundo à atenção de psicólogos americanos e, de fato, tornou-os muito conhecidos⁷⁵.

Koffka, com base nos trabalhos de Rubin, nega a noção de ambiguidade: não há figura ambígua, há mais de uma *Gestalt*. Não há, na figura acima, um vaso e dois rostos; há um ou outro. Enquanto você percebe um é impossível perceber o outro, isso porque uma figura sempre ganha destaque sobre seu fundo. Como Koffka (1935, p. 184) explica, “O fundo serve como uma *moldura* na qual a figura é suspensa e, assim, determina a figura”⁷⁶. Tendo essa relação como base, Rubin e os teóricos da *Gestalt* perceberam que há certas características de uma figura, como o claro contorno que ela possui, que falta em seu fundo que é mais difuso. Então enquanto a figura tem um caráter de coisa (*Dingcharakter*), que remete à determinação e delimitação, o fundo teria um caráter de substância (*Stoffcharakter*), indeterminado. Como

⁷⁵ “In 1921, Kurt Koffka was invited to write an overview of *Gestalt* psychology for the *American Psychological Bulletin*. Koffka accepted the task, and the paper was published the following year. Here, Koffka gave a detailed description of Rubin’s studies of the figure-ground problem. In fact, Rubin’s studies of figure and ground are treated by Koffka on a par with Wertheimer’s studies of the phi phenomenon. Koffka’s paper brought Rubin’s studies on figure and ground to the attention of American psychologists and indeed made them very well known” (Pind, 2014, p. 150).

⁷⁶ “The ground serves as a *framework* in which the figure is suspended and thereby determines the figure”.

veremos posteriormente, essa diferença será uma característica importante na relação estruturada entre o tema e o campo temático gurwitschiano.

A possibilidade de poder ter alternância entre essas qualidades numa mesma figura, como é o caso do *vaso de Rubin*, desafia a hipótese da constância e nos traz para o cerne do problema descritivo e fenomenológico. Koffka (1935, p. 180) alerta que as ambiguidades são tidas como erros de interpretação e percepção porque os psicólogos “usam o significado cognitivo de ‘ver’, baseado em seu caso em um uso implícito da hipótese da constância, em vez do significado puramente descritivo ou fenomenológico”⁷⁷.

Assim como Koffka, Gurwitsch trabalha as descrições de Rubin como as de Wertheimer, e por isso considera ambas as teorias como conexões *Gestalt*. Apesar disso, Gurwitsch reconhece que estas não devem ser confundidas e que possuem implicações diferentes e se apresentam como propostas de soluções para problemas distintos que serão apresentados ao longo de nossa discussão.

1.4 As reduções fenomenológicas e a hipótese da constância

Pode parecer estranho que tenhamos ao longo deste capítulo nomeado e localizado uma série de autores e nos furtamos de dedicar um tópico específico a Edmund Husserl, com quem Aron Gurwitsch trava um diálogo constante em toda a sua trajetória e, principalmente, na tese a qual tomamos como foco de nossa investigação. Esse fato, em parte, origina e justifica o problema. Como o diálogo permeia toda a extensão do texto do fenomenólogo, é melhor que façamos referência a ele, conforme vamos abordando as questões.

Um outro problema é a relação ambivalente que Gurwitsch evidencia entre Husserl e a Teoria *Gestalt*. Ao mesmo tempo que para os propósitos do lituano, a Teoria *Gestalt* precisa alcançar em algum grau o caráter geral e transcendental das reduções fenomenológicas propostas por Husserl, Gurwitsch ainda vê vestígios da hipótese da constância no desenvolvimento da fenomenologia de seu professor, assim como a Escola de Berlim via em Carl Stumpf. Visto a complexidade que envolve ambas as abordagens, optamos por nos concentrarmos nesta seção na explicitação do paralelo positivo que Gurwitsch acredita haver entre as reduções fenomenológicas e a refutação da hipótese da constância.

⁷⁷ “use the cognitive meaning of “to see”, based in their case on an implicit use of the constancy hypothesis, instead of the purely descriptive or phenomenological meaning”.

O objetivo principal de Aron Gurwitsch como fenomenólogo é dar um passo atrás, explorar e eventualmente revisar o que alicerça a estrutura da consciência na fenomenologia. Na obra de 1929, na qual nos concentramos, Gurwitsch decide elaborar sua teoria sem abordar diretamente as reduções fenomenológicas. Contudo, ele as pressupõe porque reconhece a importância da realização destas para adentrar no terreno da investigação fenomenológica.

As reduções fenomenológicas fornecem o fundamento não discutido, os pressupostos tácitos. Desde o início, nos movemos na esfera e na atitude adquiridas pelo exercício da *epoché*, a delimitação do ‘mundo natural’ e todos os objetos reais e ideais, ou seja, tudo o que é transcendente à consciência. Aquilo com que temos que lidar é sempre tacitamente pressuposto como transcendentemente purificado, como o resíduo da *epoché*. Por isso as reduções não serão discutidas explicitamente, pois já se pressupõem como realizadas ao longo de todo o inquérito⁷⁸ (Gurwitsch, 2010a, p. 194).

É possível perceber que Aron Gurwitsch fala da redução no plural. A verdade é que na fenomenologia a redução eidética e a redução transcendental cumprem funções diferentes, o autor segue essa tendência e num trabalho posterior faz a distinção entre as duas esclarecendo seus respectivos resultados:

Esse mal-entendido repousa na confusão da redução eidética com a transcendental. Ambas têm tão pouco a ver uma com a outra que mesmo na atitude natural ou na atitude científico-positiva fazemos uso contínuo de uma (a redução eidética) quando falamos no modo do ‘em geral’ (*Überhaupt*), por exemplo, quando falamos de melodia em geral, uma melodia de um certo tipo, uma função matemática em geral, o estado em geral, a espécie vermelha, por exemplo, sem nunca ter que recorrer à consciência transcendentemente purificada. Por outro lado, a performance da transcendental sem a redução eidética revela o fluxo de ‘meus’ estados mentais transcendentemente purificados no tempo fenomenal, sem afirmar nada no modo de universalidade essencial sobre esses estados mentais e suas interconexões⁷⁹. (Gurwitsch, 2010b, p. 123)

O que está em jogo para Gurwitsch ao reforçar essa diferença é deixar claro que o nosso acesso à objetividade transcendental depende das duas reduções realizadas em conjunto. A pretensa objetividade alcançada pelas ciências naturais, fisiologia e psicologia clássica, que buscam leis sustentadas por relações causais para investigar fenômenos, pode no máximo se

⁷⁸ “The phenomenological reductions supply the undiscussed foundation, the tacit presuppositions. From the very beginning we move in the sphere and attitude acquired by exercising the *epoché*, the bracketing of the “natural world” and all real as well as ideal objects, i.e., whatever is transcendent to consciousness. That with which we have to deal is always tacitly presupposed as transcendentally purified, as the residuum of the *epoché*. On that account the reductions will not be explicitly discussed, because they are already presupposed as performed throughout the whole inquiry”.

⁷⁹ “This misunderstanding rests on the confusion of the eidetic with the transcendental reduction. Both have so little to do with each other that even in the natural attitude or in the positive-scientific attitude we make continuous use of the one (the eidetic reduction) when we speak in the mode of the “at large” (*Überhaupt*), e.g., when we speak about melody at large, a melody of a certain type, a mathematical function in general, the state at large, the species red, e.g., without ever having to resort to transcendentally purified consciousness. On the other hand, performance of the transcendental without the eidetic reduction discloses the flow of “my” transcendentally purified mental states in phenomenal time, without stating anything in the mode of essential universality about these mental states and their interconnections”.

referir ao caráter geral. A diferença da *Gestalt*, para Gurwitsch, é que a teoria desempenha um duplo papel e cada um corresponde funcionalmente às pretensões eidéticas e às transcendentais das reduções propostas por Husserl. Ou seja, além das suas conexões internamente estruturadas poderem ser tomadas como leis eidéticas da consciência, essas leis podem ser tomadas fenomenologicamente porque a refutação da hipótese da constância opera de forma similar à redução transcendental, ao suspender o mundo dos estímulos objetivos. Isso ocorre porque, conforme analisa Kockelmans (1972, p.265),

Gurwitsch é da opinião de que o fato de a teoria da *Gestalt* rejeitar a ‘hipótese da constância’, juntamente com as consequências que decorrem imediatamente dessa rejeição, contém, em forma germinal, motivos fenomenológicos. Uma vez reveladas essas potenciais tendências fenomenológicas dentro da teoria da *Gestalt*, é possível interpretar fenomenologicamente seus conceitos e princípios fundamentais e incorporá-los às análises fenomenológicas⁸⁰.

A incorporação defendida por Aron Gurwitsch se baseia no combate a um inimigo comum que pode ser atribuído tanto para a fenomenologia quanto para a Teoria *Gestalt*: o naturalismo. As reduções são a solução metodológica de ultrapassar esse naturalismo sem comprometer o rigor da investigação. No caso de Husserl, é possível perceber um direcionamento ainda em *Investigações Lógicas*, mesmo que nesta obra não haja explicitamente a proposta de uma redução. Entretanto, como nos elucida Porta (2013, p. 70), “dado que as leis referentes às estruturas da intencionalidade são eidéticas, e não empíricas, elas valem para toda consciência em geral”. Sendo assim, já é possível antever a vocação eidética da, até então, psicologia descritiva proposta pelo fenomenólogo alemão.

Na época, o principal problema husserliano era descrever a estrutura da consciência em geral que permitisse que um sujeito real pudesse ter acesso a um elemento ideal (essências). O acento estava na consciência e não no objeto. Por esse motivo, Husserl, em *Investigações Lógicas*, estava ciente que se ocupava dos atos que se direcionavam aos objetos e não dos objetos. Daí que a estrutura do ato intencional comporta como um de seus momentos a objetualidade, que é esta direção ao objeto, mas não o objeto transcendente propriamente. É apenas em 1907, na obra *A Ideia da Fenomenologia*, que Husserl introduz a *epoché*, a qual alcança uma versão mais completa em 1913, com *Ideias I*, quando ocorre a chamada virada transcendental. Conforme Porta (2013, p. 70):

Com a virada transcendental começa a ficar retrospectivamente claro para Husserl que a psicologia descritiva das *Investigações Lógicas* estava presa ao naturalismo. Isso

⁸⁰ “Gurwitsch is of the opinion that the fact that *Gestalt* theory rejects the ‘constancy hypothesis’, together with the consequences which immediately follow from this dismissal, contains, in germinal form, phenomenological motifs. Once these potential phenomenological tendencies within *Gestalt* theory are disclosed, it is possible to phenomenologically interpret its fundamental concepts and principles and to incorporate them into the phenomenological analyses”.

significa, na realidade, tomar consciência de que o naturalismo não exige meramente uma redução eidética, mas também uma propriamente transcendental.

A redução transcendental se consolida como um recurso metodológico que permite a descrição da experiência intencional livre do naturalismo. Dividida em duas etapas, a redução transcendental primeiramente suspende a “atitude natural”. Assim, o caráter existente das coisas é “posto entre parênteses” e por isso os aspectos naturalizados como espaço e tempo objetivos não têm validade. Ao abrangermos os critérios da suspensão, é possível alcançar o segundo passo da redução, ou seja, ter acesso a uma relação puramente fenomenal não só do ponto de vista do objeto, mas também do sujeito. Husserl (1907, p.71§45) afirma que “A toda vivência psíquica corresponde, pois, por via da redução fenomenológica, um fenómeno puro, que exhibe a sua essência imanente (singularmente tomada) como dado absoluto”. A partir dessa nova proposta há uma mudança fundamental. Em termos epistemológicos, não se trata mais de justificar o acesso de um sujeito real a conteúdos ideais como em *Investigações Lógicas*. Como nos explica Porta (2013, p. 63), o problema consiste “numa relação de essências entre subjetividade e objetividade e não sobre o vínculo do sujeito real a um objeto”. Isso leva ao reposicionamento da transcendência na fenomenologia husserliana. De Boer (1978, p. 315) nos explica que:

A transcendência que inicialmente estava suspensa agora parece reaparecer na esfera do dado. É um prejuízo que devemos nos limitar à percepção interna e à intuição das essências baseadas nela. A esfera fenomenológica abrange todos os dados, e não se pode negar que algo transcendente é dado em si mesmo na percepção, mesmo que não apareça de forma adequada⁸¹.

O que ocorre é que o objeto intencional que antes não fazia parte da descrição agora é incorporado na esfera fenomenológica. O proceder metodológico não é trocado, somente expandido. A *epoché* ainda é realizada, mas sua finalidade não é apenas a suspensão do aspecto objetivo dado individualmente em busca de leis em geral. Mais do que isso, ela abre caminho para alcançar o caráter transcendental, que dá acesso às vivências purificadas e aos seus correlatos objetivos, realizando a descrição dessa relação.

Gurwitsch tem como intuito de sua investigação descrever e rever a organização do que fica após a suspensão promovida pela redução transcendental, ou seja, o que permanece como resíduo da *epoché*. Segundo o autor (2010a, p. 201), “entidades transcendentais como tal caem para a *epoché*, e apenas as multiplicidades unidas dos ‘sentidos’ permanecem. A investigação

⁸¹ “The transcendency that was initially suspended now seems to reappear within the sphere of the given. It is a prejudice that we must limit ourselves to inner perception and to the intuition of essences based upon it. The phenomenological sphere embraces all data, and it is not to be denied that something transcendent is itself given in perception, even if it does not appear in an adequate way”.

fenomenológica é direcionada para esses sentidos [...]”⁸². O foco de Gurwitsch não é a relação entre um sujeito e um objeto, mas a relação entre a consciência e a esfera do sentido. Sendo assim, para o fenomenólogo é de suma importância compreender o que são esses sentidos acessados após a purificação alcançada metodologicamente pela consciência e como eles se organizam.

Para avançar nesse caminho, Gurwitsch percebe que não pode apenas tomar as estruturas da fenomenologia clássica e segui-las. Pelo contrário, ele precisará propor revisões e sugerir aportes, que terão como inspiração a Teoria *Gestalt*. Ao mesmo tempo, o autor reconhece que essa integração só é possível se ele conseguir justificar que a própria *Gestalt* consegue alcançar metodologicamente um resultado similar ao da redução transcendental proposto por Husserl.

Aron Gurwitsch acredita que tanto a fenomenologia quanto a Teoria *Gestalt* entendem a necessidade da suspensão do que chamam de atitude natural, porque percebem que ao não tematizar ou questionar o que nos é dado permaneceremos presos à pretensa objetividade dos estímulos físicos e do mundo natural ao invés de acessarmos a experiência fenomenal. É a partir da observação direta dos fenômenos que nos voltamos à relação intencional em sua origem, a saber, atos da consciência que se direcionam a fenômenos. Essa redução é necessária e abrange a experiência como um todo, o que inclui a nossa consciência, já que do contrário a consciência permaneceria como parte integral do mundo e submeteria as nossas experiências à causalidade e a um possível círculo vicioso. É por meio das reduções que o mundo se oferece a nós como fenômeno. E por conta disso, o caráter descritivo das experiências é fundamental para o método fenomenológico, porque é por meio dele que temos acesso às coisas como elas se dão e elas sempre se dão a nós de uma certa maneira.

Na mesma linha, como adiantamos, os teóricos da *Gestalt* acreditavam que o mundo se apresentava para nós por meio da organização dos fenômenos que seguem leis estruturais invariáveis. A partir da observação direta e imediata desses fenômenos temos acesso a relações fenomenais de onde devem partir nossas investigações. É nesse sentido que Aron Gurwitsch procura afirmar que a relação fenomenal purificada, alcançada via redução transcendental e reivindicada por Husserl, é comparável à relação puramente fenomenal observada nas descrições dos experimentos da *Gestalt*, quando há refutação da hipótese da constância e onde o naturalismo também é suspenso. Kockelmans (1972, p. 269) acredita que, para Gurwitsch, o paralelo existe porque “Quem desiste da hipótese da constância em suas tentativas de explicar

⁸² “Transcendent entities as such fall to the *epoché*, and only united multiplicities of “senses” remain. Phenomenological investigation is directed to those “senses [...]”.

os dados psíquicos não fala mais de coisas e eventos, mas de fenômenos; ele não deseja dar uma explicação empírica desses fenômenos, mas sim oferecer uma explicação descritiva”⁸³.

Aron Gurwitsch mostra, por meio de seu trabalho, que há toda uma tradição psicológica e fenomenológica que ignora a existência de uma outra relação com o dado sensível que não seja a da atitude natural. A *Gestalt* se sobressai porque propõe, em sua fase descritiva, uma alternativa da experiência sensível que não está completamente subsumida ao naturalismo da psicofisiologia. Então se a *Gestalt* permanece naturalista, como afirma Husserl, ao menos é necessário reconhecer que não é naturalista no mesmo sentido do que o inicialmente combatido pela fenomenologia e por isso alguns de seus resultados mereceriam ser debatidos de maneira particular. Dessa forma, é possível justificar o paralelo reivindicado por Gurwitsch entre psicologia e fenomenologia, por meio da qual a Teoria *Gestalt* nos garante acesso através de um sistema concatenado de atos de consciência que revelam o mundo como puro fenômeno.

Quando as teses da teoria da *Gestalt* são perseguidas em dimensões epistemológicas (teses resultantes da renúncia à hipótese da constância), não apenas o mundo dos estímulos, o mundo das coisas, é suspenso, mas também – afirmamos – toda a esfera transcendente, todo o estoque de objetos com os quais lidamos na ‘atitude natural’. Entendido dessa maneira, o procedimento da teoria da *Gestalt*, ao tomar o psíquico puramente descritivamente e desconsiderar todas as construções, tem para a psicologia o mesmo significado e função metódica que a redução transcendental tem para a fenomenologia⁸⁴ (Gurwitsch, 2010a, p. 214).

Ainda que o fenomenólogo esteja ciente que existam limitações por parte da *Gestalt*, como é o caso da intuição categorial⁸⁵, quando se trata de relações fenomenais do ponto de vista puramente descritivo os resultados são similares.

Isso significa que, em suas análises descritivas, a teoria da *Gestalt* está interessada nos fenômenos no sentido fenomenológico do termo e, portanto, na tensão que existe entre o noema efetivamente dado e o objeto pretendido, que na percepção sempre e necessariamente excede o efetivamente dado como apresentado em um ato concreto de percepção (Kockelmans, 1972, p. 273).

É por esse motivo que poderemos acompanhar no próximo capítulo que a interpretação fenomenológica da Teoria *Gestalt* é alicerce importante da fenomenologia temática de Aron

⁸³“The result of the preceding reflections may be formulated as follows: Anyone who gives up the constancy hypothesis in his attempts to explain psychical data no longer speaks of things and events but of phenomena; he does not wish to give an empirical explanation of these phenomena but rather to offer a descriptive explanation”.

⁸⁴ “When the theses of *Gestalt* theory are pursued into epistemological dimensions (theses resulting from relinquishment of the constancy hypothesis), not only is the world of stimuli, the world of things, suspended but also—we submit—the whole transcendent sphere, the entire stock of objects with which we deal in the ‘natural attitude’. Understood in this way, the procedure of *Gestalt* theory, in taking the psychic purely descriptively and disregarding all constructions, has the same significance and methodical function for psychology as the transcendental reduction has for phenomenology” (Gurwitsch, 2010a, p. 214).

⁸⁵ Um possível questionamento que poderia surgir é se Gurwitsch se opõe a noção de intuição categorial ou se acredita que aspectos da Teoria *Gestalt* poderia propor alternativa equivalente. Apesar de não comentar sobre o assunto na obra de 1929, ele posteriormente vai manter seu apoio à noção de intuição categorial e vai apontar como um dos limites da proposta da Escola de Berlim. Para mais informações, ler “*Some Aspects and Developments of Gestalt Psychology*”

Gurwitsch. A tematização via consciência é a atitude fenomenológica a qual o autor acreditava que a Teoria *Gestalt* e a redução transcendental compartilhavam. Na fenomenologia de Gurwitsch,

Para tomar consciência do fundamento primordial que está na base de toda reflexão fenomenológica, a consciência deve adquirir um caráter temático. A tematização do particular revela o solo universal no qual a experiência desse particular tem suas raízes⁸⁶ (Moneta, 1972, p. 185).

Segundo o autor, toda vez que tematizamos algo temos acesso à experiência fenomenológica em sua forma mais pura e geral. Gurwitsch, no entanto, tinha clareza de que não era possível igualar a refutação da hipótese da constância à redução transcendental, da mesma forma que não pode e nem se deve igualar fenomenologia à psicologia. O que ele acreditava era na possibilidade de um diálogo em que ambas pudessem se beneficiar e se expandir em seus campos de atuação correspondentes. Esse pensamento se desdobra em outros momentos da fenomenologia, como em Merleau-Ponty (2011, p. 620), que também reconhece a possibilidade de interface entre *Gestalt* e fenomenologia e propõe a seguinte reflexão: “A psicologia da forma praticou um gênero de reflexão do qual a fenomenologia de Husserl fornece a teoria. Estamos errados em encontrar toda uma filosofia implícita na crítica da ‘hipótese de constância’?” E se reconhecemos que a abordagem fenomenológica da *Gestalt* não é exclusiva a Aron Gurwitsch, pretendemos explicitar ao longo dessas páginas que ela certamente começou com ele.

⁸⁶ “To become aware of the primordial ground at the basis of all phenomenological reflection, consciousness must acquire a thematic character. Thematization of the particular is disclosive of the universal soil on which the experience of that particular has its roots”.

2 A FENOMENOLOGIA TEMÁTICA INTERNAMENTE ESTRUTURADA DE ARON GURWITSCH

Em Aron Gurwitsch se dá a culminação de uma tradição fenomenológica-estrutural onde o aspecto “temático” da consciência esteve sempre presente. Começou com Brentano, no qual o tema era o conteúdo objetivo imanente garantido pela intencionalidade como característica do fenômeno psíquico. Perpassou Husserl, onde após a virada transcendental, houve o aporte do polo noemático à experiência, o que garante acesso à objetividade transcendente ao ato. É a partir deste ponto que Gurwitsch concede a sua contribuição, pois acredita que a intencionalidade alcançou sua verdadeira vocação: a correlação entre noese e noema. Ou melhor dito, a correlação entre os atos de consciência e o tema como sentido.

Apesar do progresso em Husserl, a tematização chegou a Aron Gurwitsch como algo que ainda claudicava em um aspecto importante: a organização. A versão husserliana da estruturação do que Gurwitsch interpreta como tema ocorre via explicação e apreensão conceitual⁸⁷, o fenomenólogo lituano se atenta a isso e expõe o caráter extrínseco da estratégia de seu professor. A fenomenologia temática gurwitschiana se destaca ao propor um caráter interno das relações que compõem a estrutura noemática. É a descrição dessas relações que será o objetivo do nosso segundo capítulo.

O autor acredita estar preenchendo uma lacuna na fenomenologia e orienta sua contribuição demarcando o tema como centro da experiência intencional e utilizando a Teoria *Gestalt* como princípio organizador. A organização interna do tema na esfera noemática e a inserção desse tema como centro organizador são acompanhados da proposta de um campo temático, o qual aborda de maneira original o contexto das experiências. De acordo com Marbach (1974, p. 186), “as penetrantes análises noemáticas de tema e campo temático de Gurwitsch revelam uma riqueza de insights importantes sobre a estruturação dos dados da consciência”⁸⁸.

A noção de consciência temática é indissociável à de intencionalidade, ou seja, a consciência tem como sua característica basilar dirigir-se a algo. Em Husserl, essa consciência tem como sua principal referência subjetiva o cogito, que ao contrário do cartesiano, não está concentrado na certeza das próprias representações. Como nos explica Berger (1972, p. 34), “a própria essência da consciência deve ser dirigida para algo diferente de si mesma: essa é a vida

⁸⁷ HUSSERL, *Ideias I*, § 130.

⁸⁸ “Gurwitschs eindringliche noematische Analysen über Thema und thematisches Feld bringen eine Fülle wichtiger Einsichten über die Strukturierung der Bewusstseinsgegebenheiten zu Gesicht”.

que lhe é própria. Dizer simplesmente eu 'penso' não tem, portanto, nenhum significado”⁸⁹. Gurwitsch segue essa tradição e reconhece o cogito como o polo subjetivo (real) e fundamental numa proposta de fenomenologia temática que se correlaciona com o noema, o polo objetivo (ideal). O fenomenólogo, por outro lado, decide em sua investigação dar ênfase a este último, “uma vez que uma investigação noeticamente dirigida requer um recurso contínuo aos aspectos noemáticos”.⁹⁰ Essa é uma das principais diferenças entre ele e a fenomenologia clássica.

Gurwitsch (2010a, p. 202) desde o começo reivindica a estreita relação entre tema e noema: “No presente ensaio, o termo ‘tema’ tem um significado noemático, e uma fenomenologia do tema é uma análise noemática”⁹¹. O que significa que o tema é sempre abordado do ponto de vista de um ato intencional da consciência, ou seja, nunca é um objeto dado na atitude natural, mas é o sentido ideal que temos acesso após a *epoché*. Essa afirmação aparentemente em total conformidade com a fenomenologia husserliana já apresenta uma contribuição da *Gestalt* em suas entrelinhas que iremos explorar. Isso porque Gurwitsch possui sua própria interpretação do noema, o chamado noema perceptivo pelo qual começaremos nossa investigação.

2.1 O noema perceptivo

O tema, como noema perceptivo, parte de um recorte da noção de noema husserliana que, com contribuições da Teoria *Gestalt*, mostra o caráter original da fenomenologia gurwitschiana. Caracterizado como o sentido objetivamente acessado por meio de um ato de consciência após a redução transcendental, o tema é um dos três estratos noemáticos propostos por Husserl⁹². O chamado “o quê” noemático (*Was des Bewusstes*) é considerado o mais fundamental da sua estrutura por Gurwitsch.

De acordo com Gurwitsch (2010a, p. 203), a partir do tema “o objeto noemático é explicado com respeito às suas determinações e indeterminações, com respeito àquilo que ele ‘é’ e ao que se entende como sendo”⁹³. Dito de forma mais clara, ele é um conjunto de predicados determinados e indeterminados, que nos informa as características do objeto

⁸⁹ “the very essence of consciousness is to be directed toward something other than itself: that is the life proper to it. To say simple I ‘think’ has thus no meaning”.

⁹⁰ “Since a noetically directed inquiry requires continuous recourse to the noematic aspects” (Gurwitsch, 2010a, p. 215).

⁹¹ “In the present essay, the term ‘theme’ has a noematic meaning, and a phenomenology of the theme is a noematic analysis”.

⁹² HUSSERL, *Ideias I*, § 130.

⁹³ “the noematic object is explicated with respect to its determinacies and indeterminacies, with respect to that which it “is” and what it is meant as being”.

intencionado e a sua forma de representação. É por meio dele que temos acesso ao conteúdo objetivo do noema, sendo conseqüentemente atrelado à expressão “sentido”. Por esse motivo, Gurwitsch irá utilizar ambas as expressões como sinônimos.

O noema perceptivo gurwitschiano possui duas características fundamentais que podem ser atribuídas à Teoria *Gestalt*, a recusa da oposição entre matéria e forma e a participação numa organização interna que acomoda de maneira coerente os sentidos a que temos acesso via redução transcendental. As duas características estão conectadas e explicitam que a leitura de Gurwitsch vai além de uma interpretação do proposto por Husserl, elas revelam uma nova proposta de interação com o sentido e com o que é dado perceptivamente.

O noema perceptivo gurwitschiano não é simplesmente uma alternativa a um significado linguístico (*Bedeutung*). Ele vai na direção da noção de sentido (*Sinn*) no seu modelo mais amplo, o que inclui o acesso intuitivo como a percepção e antecede a de significação lógica ou linguística. Isso por um motivo fundacional, por exemplo, os signos precisam ser primeiramente percebidos com um sentido que lhes é intrínseco para apenas depois serem interpretados. A questão é que em Gurwitsch não existe uma separação entre dados não intencionais como matéria sensível e dados intencionais como forma. A percepção está em todos os seus momentos vinculada a um sentido.

O compromisso de Husserl com a separação entre forma e matéria e sua conseqüente incapacidade de lidar com o sentido encarnado já está presente em seu modelo linguístico original. Husserl fala apenas do ato de dar sentido a sons ou marcas sem sentido e do sentido dado. Ele assume que a aparência perceptiva das marcas não é afetada pelo significado assim sobreposto⁹⁴ (Dreyfus 1987, p. 107).

Ao se separar a expressão sensível dos signos (sons ou marcas) de qualquer sentido, opera-se uma profunda separação entre matéria e forma, à qual Gurwitsch (2010a, p. 282) fará oposição: “Se letras chinesas são apresentadas a mim, a diferença entre mim e alguém que sabe chinês não é apenas que ele as entende e eu não, mas as letras também parecem diferentes para ele do que para mim”⁹⁵. Para o fenomenólogo, ao lermos ou escutarmos algo do qual apreendemos sentido, não podemos menosprezar a importância de como os caracteres se apresentam, pois eles chegam a “ter uma certa fisionomia, ser articulados de uma maneira específica até mesmo como ‘objetos físicos’”.

Não se trata mais da diferença que existe entre apreensões interpretativas ou objetivas prevista na primeira das *Investigações Lógicas* husserlianas, existe um sentido originariamente

⁹⁴“Husserl’s commitment to the separation of form and matter and his consequent inability to deal with incarnate meaning is already present in his original linguistic model. Husserl speaks only of the act of giving meaning to meaningless sounds or marks and of the meaning given. He assumes that perceptual appearance of the marks is unaffected by the meaning thus superimposed”.

⁹⁵“marks or sounds, act of giving meaning, meaning given, and new perceptual entity, the meaningful expression”.

encarnado e não somente um significado concedido posteriormente. Gurwitsch coloca como antecedente necessário a expressão sensível que precisa ser percebida com sentido para poder alcançar seu significado. Não há uma ordem de importância entre as duas, porém, uma se apresenta mais primordial que a outra e isso marca um posicionamento em relação à fenomenologia da percepção. Na sua interpretação, Gurwitsch pressupõe sentido articulado internamente, o que desqualifica a existência de qualquer tipo de dado sensível amorfo que necessite de organização e/ou doação de sentido do polo subjetivo, implicando numa releitura do aspecto sensível na interpretação do noema.

Gurwitsch não pretende desafiar o caráter ideal da esfera noemática. O fenomenólogo concorda que o noema, ao contrário de nossos atos mentais, é atemporal, aespacial e ideal. O que ele defende é que não devemos confundir estímulos objetivos dados na atitude natural, os quais devem ser desprezados em terreno transcendental, com a doação de sentido que a matéria sensível exprime de maneira indissociável de sua forma de apresentação, que tem origem na sua forma interna de organização.

A interpretação gurwitschiana do noema, apesar de ser a primeira, não é a mais convencional e iniciou uma discussão profícua a respeito da precisão do termo inserido por Husserl. Ao longo do tempo, nomes como Føllesdal (1969), Solomon (1972), Dreyfus (1972) e Drummond (1990, 1992, 2001) dedicaram-se a propor sua própria interpretação do noema e a tecer críticas ao modelo gurwitschiano. O noema perceptivo de Gurwitsch é tradicionalmente oposto ao de Føllesdal, que o interpreta como significação linguística. Esta última abordagem advém do reconhecimento da conexão que há entre as propostas de Husserl e Frege. Dreyfus, ciente dessas diferenças e apesar de desenvolver as suas próprias ressalvas ao pensamento de Gurwitsch, reconhece que o trabalho do lituano foi por muito tempo subestimado:

A leitura de Føllesdal é recente e pretende nada mais do que explicar os textos husserlianos, por isso não deu origem a uma escola de interpretação. A versão de Gurwitsch, no entanto, datada de 1929 e propondo ‘avançar e desenvolver ainda mais, em vez de simplesmente expor’ a visão de Husserl, teve uma ampla influência. A interpretação gurwitschiana do noema é subestimada nas obras de Cairns, Schutz, Boehm, Fink, Solomon e Tugendhat, para emergir transformada em crítica em Husserl nos escritos de Merleau-Ponty⁹⁶ (1987, p. 98.)

Nesses termos, tendemos a concordar com Dreyfus, no quesito de conceder a Gurwitsch uma interpretação que leva um desenvolvimento ulterior à fenomenologia clássica, ainda que a tome como ponto de partida. Creditamos a validade dessa proposta há dois fatores. O primeiro

⁹⁶ “Føllesdal’s reading is recent and claims to do nothing more than explicate the Husserlian texts, so it has no given rise to a school of interpretation. Gurwitsch’s version, however dating from 1929 and proposing to ‘advance and to develop further rather than merely expound’ Husserl’s view, has had a broad influence. The Gurwitschian interpretation of the noema is taken for granted in the works of Cairns, Schutz, Boehm, Fink, Solomon, and Tugendhat, to emerged transformed into a criticism in Husserl in the writings of Merleau-Ponty”.

por ele explorar o caráter amplo da experiência intencional, que precisa dar conta do acesso intuitivo tanto a objetos lógicos como também a objetos perceptivos. O segundo é por apresentar de uma forma original *insights* advindos da Teoria *Gestalt* na revisão do aspecto organizacional dos atos da consciência.

2.2 A estrutura temática

A maneira mais didática de começar a compreensão do tema gurwitschiano é partindo do seu exemplo de noemata perceptiva⁹⁷. Uma noemata é um conjunto de noemas, no caso de Gurwitsch, um conjunto de temas (sentido) dados via percepção. Esse conceito aplicado a um exemplo que toma uma caixa como noemata perceptiva significa que a cada lado da caixa que eu perceber vou correspondentemente ter acesso a um tema distinto, o qual precisa necessariamente apresentar alguma conexão com os outros lados com o qual está relacionado, a fim de garantir que haja uma unidade de sentido que garantirá a identidade de cada tema e da caixa como tal. Ocorre que por uma contingência da experiência intencional só podemos acessar a caixa um lado por vez, como podemos observar abaixo:

Figura 3 – Noemata perceptiva



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

⁹⁷ Apesar da mais didática é também a fonte de uma das maiores críticas direcionadas a Gurwitsch principalmente por Drummond (1990, 1992, 2001), o fenomenalismo. Concordamos que na obra de 1929, Gurwitsch abre-se para essa crítica ao não delimitar de maneira precisa a diferença do nosso acesso ao objeto intencional e ao tema. No seu principal trabalho em 1964, no entanto, ele aborda essas questões e tenta respondê-las. Porém, não cabe em nosso escopo nos dedicarmos a esse assunto no momento.

A primeira questão que se apresenta com base no exemplo dado seria compreender como todas as partes da caixa se integram de forma que tenhamos acesso ao sentido de caixa como totalidade. Gurwitsch se opõe às hipóteses de que os lados se organizam como um agregado desconexo que precisa de uma organização externa ou como soma de temas enumerados que, eventualmente, ao serem contabilizados pela consciência vão compor o sentido. Então a dúvida permanece: “Qual é a relação dos componentes do ‘atrás’ com os da ‘frente’? Como devemos conceber sua conexão?”⁹⁸ O que Gurwitsch aponta é que não importa se o que eu vou perceber é o tema “frente da caixa” ou o “atrás da caixa”, todos os lados me darão acesso à caixa como essa unidade de sentidos coordenados porque o sentido de um tema só surge a partir da coordenação com os outros sentidos pertencentes à noemata à qual ele pertence. Isso porque só existe o tema “frente da caixa” na medida em que ele se referencia ao tema “lado da caixa”, ao “atrás da caixa”, etc.

O tema já deve ser pensado como uma das partes de um complexo e por isso é necessária uma investigação mereológica para compreendê-lo. Nesse sentido, segundo Gurwitsch, a proposta precisa ser desenvolvida com a ajuda da Teoria *Gestalt*. Como vimos anteriormente, seus predecessores Stumpf e Husserl pensam complexos num esquema que permite uma divisão entre partes dependentes e independentes, o que nesse contexto seria como se cada lado da caixa pudesse ser destacado e classificado como uma parte independente, a qual apresenta o mesmo conteúdo de quando estava compondo uma totalidade. Gurwitsch utilizará a conexão *Gestalt* desenvolvida por Wertheimer como inspiração para fornecer uma alternativa.

Wertheimer lida quase exclusivamente com constituintes internos da *Gestalt*, tentando mostrar que a *Gestalt* não é composta por peças adicionadas e que, correspondentemente, seus próprios constituintes devem ser tomados não como partes no sentido de ‘elementos’ independentes, mas como membros dependentes cujo ser e função são determinados pelo total estrutural da *Gestalt*.⁹⁹

Ou seja, para Gurwitsch as relações temáticas aqui tratadas serão sempre entre membros dependentes de uma totalidade e por isso cada lado da caixa como tema possível não é independente do outro e pressupõe referência à organização interna da noemata da qual faz parte. Além disso, adiantamos que as conexões *Gestalt* são compreendidas por Gurwitsch como leis eidéticas, ou seja, necessárias e invariáveis para todas as consciências e em qualquer situação. Então ainda que algo me seja dado de forma obscura ou confusa, não há interferência

⁹⁸ “What is the relation of components of the “back” to those of the “front”? How are we to conceive their connectedness?” (Gurwitsch, 2010a, p. 205).

⁹⁹ “Wertheimer deals almost exclusively with constituents within the *Gestalt*, endeavoring to show that the *Gestalt* is not composed of parts added together and that, correspondingly, its constituents themselves are to be taken not as parts in the sense of independent ‘elements’ but as dependent members whose being and function are determined by the structural whole of the *Gestalt*”.

na forma como percebemos ainda que muda o que percebemos. Quando Gurwitsch retoma o exemplo husserliano¹⁰⁰, que uma árvore em meio à névoa pode ser percebida primeiramente de forma enganosa como um homem, ele é irredutível afirmando que não é uma questão de claridade ou clareza.

Mesmo quando tudo o que nos é dado é obscuro, isto é, instável, ainda resta para a consciência perceptiva a diferença entre o que se vê e o que não se vê, entre a ‘frente’ e o ‘atrás’ de uma ‘coisa’. E o problema permanece quanto à natureza da relação em que esses componentes se mantêm uns com os outros, quanto à forma como sua conexão deve ser concebida (Gurwitsch, 2010a, p. 207)¹⁰¹.

É por conta dessa correlação temática que é possível, por meio de cada tema, vislumbrar a totalidade da qual faz parte. Vamos agora deixar de lado o aspecto da noemata e voltar a focar no conceito de tema ressaltando duas informações: a primeira é que ele é um conjunto de predicados, a segunda é que esses predicados podem ser determinados ou indeterminados. Então, se formos fiéis à descrição fenomenológica e não pressupormos nada, porque é isso que a suspensão da atitude natural nos pede, em um único tema teríamos acesso a partes determinadas como cor e formato, mas também teríamos acesso à presença de certas indeterminações como, por exemplo, os outros lados da caixa que não estão diretamente dados. Se nos atermos à experiência de perceber a parte da frente de uma caixa, o que me é dado é isso:

Figura 4 – Tema em profundidade



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

¹⁰⁰ HUSSERL, *Ideias I*, §103

¹⁰¹ “Even when everything given to us is obscure, i.e., unstable, there remains for perceptual consciousness the difference between what is seen and what is not seen, between the "front" and the "back" of a "thing". And the problem remains as to the nature of the relation in which these components stand to one another, as to how their connectedness to be conceived”.

E não isso:

Figura 5 – Recorte sem profundidade



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Ainda que só a parte da frente me seja dada de forma determinada, eu não tenho acesso a um quadrado, mas a uma caixa com outros lados pressupostos, porque vemos em profundidade. Uma profundidade que não precisa ser definida por leis da física para ser descrita via experiência perceptiva. Como falado, nessa experiência me são dadas tanto as determinações como cor e formato, mas também as indeterminações como a parte de trás da caixa, que também se faz consciente por mim como quadrada e colorida de algum modo.

Uma ‘caixa’ está ali, com sua ‘frente’ voltada para mim. Vejo a ‘coisa’ ali e, apreendendo-a como uma ‘coisa’, ‘sei’ que ela tem ‘atrás’. A ‘forma’, e ‘cor’ da ‘frente’ me são dadas intuitivamente; daquilo que pertence ao ‘atrás’ tenho um ‘conhecimento’ mais ou menos obscuro, inexplicito. Obviamente, o ‘atrás’ pertence ao que noemático, mas, é claro, apenas na medida em que, e exatamente da maneira em que, estou consciente do ‘atrás’. Aquilo de que tenho consciência é uma ‘caixa vista de frente’, cujo ‘atrás’ não é ‘visto’, embora de alguma forma eu tenha consciência disso. Componentes materialmente determinados do ‘atrás’ pertencem ao sentido noemático e devem ser permitidos em uma descrição noemática. Ao perguntar o que é dado por meio desse ato perceptivo, devemos incluir os componentes das ‘costas’ até agora, mas também apenas tanto quanto há consciência deles¹⁰² (Gurwitsch, 2010a, p. 205).

Essa relação estrutural interna tampouco varia se a coisa é percebida ou representada, caso outros atos sejam fundados nessa percepção eles também apresentarão a mesma organização. Como falamos anteriormente, nós nunca temos acesso à caixa de maneira totalmente determinada e ainda que tentemos lembrar de uma caixa, ela se apresentará com uma certa indeterminação, a qual precisará ter sua relação interna com as outras partes compreendidas. É sobre essa questão que versa a investigação, em torno da qual Gurwitsch

¹⁰² “A ‘box’ stands there, with its ‘front’ facing me. I see the ‘thing’ there, and, apprehending it as a ‘thing,’ I ‘know’ that it has a ‘back.’ The ‘form,’ ‘shape,’ and ‘color’ of the ‘front’ are intuitively given to me; of that which belongs to the ‘back’ I have a more or less obscure, inexplicit ‘knowledge.’ Obviously the ‘back’ belongs to the noematic What, but, of course, only to the extent to which, and in just the way in which, I am conscious of the ‘back.’ That of which I am conscious is a ‘box seen from the front,’ the ‘back’ of which is not ‘seen,’ although I am somehow conscious of it. Materially determinate components of the ‘back’ belong to the noematic sense and must be allowed for in a noematic description. In asking what is given through this perceptual act, we must include the components of the ‘back’ so far, but also only so far, as there is consciousness of them”.

(2010a, p. 207) explica que, “Portanto, no noema da lembrança, no qual tudo é representado e onde nada é dado perceptivamente, encontramos a mesma diferença fenomenológica que no noema perceptivo. Assim, temos o mesmo problema novamente”¹⁰³.

Além disso, nossa experiência perceptiva é mais abrangente que nossa percepção do que entendemos por coisas. O grande ganho da *Gestalt* é nos fazer cientes que percebemos não objetos puros e simples, mas relações. Mesmo que o ponto de partida de Gurwitsch seja a experiência perceptiva de uma coisa-noema, esta experiência nos aponta para uma generalização do problema a respeito da unidade:

Uma figura, como S, que pode ser ‘apreendida’ como um grande S no latim ou um pequeno φ grego, contém uma linha curva e um *loop*. Como a linha curva se encaixa com o loop? Qual é a relação deles quando a figura é ‘apreendida’ como um grande S latino; o que é quando ‘apreendido’ como um pequeno φ grego? Ou: uma linha teórica de pensamento que examino ‘à primeira vista’, por exemplo, uma prova matemática, é composta de passos únicos, de pensamentos únicos. Como eles estão relacionados entre si? Como eles cabem um no outro? Correspondentemente, a mesma questão pode ser levantada em relação à melodia que, por assim dizer, em um relance eu mantenho em memória, sem passar de nota em nota ao lembrar a melodia. Neste caso, também tenho peças; de que maneira elas estão conectadas?

Essa generalização nos traz exemplos de várias *Gestalten* diferentes. Temos figuras que, ao contrário da caixa, não possuem lados e podem ser apreendidas *num só golpe*; temos também uma prova matemática examinada “à primeira vista”, com vários pensamentos que só fazem sentido se conversam entre si; e, por último, o primeiro exemplo de estrutura reconhecida como *Gestalt*, a melodia que parece *driblar* a distribuição temporal, podendo ser mantida em “um relance” para ser percebida. Esses exemplos e a maneira específica com a qual são descritos revelam o caráter unitário instantâneo e intrínseco ao seu modo de doação à experiência perceptiva. A unidade, entretanto, não implica a ausência de partes. Ou seja, o algo que se apresenta à consciência ainda que uno não é simples.

O que precisa ser compreendido a partir de agora é como essa pluralidade que se estrutura como unidade se organiza de forma a expressar um sentido, um tema. O primeiro passo é relembrar que a *Gestalt* não significa que o todo é mais que a soma de suas partes. Isso implicaria que as partes são prioritárias e constantes e o que muda é apenas a organização do todo. Quando na verdade a estrutura como organização intrínseca muda o conteúdo das partes, ou como Gurwitsch as chama, dos constituintes. Gurwitsch defende que a estrutura temática dever ser descrita levando em consideração a “tese da Gestalt segundo a qual as descobertas

¹⁰³ “Hence, in the noema of remembering, in which everything is represented and where nothing at all is perceptually given, we encounter the same phenomenological difference as in the perceptual noema. Accordingly, we have the same problem again”.

fenomênicas devem ser tomadas pelo seu valor de face e não devem ser ‘explicadas’¹⁰⁴. Ou seja, existe um sentido revelado na própria estrutura em que é dada que deve ser tomado como uma fisionomia. Novamente, reiteramos: as coisas não têm *Gestalt*, mas são dadas em *Gestalt*.

Quando partimos de um tema como um lado da caixa, é possível perceber que por mais que ela seja dada como totalidade, a parte da “frente” à qual nos dirigimos se apresenta de forma privilegiada na experiência perceptiva, “carregando” o sentido de caixa porque nos dá acesso a características fundacionais tais como o seu formato e cor. O mesmo pode ocorrer com a linha curva de uma letra que, quando percebida como figura, apresenta essa ênfase em função da sua totalidade. A estrutura interna de todos os momentos é ordenada em função do sentido da sua totalidade. O que Gurwitsch percebe é que nessa organização intrínseca existem diferentes funções para os constituintes. Alguns são formativos e outros são formados. São os formativos e que atuam como o “centro de gravidade” a partir do qual os formados se organizam e são eles que se encontram intrinsecamente ligados ao sentido temático.

Em toda parte e sempre, os constituintes formativos e formados devem ser distinguidos uns dos outros, embora, é claro, apenas abstratamente. Estão sempre entrelaçados da maneira como o enfático se entrelaça com o subordinado, o ‘excepcional’ com o que se apoia nele. Isso ocorre no modo como um determinante de sentido se entrelaça com aquilo cuja função no quadro estrutural em que se encontra é derivada do determinante de sentido e que, por assim dizer, só existe por causa do que é formativo¹⁰⁵.

Essa organização interna permite diferenças do centro gravitacional de um fenômeno dependendo de como seus conteúdos se organizam de forma funcional e pode explicar porque alguns são enfatizados em relação a outros. Notoriamente, essa descrição só é possível se seguimos a Teoria *Gestalt* e refutamos a hipótese da constância, a qual admite que “mesmo” traço pode se apresentar de forma diferente em caracteres distintos.

A função da linha curva é diferente conforme a figura seja vista como um pequeno grego ϕ ou como um grande S latino. No primeiro caso, é um apêndice pendente; no outro caso, ‘a figura repousa sobre ela’. Essa diferença é de natureza genuinamente fenomenal. É tão decisivo para o quê do dado que nas duas ‘apreensões’ se apresenta um ‘objeto’ totalmente diferente, e não um certo dado de sentido idêntico que, embora sofrendo apreensões diferentes, continua sendo dado como o mesmo dado de sentido¹⁰⁶ (Gurwitsch, 2010a, p. 209).

¹⁰⁴ “Gestalt thesis according to which the phenomenal findings have to be taken at face value and must not be ‘explained away’”.

¹⁰⁵ “Everywhere and always the formative and formed constituents are to be distinguished from one another, though, of course, only abstractively. They are always interwoven in the way in which what is emphatic is interwoven with what is subordinate, what is “outstanding” with what leans on it. This occurs in the way in which a sense determinant is interwoven with that whose function in the structural framework in which it stands is derived from the sense determinant and which, as it were, only exists for the sake of what is formative”.

¹⁰⁶ “The function of the curved line is different depending on whether the figure is seen as a small Greek ϕ or as a large Latin S. In the first case, it is a dangling appendix; in the other case, “the figure rests upon it.” This difference is of a genuinely phenomenal nature. It is so decisive for the What of the given that in the two “apprehensions” a

Existem dois modos de abordar a comparação entre os dois caracteres. Um deles é dizer que o mesmo elemento gráfico (a linha curva) compõe diferentes caracteres que serão interpretados dando origem a diferentes sentidos. Nesse caso, Gurwitsch (2010a, p. 211) adianta e explica:

O termo ‘sentido’ não se refere ao significado do ‘signo’. ‘Sentido’ deve ser entendido aqui como quando Husserl (*Ideen I*, p, 274) fala de uma intuição (*Anschauungssinn*). Independentemente de seu significado, a figura em questão exibe a estrutura descrita em sua própria aparência. A questão aqui é nada mais do que como a figura ‘parece’. O estado de coisas discutido no texto também se encontra nos ornamentos, embora não tenham significado, nem sejam ‘signos’¹⁰⁷.

É com base nessa outra forma de percepção que a investigação noemática deve prosseguir, os caracteres mudam porque a curva se apresenta de forma fenomenalmente diferente. O conteúdo mudou, ou também poderíamos dizer, a identidade fenomenal mudou. Segundo Gurwitsch (2010a, p. 209), “A linha curva não é um conteúdo com propriedades próprias. Em vez disso, é definida e determinada pela configuração a que pertence e pelo papel que desempenha na configuração”¹⁰⁸. Esse é o mesmo motivo pelo qual notas musicais em diferentes acordes ou quando dadas isoladamente soam diferentes, porque são notas distintas do ponto de vista do conteúdo fenomenal.

Contudo, Gurwitsch aponta que por conta dessa refutação, a *Gestalt* precisa lidar com um problema inverso: Como explicar no que consiste a identidade fenomenal? Dito de outra forma, como garantir a constância temática sem pressupor a hipótese da constância? Segundo o lituano, “Apenas aquilo que era considerado óbvio pela descrição e análise tradicionais torna-se um problema aqui”¹⁰⁹. O que Gurwitsch percebe é que a refutação da hipótese da constância, apesar de mais fiel às descrições fenomenológicas, traz consigo novos problemas que precisam ser abordados. A unidade da consciência e identidade temática são questões que surgem quando a *Gestalt* é abordada a partir de questionamentos epistemológicos.

Eles dizem respeito às concatenações da consciência através das quais um objeto transcendente se manifesta em uma multiplicidade de atos mentais e processos direcionados a ele como um objeto idêntico em oposição a essa multiplicidade que

totally different “object” presents itself, and not a certain identical sense datum which, while undergoing different apprehensions, continues being given as the same sense datum”.

¹⁰⁷ “The term ‘sense’ does not refer the meaning of the ‘sign’. ‘Sense’ is to be understood here as when Husserl (*Ideen I*, p, 274) speaks of an intuition (*Anschauungssinn*). Quite apart from its meaning, the figure in question exhibits the described structure in its very appearance. The question is here of nothing else than of how two figure ‘looks’. The state of affairs discussed in the text is also encountered in ornaments, although they do not have meaning, nor are they ‘signs’”.

¹⁰⁸ “The curved line is not a content with properties of its own. Instead, it is defined and determined by the configuration to which it belongs and by the role which it plays in the configuration”.

¹⁰⁹ “Just that which was taken for granted as self-evident by traditional description and analysis becomes a problem here”.

compreende atos mentais de conteúdos altamente diferentes¹¹⁰ (Gurwitsch, 2010a, p. 214).

Porém, o que ocorre é uma modificação do problema por conta da Teoria *Gestalt*. Gurwitsch, ao contrário de Husserl e de Kant, não parte dos mesmos problemas postos pelos questionamentos de David Hume e por isso não compartilha das mesmas soluções.

Kant, como Gurwitsch o lê, aceitou parte da posição de Hume, a saber, seu atomismo perceptivo ou teoria dos dados sensoriais discretos, e se esforçou para restabelecer a unidade e a conexão em uma nova base. A base é, claro, a concepção kantiana de apercepção transcendental¹¹¹ (Allison, 1997, p. 37).

Se tomamos a conexão *Gestalt* aqui apresentada, não há mais um atomismo perceptivo, mas uma organização estrutural interna dada imediatamente como material fenomenológico primordial. O problema então é transformado:

Surgindo dentro da teoria da *Gestalt*, esses problemas epistemológicos certamente não são os mesmos de Kant, que desenvolve suas questões transcendentais com base na doutrina humeana do ‘material sensual caótico’ que precisa ser ordenado e organizado porque não exhibe nada disso em si. Os problemas da ‘unidade sintética das multiplicidades’ são modificados de acordo com, e como consequência, da nova e melhorada - essencialmente melhorada - concepção do material fenomenológico primordial (Gurwitsch, 2010a, p. 215)¹¹².

Apesar de modificados, estes problemas ainda são preocupações no contexto da *Gestalt* e na noção de tema de Aron Gurwitsch, afinal, identidade é algo que define o tema como tal, “o tema - entendido como sempre no sentido noemático - permanece o mesmo em identidade estrita”¹¹³. Mas a possibilidade de mudança de conteúdo fenomenal dos constituintes não implica relativismo. Como adiantamos, quando acesso o tema “frente da caixa”, as partes às quais eu não tenho acesso não são absolutamente indeterminadas, elas acompanham e sustentam o sentido do tema.

Isso nos mostra o equilíbrio da estrutura temática, na qual apesar dos constituintes formativos terem relação privilegiada com o sentido, os constituintes formados não são supérfluos. São os formados os responsáveis por dar o suporte, continuação e suplementação. Segundo Gurwitsch (2010a, p. 231), “Na sua função subordinada e meramente coadjuvante eles

¹¹⁰ “They concern the concatenations of consciousness through which a transcendent object manifests itself in a multiplicity of mental acts and processes direct to it as one identical object over against this multiplicity which comprises mental acts of highly different contents”.

¹¹¹ “Kant, as Gurwitsch reads him, accepted part of Hume's position, namely, his perceptual atomism or theory of discrete sense data, and endeavored to reestablish unity and connection on a new basis. The basis is, of course, Kant's conception of transcendental apperception”.

¹¹² “Arising within *Gestalt* theory, these epistemological problems are certainly not the same as for Kant, who develops his transcendental questions on the basis of the Humean doctrine of the ‘chaotic sensuous material’ which is in need of being ordered and organized because it exhibits nothing of that in itself”.

¹¹³ “the theme—understood as always in the noematic sense—remains the same in strict identity.” (Gurwitsch, 2010a, p. 228).

contribuem indispensavelmente para o sentido temático”¹¹⁴. Podemos afirmar que existe uma relação entre a organização estrutural dos constituintes de um tema como correlação funcional e a identidade que apresentam. O que pressupõe que quando se tentar destacar, ou como Gurwitsch coloca, singularizar um dos constituintes temáticos ou até mesmo o tema, se muda o conteúdo fenomenal, o que altera a identidade temática. Por esse motivo, o contexto em que esse tema está inserido é outro fator importante na investigação gurwitschiana.

2.3 O campo como estrutura

Uma das maiores contribuições de Aron Gurwitsch à fenomenologia foi dar ênfase e desdobrar a noção de campo como estrutura internamente articulada. Não à toa o nome da sua obra mais importante, *Campo da Consciência*, carrega o termo como destaque. No entanto, gostaríamos de ressaltar que já em sua tese de doutorado de 1929, o campo, ou melhor, os campos, já despontam como uma inovação na organização da consciência.

Nessa obra, de maneira ainda introdutória, Gurwitsch começa a descrever a consciência, mereologicamente, como um campo que se organiza em função de um tema, o qual se contextualiza emergindo de um campo temático. Ou seja, há um campo da consciência como totalidade estrutural e um campo temático como fundo contextual do tema que opera como centro da experiência. O que precisa ficar claro é que, na mereologia gurwitschiana, não há partes independentes, apenas relações entre partes dependentes de sua organização.

A aquisição fundamental que Gurwitsch extrai das análises mereológicas de Stumpf e, portanto, de Husserl, é a ideia segundo a qual os conteúdos representativos sempre se manifestam conjuntamente, como membros de uma relação, isto é, sempre e necessariamente como conteúdos organizados. Esta aquisição é fundamental para o desenvolvimento da noção de campo, conceito-chave de toda a filosofia de Gurwitsch. Como se verá, porém, o filósofo lituano não se limita a aceitar as distinções mereológicas desenvolvidas pelos seus professores; pelo contrário, radicaliza a sua abordagem, a ponto de negar a própria existência de conteúdos representativos independentes: todo conteúdo representativo, segundo Gurwitsch, só pode ser uma parte do conteúdo ou conteúdo não independente¹¹⁵ (Aurora, 2022, p. 24).

Seguindo a dinâmica temática, vamos começar pela descrição de campo temático para, a partir dele, compreender a organização do campo da consciência. Antes de tudo, é preciso

¹¹⁴ “In their subordinate and merely supporting function they contribute indispensably to the thematic sense”.

¹¹⁵ “L’acquisizione fondamentale che Gurwitsch ricava dalle analisi mereologiche stumpfiane, e quindi husserliane, è l’idea secondo la quale i contenuti rappresentativi si manifestano sempre in maniera congiunta, come membri di una relazione, cioè sempre e necessariamente come contenuti organizzati. Questa acquisizione risulta fondamentale per l’elaborazione della nozione di campo, concetto cardine di tutta la filosofia di Gurwitsch. Come si vedrà, tuttavia, il filosofo lituano non si limita ad accogliere le distinzioni mereologiche elaborate dai suoi maestri; al contrario, egli ne radicalizza l’impostazione, fino a negare l’esistenza stessa di contenuti rappresentativi indipendenti: ogni contenuto rappresentativo, secondo Gurwitsch, non può che essere un contenuto-parte o un contenuto non indipendente”.

reconhecer que a noção de campo não é uma inovação gurwitsciana e tem suas raízes em pelo menos 3 fontes diferentes, a saber, Edmund Husserl, William James e, claro, a Teoria *Gestalt*. Gurwitsch se refere e discute com todas elas, além de propor a sua própria versão.

2.3.1 Além do horizonte: O campo como contexto

Há uma relação próxima entre campo, margem e horizonte que acompanha a filosofia. Todos são sinônimos de potencialidade e inatualidade. Por exemplo, Husserl faz uma ponte entre o caráter atual e inatual da consciência com um campo potencial de percepção¹¹⁶ e na mesma obra desenvolve a noção de horizonte indeterminado que envolve o atualmente percebido¹¹⁷. Porém, o que nem sempre é dito é que a ideia original de horizonte está em uma obra lida tanto por Husserl quanto por Gurwitsch, o texto de 1890, *Principles of Psychology* de William James.

Este campo de visão da consciência varia muito em extensão, dependendo em grande parte do grau de frescor mental ou fadiga. Quando muito frescas, nossas mentes carregam consigo um horizonte imenso. A presente imagem lança a sua perspectiva muito à sua frente, irradiando antecipadamente as regiões onde se encontram os pensamentos ainda por nascer¹¹⁸ (James, 1918, p. 256).

A leitura de horizonte de James abre a possibilidade de ir além das impressões do empirismo britânico e admitir a possibilidade de experienciar relações que não eram constantes com respeito aos estímulos, mas que variavam com relação ao horizonte. James também avança em sua descrição e, segundo Arvidson (1992, p. 833), “descreve o campo de consciência de um foco e uma margem. O foco é o centro do campo é aquilo com o qual o sujeito está preocupado. Essa margem é o que não preocupa no momento”¹¹⁹.

O que se percebe tanto em Husserl quanto em James é uma dinâmica na estrutura da consciência entre o que é atual, por isso foco da atenção, e o que já foi ou pode vir a ser este ponto focal, mas ainda performa como inatualidade e se encontra no horizonte, à margem ou no fundo da consciência. Para Gurwitsch, essas três noções estão corretas, mas não são equivalentes à sua proposta de campo. O que mostra que havia mais sobre a estrutura da consciência do que havia sido descrito e analisado até aquele momento.

¹¹⁶ HUSSERL, *Ideias I*, §84.

¹¹⁷ HUSSERL, *Ideias I*, §27

¹¹⁸ “This field of view of consciousness varies very much in extent, depending largely on the degree of mental freshness or fatigue. When very fresh, our minds carry an immense horizon with them. The present image shoots its perspective far before it, irradiating in advance the regions in which lie the thoughts as yet unborn”.

¹¹⁹ “William James describes the field of consciousness of a focus and a margin. The focus is the center of the field it is that with which the subject is concerned. That margin is that which is of no concern at the moment”.

Gurwitsch nota que a ideia de contexto e inaturalidade é dada de forma quase indiferenciada nas obras dos outros dois autores, o que tem consequências, principalmente em relação ao papel da temporalidade na organização. Enquanto o contexto de Husserl e James tem a temporalidade na sua conexão com a subjetividade como principal critério ordenador, a proposta de Aron Gurwitsch dirigida ao aspecto temático (objetivo) segue os princípios de organização interna da Teoria *Gestalt* de figura-fundo.

Essa é a grande inovação de Aron Gurwitsch, pensar uma organização de campo a partir de estruturas que se organizam internamente sem a necessidade de um agente externo tal qual uma pura subjetividade, em volta da qual essa estrutura se remeta a partir do fluxo temporal. Nessa obra, Gurwitsch se compromete pela primeira vez, ainda que implicitamente, com algo fundamental na sua fenomenologia, a ideia de que apesar da temporalidade ser necessária e desempenhar um fundamental papel para a organização da consciência, ela não é razão suficiente para tal e precisa ser complementada. Talvez por isso a escolha gurwitschiana de uma descrição prioritariamente topológica, afinal trabalha estruturas de campo.

Para o fenomenólogo, o campo temático será sempre organizado a partir da sua correlação com o tema¹²⁰, que se dá de forma presente à consciência. Daí a importância dos estudos de Edgar Rubin, que são relacionados à Teoria *Gestalt*. Para Gurwitsch (2010a, p. 225), a relação entre tema e campo temático pode ser tomada como equivalente à relação figura-fundo: “Podemos generalizar os termos ‘figura’ e ‘fundo’ para além do âmbito visual em que surgiram e identificá-los com os conceitos de tema e campo temático”.

Ao mesmo tempo que o campo temático tem um centro, esse tema também se torna central no campo da consciência porque é tematizado por um cogito. Devido à intencionalidade como correlação noético-noemática, tema e cogito são complementares e respectivos centros de seus campos que são correlacionados. Há uma simetria entre as duas estruturas que precisa ser respeitada, nesse sentido, se há dois centros, há também dois campos e dois horizontes.

Gurwitsch pretende mostrar a diferença da inaturalidade com respeito ao centro entre campo e horizonte. Não porque eles são heterogêneos naquilo que são constituídos. Afinal, o campo está sempre inserido no horizonte, ou como Gurwitsch coloca, “o campo temático é o horizonte aberto em relação ao tema¹²¹”. O que ocorre é que ambos desempenham papéis funcionais diferentes em relação ao tema e ao cogito.

¹²⁰ “O tema, como “centro organizador”, insere-se no campo temático. A relação do tema com o campo temático é recíproca; é uma correlação” (gurwitsch, 2010a, p. 228).

¹²¹ “The thematic field is the horizon opened up with respect to the theme.”

Ele sempre propõe a análise de forma paralela entre tema e cogito. Então um dos possíveis horizontes diz respeito ao que Gurwitsch chama “o ambiente natural de uma coisa” que revela o caráter primordial que o autor concede à percepção na experiência intencional. Quando tematizamos algo, esse algo sempre nos é dado em meio, em continuação e justaposto a outras coisas:

Eu observo, por exemplo, o tinteiro na minha escrivaninha. Ao seu redor estão lápis, papel, livros, etc.; eles são co-dados enquanto me dirijo ao tinteiro no modo do cogito: eles formam o ‘fundo objetivo’ do tinteiro. Nesse ‘fundo objetivo’ aparecem diversas coisas, entre elas as que acabamos de citar; mas ainda mais: aparece-me pela janela parte da frente da casa do meu vizinho. Essa frente também é vivenciada como parte integrante do ‘fundo objetivo’ (Gurwitsch, 2010a, p. 216).

Além disso, há o horizonte dado cogitativamente. Como Aron Gurwitsch complementa (2010a, p. 221), “também tenho alguma consciência do que está nas minhas costas, está na minha casa, no jardim, na rua, na cidade em que estou, na hora do dia e assim por diante. Surgem memórias, expectativas, desejos”¹²². O fenomenólogo, no entanto, não acredita que essa enorme quantidade e variedade de tudo o que se apresenta a mim e surge em mim na forma de horizonte possa ser equivalente. Isso levaria a uma enorme confusão de tudo o que é me dado simultaneamente. Não percebemos ou pensamos as coisas de maneira desordenada e desconexas umas das outras, ainda que elas não façam parte da tematização presente.

O que Gurwitsch nos mostra sobre a ideia de horizonte como inaturalidade, já consagrada na fenomenologia, é que ela peca por sua amplitude. Por exemplo, quando voltamos à cena do tinteiro, o que está ao redor dele, como o papel, o lápis e os livros, não pode ter a mesma conexão com o tema do que a fachada da casa que tenho acesso pela janela. Um contexto muito abrangente perde seu caráter funcional de referência, que é o que sustenta a identidade temática, como veremos mais à frente.

Daí a importância da aproximação entre campo temático e contextualização. Segundo Gurwitsch (2010a, p. 224), “o próprio campo temático é um contexto de ‘objetos’ intrinsecamente relacionados como pertencentes materialmente”. Apesar do campo temático não ter limites completamente definidos, pois tem como uma de suas características a abertura a indeterminações de vários tipos, o fenomenólogo faz a distinção entre a influência do que é dado como campo e do que está no horizonte ou à margem. Enquanto no primeiro caso há influência direta no sentido temático, no segundo não há interferência significativa, o que vai definir o papel de cada um é o “fator proximidade”.

¹²² “I also have some awareness of what lies behind my back, is in my house, in the garden, in the street, in the city in which I am, of the time of day, and the like. Memories, expectations, wishes arise”.

Segundo Gurwitsch (2010a, p. 227), sempre há distância fenomenal entre o campo temático e o que é co-dado como horizonte, “nesse momento ocorre um salto, e o meramente co-dado não se integra ao campo temático como sua zona mais distante: sua diferença em relação a esse campo é essencial e radical”¹²³. Contudo, esse tipo de afirmação precisa lidar com eventuais confusões e possíveis mal-entendidos, já que toma certos termos emprestados de dimensões e medidas quantitativas, quando, na verdade, na esfera da descrição fenomenológica, trata-se de qualidades fenomenais. É o que ocorre quando descrevemos o que está ‘próximo’ do tema em nosso campo perceptivo¹²⁴. Essa proximidade não se refere a quantos centímetros ou metros o tema se encontra em relação aos outros elementos do campo temático do qual ele emerge. Como Gurwitsch (2010a, p. 219) atesta, “‘distâncias’ fenomenais sempre exibem características qualitativas; não são, portanto, distâncias no verdadeiro sentido do termo”¹²⁵. Não se trata de definir uma magnitude que calcule a medida exata para fazer com que algo deixe de estar próximo de outra coisa, mas de como as relações funcionais entre o tema e seu entorno mudam. Da mesma forma que para a Teoria *Gestalt* não se tratava de obter uma equação que conseguisse propor uma magnitude para quantificar a sensação, mas de perceber as relações fenomenais via descrição direta que ultrapassava a hipótese da constância.

É importante ressaltar que essa proximidade que contextualiza é abordada tanto por Wertheimer quanto por Rubin de maneiras distintas, mas que se complementam na investigação gurwitschiana. Seguindo a lógica de Wertheimer, o tema como totalidade “forma uma textura unitária na qual os constituintes (dependentes) estão contidos”¹²⁶, já seguindo Rubin, o tema “não é um constituinte dentro de um contexto, mas é um contexto em si e por direito próprio, aparecendo no fundo do seu entorno”¹²⁷. O que muda são os tipos de estruturas que estão sendo descritas. O primeiro caso se refere ao tema e o segundo à relação deste com o campo temático. Mas ambas comportam relações de dependência entre suas partes por conta do que Gurwitsch chama de “conexão *Gestalt*”.

Assim como cada lado da caixa só existe como referência a um outro, o tinteiro só é percebido como figura sobre um fundo. A escrivainha onde constam o tinteiro, o papel e o

¹²³ “At this juncture a leap occurs, and the merely cogiven is not integrated into the thematic field as its farthest zone: its difference from that field is essential and radical”.

¹²⁴ “Similarly, the terms ‘neighborhood,’ ‘relative proximity,’ ‘moderate proximity,’ ‘immediate surroundings,’ ‘wider surroundings,’ ‘close by,’ ‘next to,’ and others designate phenomenological qualities and not distances in a merely quantitative sense” (Gurwitsch, 2010a, p. 219).

¹²⁵ “Phenomenal “distances” always exhibit qualitative features; they are thus not distances in the genuine sense of the term”.

¹²⁶ “[...] forms a unitary contexture in which (dependent) constituents are contained”.

¹²⁷ “It is not a constituent within a contexture but is a contexture itself and in its own right, appearing on the background of its surroundings”.

lápiz é uma totalidade apreendida em que cada uma de suas partes desempenha uma função. O tinteiro é o tema que emerge em meio ao fundo composto pelo papel e lápis, mas esse fundo não é composto por elementos aleatórios, há uma “conexão material” (*sachliche Bezüge*) entre todos que influencia no sentido.

O aspecto perceptivo e topológico, no entanto, não deve ser confundido com uma tentativa de submissão à espacialidade. O tema, como afirmado anteriormente, é atemporal, aespacial e ideal. Contudo, isso não o exclui da necessidade de contextualização. Assim como o tinteiro estará sempre emergindo de um fundo como a escrivania, Napoleão é sempre ou “vencedor da batalha de Jena” ou “perdedor da batalha de Waterloo”. Tanto o tema tinteiro quanto o tema Napoleão são contextualizados a partir de seus campos temáticos e subsumidos a noemas de sentidos que se conectam internamente.

Independentemente do tipo de conexão, o que Gurwitsch nos mostra é que a singularização não corresponde à experiência intencional. O tinteiro como tema é uma totalidade que se apresenta por uma frente, que pressupõe um atrás, e essa totalidade temática também faz parte de um campo e por isso não existe mais “o” tinteiro singularizado, o que percebemos é sempre o tinteiro inserido num campo que o ambienta no aqui e agora, em termos fenomenais, claro.

Meu tema é o tinteiro, mas esse tinteiro só neste ambiente em que está situado aqui e agora. Quando o ambiente muda, o tinteiro ainda pode ser meu tema. Mas não posso esquecer de acrescentar: o mesmo tinteiro num novo ambiente. Sempre um tema está localizado dentro de um ambiente ou outro. É impossível perceber uma coisa sem ambiente, uma coisa mais simples, separada de qualquer ambiente¹²⁸ (Gurwitsch, 2010a, p. 220).

Ainda que o tinteiro mantenha a sua identidade temática em outro ambiente, não é possível variar os elementos ao fundo aleatoriamente sem mudar o sentido da totalidade percebida. Por exemplo, se mudamos o contexto do tinteiro e o percebemos em cima de um piano, há uma mudança perceptiva – e de sentido – relevante. “Assim, o tinteiro parece diferente na escrivania do que quando o coloco no piano. Está deslocado, ‘não pertence a ele’, não se encontra em seu meio autêntico”¹²⁹ (Gurwitsch, 2010a, p.228).

O que precisa ficar claro é que para Gurwitsch a relação figura-fundo é uma lei eidética: algo só é percebido em relação ao seu fundo. A descrição da experiência percebida utilizando conexões da Teoria *Gestalt* é apenas o meio de termos acesso a ela e não a sua condenação ao

¹²⁸ “My theme is the inkwell, but that inkwell in just this environment in which it is situated here and now. When the environment changes, the inkwell can still be my theme. But I must not forget to add: the same inkwell in a new environment. Always a theme is located within some environment or other. It is impossible to perceive a thing without environment, a thing simpliciter, severed from any environment”.

¹²⁹ “Thus the inkwell looks differently on the desk than when I put it on the piano. It is displaced, ‘does not belong there,’ is not found in its authentic *milieu*”.

naturalismo. Como adiantamos, algo que se atesta como transcendentemente verdadeiro também precisa ser fenomenologicamente descrito como verdadeiro. Quando no caso mencionado acima, sobre o tinteiro, o fenomenólogo lituano afirma que:

Esses componentes não podem ser variados à vontade, ou melhor, não é tão embora tal variação consistisse apenas na substituição de outros componentes por aqueles que são dados agora, como no caso de um agregado onde as mudanças relativas a certos itens permanecem estritamente confinadas a esses mesmos itens. Os componentes pertencentes à fronteira têm algum significado para aquilo cuja fronteira eles formam¹³⁰.

Gurwitsch não elimina a possibilidade da ideação, mas claramente introduz outros parâmetros para sua aplicação, como é o caso do respeito à relação figura-fundo. É impossível variar elementos de uma totalidade conectada internamente por relações funcionais sem alterar a forma como ele se apresenta a mim. Por isso o tema é sempre uma noemata de sentidos, as diferentes relações de campo influenciam invariavelmente na sua apreensão. O que se estende para além da consciência perceptiva. A maneira de apresentação à consciência, seja como uma memória ou fantasia, também é sempre dada em campo e uma das consequências desse campo é que ele sempre contextualiza a experiência.

O tema gurwitschiano permanece atemporal, aespacial e ideal. Por isso, quando mudamos o contexto isso não é sinônimo de desvirtuar sua identidade. Dizer que Napoleão é sempre pensado a partir de um contexto, seja como “vencedor da batalha de Jena” ou “perdedor da batalha de Waterloo”, não significa que o sentido de Napoleão se restrinja ao período temporal em que viveu ou aos campos de batalha que frequentou, mas demonstra que pelo mesmo motivo que ele pode se manter Napoleão em todos os contextos não existe uma única correspondência de sentido para ele. Tanto o tema tinteiro quanto o tema Napoleão são contextualizados a partir de seus campos temáticos e subsumidos a noematas de sentidos que não possuem um único polo identitário, mas se conectam internamente de forma que todos os sentidos sustentem a identidade temática.

2.3.2 A atitude como campo

A amplitude da inatualidade da consciência não afeta apenas as conexões materiais do que circunda o tema perceptivamente, mas também a nossa atitude (*Einstellung*) em relação a ele. Na fenomenologia e conseqüentemente para Gurwitsch, “pensar em alguma coisa nunca é

¹³⁰ “These components cannot be varied at will, or, rather, it is not as though such a variation would consist merely in the substitution of other components for those which happen to be given now, as in the case of an aggregate where changes concerning certain items remain strictly confined to those very items. The components belonging to the fringe have one significance for that whose fringe they form” (Gurwitsch, 2010a, p. 220).

encará-la de maneira estúpida”¹³¹ (2010a, p. 222). Ao mesmo tempo que algo sempre é dado para mim de alguma maneira eu também sempre me volto para algo com uma certa atitude. Ainda assim, tradicionalmente na fenomenologia, a atitude se relaciona com o horizonte do tema com o qual me ocupo e não com ele diretamente. Luft (1998, p. 158) explica que, para Husserl,

Todas as coisas que me são dadas, ou com as quais estou sintonizado, tenho uma certa atitude, que não é uma atitude em relação a uma única coisa, mas em relação a todo um horizonte de coisas possíveis. Aquilo que vejo nesta atitude é temático, mas a própria atitude permanecerá na maior parte não temática.

A grande diferença de Gurwitsch é o reconhecimento do campo temático como uma espécie de estrato intermediário em relação ao horizonte. Se antes a estrutura temática se esgotava no binômio tema-cogito, a qual tinha como consequência o binômio atual-inatual por conta da relação entre tema e horizonte, com a presença de um campo temático ela agora se abre para novas possibilidades. Gurwitsch percebe que há uma inatualidade temática que é fundamental na dinâmica estrutural interna da consciência e da nossa relação com o sentido. O autor nos alerta:

Não devemos nos deixar enganar pelo hábito de falar, por exemplo, da ‘atitude matemática’, como se houvesse um campo temático que pudesse ser co-dado a todo teorema matemático e, portanto, fosse independente e separável em relação a qualquer teorema especial. Considerando o campo temático *concreto* que pertence a um teorema *concreto* como tema, vemos quão intimamente ele está ligado a ele e como ele se sustenta e cai com ele. Em *concreto* não há nenhuma ‘atitude matemática’ geral *simplesmente*; o horizonte pertencente a um teorema é tão diferente do horizonte de outro teorema quanto os dois teoremas são um do outro. Só o que é dado concretamente é decisivo, e a isso devemos sempre voltar. O que queremos dizer com ‘atitude matemática’ em um caso concreto muda de caso para caso de acordo com o caso¹³². (Gurwitsch, 2010a, p. 232)

Gurwitsch concorda que sempre pensamos em algo com algum direcionamento, mas esse direcionamento também é contextualizado pelas conexões temáticas estabelecidas pelo campo, ainda que este campo seja em última instância dado em um horizonte com maior amplitude. Por exemplo:

Suponha que eu pense em uma teoria de Descartes, digamos, a união do corpo e da mente. Muitas coisas podem vir à mente: a conexão em que esse problema surge na

¹³¹ “Thinking about something is never a stupid staring at it”.

¹³² We must not allow ourselves to be misled by the habit of speaking, e.g., of the ‘mathematical attitude’, as though there were a thematic field which could be cogiven to every mathematical theorem and hence, would be independent and separable with regard to any special one. Considering the *concrete* thematic field which belongs to a *concrete* theorem as theme, we see how intimately it is connected with it and how it stands and falls with it. In *concreto* there is no general ‘mathematical attitude’ *simpliciter* at all; the horizon pertaining to one theorem is as different from the horizon of another theorem as both theorems are from one another. Only what is concretely given is decisive, and to this we must always return. What we mean by ‘mathematical attitude’ in a concrete case changes from case to case according to the case.

filosofia de Descartes, as grandes consequências históricas que essa teoria teve etc. (Gurwitsch, 2010a, p. 221).

Fazendo uma analogia com a situação do teorema na matemática, uma simples atitude filosófica não é suficiente para compreender todos os temas filosóficos existentes. Há de se admitir que haverá grandes diferenças de como essa teoria será trabalhada dependendo do campo temático no qual ela será articulada, ainda que todos os campos temáticos que consideremos façam parte de um horizonte filosófico em geral.

Observamos que a introdução da atitude no campo temático gera uma atualização importante, porque até então trabalhamos com a ideia de um campo percebido contemplativamente sem contrapartida subjetiva. Essa abordagem dava a impressão de uma certa neutralidade da esfera subjetiva, mas esse foi apenas um recurso didático utilizado para uma melhor compreensão do percurso, porque essa neutralidade também é incompatível com a tematização. Não se trata, para Gurwitsch, de uma inércia subjetiva diante da organização objetivamente dada.

Quando apenas olho uma coisa, tomando-a como uma coisa entre outras que estão à minha frente, o entorno e o campo temático coincidem de fato. Mas também posso lidar tematicamente com uma coisa de outras maneiras. Posso, por exemplo, pensar na sua utilidade em certas situações, ou no papel que desempenhou outrora na minha vida, etc. Nesse caso, o ambiente em que percebo a coisa em questão não coincide com o campo temático pertencente a ele como meu tema; pode então acontecer que nada do que está próximo ou na sua vizinhança pertença ao campo temático. Em vez disso, o campo temático compreende situações em que a coisa pode ser útil, ou aquelas em que ela já figurou, etc., sempre de acordo com a atitude em que estou realmente lidando com uma coisa como tema¹³³.

O contexto subjetivo é tão importante quanto o objetivo porque não há cortes nessa relação. Aron Gurwitsch sempre propõe interação entre os dois polos, ou nesse caso, entre os dois campos. Assim, para Gurwitsch (2010a, p. 226), “Para um tema ‘ser compreendido’ e para ‘os pensamentos entrarem em ordem’ é uma e a mesma coisa”¹³⁴. O campo perceptivo não deve ser pensado apenas a partir do ponto de vista do campo visual, mas como uma totalidade que inclui as condições internas do sujeito.

Digamos que eu precise de ajuda para alcançar a última prateleira de uma estante e percebo próxima à estante uma cadeira na qual anteriormente eu estava sentada. Nesse momento a cadeira se mostra para mim como degrau. Bom, há uma óbvia conexão entre uma

¹³³ “When I merely look at a thing, taking it as one thing among others in front of me, surroundings and thematic field coincide indeed. But I can also deal thematically with a thing in other ways. I can, e.g., think of its usefulness in certain situations, or of the role which it once played in my life, etc. In that case, the surroundings, in which I happen to perceive the thing in question, do not coincide with the thematic field belonging to it as my theme; it may then be that nothing of what lies near to it or in its neighborhood belongs to the thematic field. Instead, the thematic field comprises situations in which the thing can be of use, or those in which it had once figured, etc., always according to the attitude in which I am actually dealing with a thing as theme”.

¹³⁴ “For a theme “to be taken into grasp” and for “thoughts to come into order” is one and the same thing.”

cadeira e o ato de sentar-se, mas não há a mesma obviedade de uma relação entre a cadeira, a estante, a prateleira e o ato de escalar. O que ocorreu é que eu tive acesso a dois diferentes sentidos objetivos (noemáticos) em que a cadeira pode se manifestar. O sentido em que eu tematizo a cadeira muda para mim simultaneamente ao seu aparecer como um degrau que me permite acessar a prateleira que preciso. Ou seja, sua aparência e seu sentido se transformam ao mesmo tempo que minha atitude em relação a ela muda. Arvidson (1997, p. 135) corrobora, afirmando que,

Como foi observado anteriormente, as características do campo da consciência estão correlacionadas com as características da consciência do campo. Por exemplo, o campo temático (que pertence ao campo da consciência) é o correlato da atitude (que pertence à consciência do campo). Para Gurwitsch, uma mudança de atitude é uma mudança de campo temático, e uma mudança de campo temático é uma mudança de atitude.¹³⁵

O que precisa ter destaque é que a atitude subjetiva não é externa ao campo, mas é o próprio campo do ponto de vista subjetivo. Há uma interdependência de contextualizações externas e internas. Podemos retomar uma informação introduzida por nós ainda no primeiro capítulo. Gurwitsch oferece uma fórmula matemática, que traduziria a teoria da Escola de Berlim em como tomar a percepção a partir da experiência fenomenológica. Na fórmula proposta, temos $P = F(x_e, x_i)$, o que significa que há uma implicação funcional mútua entre as variáveis externas e internas que irão configurar a percepção como experiência na sua totalidade. Por esse motivo, qualquer tematização implica diretamente na organização estrutural da consciência. É sempre uma questão de organização e correlação objetiva e subjetiva. Ao descrever a orientação e organização da consciência como fluxo contínuo dessas tematizações:

Dizemos que uma orientação foi produzida, e isso envolve duas coisas: o campo da consciência adquiriu um centro e o campo temático é organizado em relação a ele. Os componentes do campo temático são ordenados de acordo com suas relações com o tema¹³⁶ (Gurwitsch, 2010a, p. 226).

No entanto, é importante notar que apesar da percepção da cadeira mudar e termos acesso a mais de um sentido via contextualização, sua identidade não muda. Isso tem relação direta com a mereologia temática proposta por Gurwitsch. Uma cadeira não é só uma noemata perceptiva que correlaciona sua parte da frente com a de trás, é também uma noemata de sentido em geral, a qual via atos da consciência pode se expressar contextualmente em vários sentidos,

¹³⁵ “As was noted earlier, features of the field of consciousness are correlated with features of the consciousness of field. For example, the thematic field (which pertains to the field of consciousness) is the correlate to attitude (which pertains to the consciousness of field). For Gurwitsch, a change in attitude is a change in thematic field, and a change in thematic field is a change in attitude”.

¹³⁶ “We say that an orientation has been brought about, and this involves two things: the field of consciousness has acquired a center, and the thematic field is organized with respect to it. The components of the thematic field are ordered in accordance with their relations to the theme”.

inclusive perceptualmente, mantendo a sua identidade temática. Do mesmo modo que no exemplo de Gurwitsch, o tinteiro se mantém como um tinteiro seja em cima da escrivania ou do piano, ainda que no segundo caso ele seja apreendido com estranheza. O que leva ao importante questionamento do que garante a manutenção da consistência temática mesmo em um campo temático diferente. Gurwitsch ressalta que:

Não estamos falando aqui do que de *factualmente* acontece na *ocorrência factual* de mudança no ambiente; estamos falando apenas da impressão que temos do tema, de seu *habitus* fenomenológico. Não há dúvida de que o próprio tema pode sofrer modificações, e mesmo profundas, em várias dimensões, em decorrência de uma mudança de atitude em que *hic et nunc* é efetivamente dado como tema. No contexto atual, é apenas uma questão de como o tema aparece quando dirigimos nosso olhar para ele enquanto lidamos com ele¹³⁷.

O motivo mais óbvio para essa manutenção da identidade consiste no fato do tema não ser um simples constituinte do campo temático, mas o centro em torno do qual o campo temático se organiza. Gurwitsch (2010a, p. 225) esclarece que “essa distinção do tema é decisiva para a estruturação do campo temático. O campo temático tem um centro e é orientado com referência a esse centro”. Isso ocorre porque o tema já se apresenta como uma unidade cujo sentido provém da organização dos seus constituintes. Como Gurwitsch coloca:

O tema é altamente independente em relação ao seu campo temático. Não é absorvido em seu campo temático ou esgotado por sua função e significado para esse campo. Pelo contrário, tem a sua própria subsistência para além da sua função no seu campo temático. Ou seja, a distinção que tem dentro de seu campo temático – ou seja, de organizar esse campo – não é nem mesmo sua distinção primária, mas, ao contrário, deriva desta última¹³⁸.

Porém, ao mesmo tempo que ele se destaca como central, isso o insere numa “moldura de sentido”¹³⁹. A contextualização que atesta sua consistência é a mesma que pode transformá-la. De acordo com Gurwitsch (2010a, p. 233), por conta de sua importância para a organização estrutural “temos a impressão de que o tema pode ser transferido do campo temático atual para outro, sem que seu conteúdo material e sua condição de tema sofram qualquer alteração”¹⁴⁰.

¹³⁷ “We are not speaking here of what *factually* happens in the *factual occurrence* of change in environment; we are speaking solely of the impression we have with regard to the theme, of its phenomenological *habitus*. There is no doubt that the theme itself can undergo modifications, and even deep-reaching ones along several dimensions, as a result of a change of the attitude in which it is *hic et nunc* actually given as theme. In the present context, it is only a question of how the theme looks when we direct our regard to it while dealing with it”.

¹³⁸ “The theme is independent to a high degree over against its thematic field. It is not absorbed into its thematic field or exhausted by its function and significance for that field. Rather, it has its own subsistence over and above its function in its thematic field. That is to say, the distinctiveness it has within its thematic field—namely, of organizing that field—is not even its primary distinction but, rather, derives from the latter”.

¹³⁹ “framework of sense” (Gurwitsch, 2010a, p. 225).

¹⁴⁰ “we have the impression that the theme can be transferred from the present thematic field to a different one, without its material content and its status as a theme undergoing any alteration”.

Contudo, as modificações temáticas que veremos no próximo capítulo nos mostrarão quão falaciosa é essa pretensão.

2.4 A tematização cogitativa

Começamos o capítulo com a apresentação de uma consciência temática gurwitschiana e até agora o foco esteve na relação do tema com seu campo temático, agora precisamos aos poucos abordar o que a consciência temática representa do ponto de vista noético. A fenomenologia de Aron Gurwitsch é reconhecida por ser não egológica, o que não significa a ausência de engajamento subjetivo, como pudemos constatar com a atitude. Essa caracterização não egológica se dá porque a única subjetividade reconhecida pelo fenomenólogo é o cogito, que é abordado sempre em função da sua contraparte objetiva, o tema.

Chamando aquilo de que nos ocupamos de tema de nossa ocupação, designamos por ‘cogito’ aqueles atos nos quais realmente nos ocupamos com um tema, e por ‘cogito’ a expressão ‘consciência temática’, ‘consciência de um tema’, pode ser substituído, de modo que os termos ‘tema’ e ‘temática’ sempre conotam ocupação atual¹⁴¹ (Gurwitsch, 2010a, p. 195).

O cogito nada é mais que a subjetividade da consciência temática que, justamente por estar sempre tematizada, nunca assume o aspecto de uma pura subjetividade, ele não é um “eu penso”, ele é sempre um “pensando em algo” ou na perspectiva gurwitschiana “algo sendo pensado”. Nesse sentido, é dito que ele é absorvido tematicamente. Conforme Gurwitsch (2010, p. 237), “Estou ‘absorvido’ no meu tema enquanto ‘vivo’ naqueles atos que tornam o tema presente”¹⁴².

Ao contrário do que possa parecer, a forma em que Gurwitsch pensa a subjetividade não a enfraquece. A consciência, para o filósofo, ainda é o meio primordial de acesso ao mundo e ao sentido. O cogito absorvido tematicamente é a prova do caráter relacional e atual da nossa experiência intencional do qual não podemos nos desvincular. O cogito permanece como a subjetividade à qual temos acesso na consciência purificada pela redução transcendental e mantém seu privilégio ao possuir o mesmo caráter atual do tema.

Essa atualidade cogitativa revela sua importância e a sua limitação ao mesmo tempo. A tematização cogitativa é a expressão da intencionalidade “como tal”, por meio da qual objetos

¹⁴¹ “Calling the something with which we concern ourselves the theme of our busiedness, we accordingly designate by ‘cogito’ those acts in which we actually busy ourselves with a theme, and for ‘cogito’ the expression ‘thematic consciousness’, ‘consciousness of a theme’, can be substituted, so that the terms ‘theme’ and ‘thematic’ always connote actual busiedness”.

¹⁴² “I am ‘absorbed’ in my theme while ‘living’ in those acts which make the theme present”.

são dados a mim por atos da consciência. Sendo assim, Gurwitsch reconhece que “o cogito é uma forma especial de intencionalidade”¹⁴³. Porém, ao mesmo tempo, ele nos alerta que não é a única.

O privilégio conferido ao cogito como um modo especial de intencionalidade funciona como um índice para a maneira especial e distinta pela qual o tema é dado à consciência junto com o que ‘também está lá’. Ao dizer ‘também lá’ para a consciência, o caminho é mostrado sobre o qual nossa investigação deve atacar: apenas isso que está ‘também lá’ deve agora ser considerado¹⁴⁴ (Gurwitsch, 2010a, p. 216).

Temos a partir de então pelo menos dois tipos de intencionalidade, uma ligada ao cogito e outra ligada ao que é co-dado à consciência. Vimos que todo tema emerge de um campo temático que pressupõe uma margem ou horizonte repleta de possibilidades. Do ponto de vista noemático, a margem é o que está “distante” do tema de maneira que não se relacione com ele, já na esfera noética, é o que se relaciona com os estados de consciência que já ocorreram e aos que podem vir a ocorrer.

O fato dos *cogitationes* estarem sempre em referência uns aos outros nos faz perceber que, ainda que abordemos o cogito muitas vezes no singular, ele é sempre dado em conjunto, numa multiplicidade, em que se constitui como uma rede de relações que correspondem à unidade da consciência. Passamos de um ato de consciência para outro de forma perpétua e independentemente de que em cada novo ato haja um novo cogito engajado num novo ou mesmo tema, esses cogitos necessariamente se relacionam de alguma forma com o anterior, mantendo uma unidade e identidade. A consciência se faz temática nesse contexto porque nunca estamos não pensando, não sentindo, não percebendo. Há sempre um tema para ser tematizado dado num horizonte do que está materialmente inatual, esse tema é cercado marginalmente pelas possibilidades cogitativas do passado e futuro. A margem, como fundo, é sempre inatualidade que está constantemente dada em relação à atualidade cogitativa.

Gurwitsch percebeu que a inatualidade da fenomenologia clássica compreendia apenas a noção de intencionalidade de horizonte (*Horizont-Intentionalität*). Entretanto, após suas descrições do campo temático, o filósofo nos mostrou que o fundo não é um só. O que leva ao questionamento se há de fato uma única intencionalidade não cogitativa, ou como Gurwitsch coloca, “o termo ‘fundo da consciência’ possivelmente esconde equívocos?” Parte da resposta gurwitschiana veio com a distinção entre campo temático e horizonte e apresentação das

¹⁴³ “the cogito is a special form of intentionality”

¹⁴⁴ “the privilege accruing to the cogito as a special mode of intentionality functions as an index for the special and distinctive way in which the theme is given to consciousness along with what is ‘also there’. In saying ‘also there’ for consciousness, the way is shown upon which our inquiry must strike out: just this which is ‘also there’ must now be considered” (Gurwitsch, 2010a, p. 221).

respectivas relações de cada uma com o cogito. Contudo, a discussão ganha outros contornos quando abordamos o “fundo da consciência” como o terreno atribuído por Husserl ao ego puro.

Estados mentais que não têm a forma do cogito e que ainda são processos intencionais - pois o cogito é uma forma *especial* de intencionalidade - também têm sua participação no ego puro, mesmo quando não possuem a relação especial com o ego peculiar às *cogitationes*. Eles permitem ser transformados em *cogitationes* atuais e são um ‘*campo perceptivo potencial*’ no sentido de que tudo o que não aparece assim (sc. não na forma de uma *cogitatio*) pode ser atendido por uma percepção especial (uma percepção [*gewahrendes*] cogito)¹⁴⁵ (Gurwitsch, 2010a, p. 197).

É nessa capacidade de tornar o que é inatual em atual que encontramos a limitação do cogito, porque se apresenta uma lacuna de como explicar o dinamismo da passagem de uma *cogitatio* a outra uma vez que o cogito é absorvido tematicamente. Husserl resolve sua dinâmica de figura-fundo de maneira externa e subjetiva com a introdução de um ego puro que é o responsável por direcionar, via atenção, o cogito ao seu tema. Desse modo, o tema é transformado em figura, organizando assim a transição de um estado cogitativo para outro no fundo da consciência. Para Husserl, a natureza da consciência cogitativa e a atenção são extrinsecamente estruturadas pelo relacionamento com o ego (*Ichhaftigkeit*). Gurwitsch, por outro lado, aplica a relação figura-fundo a partir da Teoria *Gestalt*.

2.5 A discussão do ego puro

É dentro do contexto exposto acima que Aron Gurwitsch toma parte num debate já em andamento na filosofia e na fenomenologia, o que versa sobre a necessidade de um ego puro como polo organizador dos estados de consciência. Edmund Husserl e o neokantiano Paul Natorp discutiam sobre o assunto desde a época de *Investigações Lógicas*. Sendo assim, é preciso compreender qual o motivo da divergência original acerca dessa proposta de subjetividade envolvendo escolas diferentes evoluir para um ponto de discordância fundamental dentro do terreno da fenomenologia. Spiegelberg (1981, p. 104) descreve como “A crescente insistência de Husserl na certeza absoluta do ego puro e a negação igualmente insistente de Gurwitsch é talvez o caso mais notável de uma discordância básica entre dois importantes fenomenólogos”¹⁴⁶.

¹⁴⁵ “Mental states not having the form of the cogito and which are still intentional processes—for the cogito is a *special* form of intentionality — likewise have their share in the pure ego even when they do not possess the special ego-relatedness peculiar to *cogitationes*. They allow of being transformed into actual *cogitationes* and are a ‘*potential perceptual field*’ in the sense that whatever does not thus appear (sc. not in the form of a *cogitatio*) can be attended to by a special perceiving (an attentive perceptual [*gewahrendes*] cogito)”.

¹⁴⁶ “Husserl's increasing insistence on the absolute certainty of the pure ego and Gurwitsch's equally insistent denial of it is perhaps the most striking case of a basic disagreement between two leading phenomenologists”.

É interessante observar que Gurwitsch e Husserl nem sempre estiveram em lados opostos dessa disputa. Em *Investigações Lógicas*, Husserl também antagonizava o ego puro reivindicado por Natorp. Há dois fatores metodológicos dos quais Husserl parte, como aluno de Brentano, que eram a base da sua discordância com o neokantiano na época: a intencionalidade e a visão estática da consciência. De cada uma delas deriva um problema a ser considerado, o primeiro, o acesso ao ego puro, e o segundo, a sua necessidade. Husserl busca um acesso subjetivo à objetividade e em seu percurso defende acesso intuitivo às estruturas da consciência via intencionalidade. Já o neokantismo e seu respectivo método transcendental se opõem totalmente à possibilidade de intuição direta, o refletir sobre a atividade da consciência levará sempre a uma objetivação. Segundo Berger (1972, p. 14), enquanto Husserl “quer ir ‘às coisas mesmas’, ele vê os neo-kantianos da escola de Marburgo substituindo a reflexão sobre teorias científicas pelo estudo direto de objetos conhecidos”¹⁴⁷.

Por isso, ainda que Natorp proponha a descrição das estruturas fundamentais da consciência em *Allgemeine Psychologie* (1880), esse movimento ocorre por meio do seu método reconstrutivo e não via acesso intuitivo à consciência. É essa diferença metodológica que justifica a afirmação de Husserl, na V Investigação Lógica, que em sua descrição das estruturas da consciência não é possível encontrar essa forma de subjetividade. Contudo, para Natorp, essa é uma acusação sem sentido uma vez que o “ego puro” não depende de achados fenomenológicos. Para o neokantiano, um ponto de referência como este não pode e nem deve se manifestar num contexto tão limitado como o proposto pela fenomenologia. O posicionamento de Natorp é alicerçado no “fato da consciência”, no qual, de acordo com Porta (2011, p. 270), “se distinguem três elementos: o ‘eu puro’ (*reines ich*), o conteúdo (*Inhalt*) e a relação do ser-consciente ou consciencialidade (*Bewusstheit*)”.

Por ser uma reconstrução, este “eu puro” não existe por si mesmo e nem é alcançado intuitivamente, mas apenas como correlação ao conteúdo. O “eu puro” não pode se tornar objeto nem para si mesmo e sendo assim não pode ser descrito. Ele é uma necessidade formal que garante a unidade dos conteúdos à consciência. A psicologia reconstrutiva de Natorp pressupõe dois polos de um único processo dinâmico e infinito do conhecimento, no qual se parte de uma objetivação rumo a uma subjetivação, mas enquanto a objetivação já está efetuada e se encontra em sua última instância na forma de leis da natureza, a subjetivação é uma reconstrução metodológica à qual não temos acesso direto, ao contrário do que propõe Husserl.

¹⁴⁷ “While he wants to go ‘to the things themselves’, he sees the neo-Kantians of the Marburg school as substituting reflection on scientific theories for the direct study of known objects”.

Essa necessidade em *Investigações Lógicas* não aparece porque ela é o desenvolvimento de uma psicologia do ato iniciada por Brentano. Não se trata da existência de um sujeito, mas dos atos intencionais como momentos da multiplicidade que é o fluxo da consciência, que nesse contexto é abordado estaticamente do ponto de vista temporal.

Portanto, se existe em PES o ‘problema da unidade da consciência’, certamente não é sob a forma de identidade de um ‘eu’ através do tempo. Trata-se de mostrar que a existência de uma multiplicidade ou diversidade no ato não afeta a unidade do fenômeno psíquico presente em um instante dado. Pelo contrário, em Natorp, com a introdução de um ‘eu puro’ está colocado o problema de sua identidade no tempo, o qual remete à tradição kantiana da temática da apercepção transcendental (Porta, 2011, p. 285).

Se em *Investigações Lógicas* o tempo não era uma questão, esse cenário muda no período que se seguiu até a publicação de *Ideias I*. Husserl começa a se dedicar à temporalidade, o que aliado a troca de correspondências com Natorp, uma volta a Kant e o proceder da redução fenomenológica gera uma reviravolta na fenomenologia husserliana. Em 1913, Husserl lança a 2ª edição das *Investigações Lógicas* e o primeiro livro de *Ideias* e ambas as obras reconhecem o “ego puro” como parte integrante da estrutura da consciência. Luft (2010a, p. 59) relata que:

Como Husserl reconheceu após sua virada transcendental, foram suas discussões com representantes da tradição transcendental – ou seja, os neokantianos – que o ajudaram a desenvolver uma fenomenologia transcendental completa. Seu aliado mais próximo entre esses antigos oponentes era, sem dúvida, Natorp¹⁴⁸.

Entretanto, Husserl precisa lidar com um problema que conhece muito bem, o “ego puro” não aparece nas descrições fenomenológicas. Então como justificar que uma fenomenologia, que é de natureza descritiva, utilize como polo de referência um elemento que não pode ser encontrado e, sendo assim, não pode ser descrito? Esse é o problema que Aron Gurwitsch coloca como do ponto de vista da fenomenologia:

Nas análises da consciência temática, não encontramos um momento de ego descritivamente determinável como envolvido em cada ato da forma cogito, para não falar do ego como uma ‘fonte primária de gerações’ da qual os atos se irradiam. Como já havíamos dito, devemos voltar à posição original de Husserl na primeira edição da *Investigações Lógicas* contra seu ponto de vista alterado em *Ideias*¹⁴⁹ (Gurwitsch, 2010a, p. 239).

¹⁴⁸ “As Husserl acknowledged after his transcendental turn, it was his discussions with representatives of the transcendental tradition – i.e., the Neo-Kantians – that aided him in developing a full-fledged transcendental phenomenology. His closest ally among these erstwhile opponents was undoubtedly Natorp”.

¹⁴⁹ “In the analyses of thematic consciousness we did not encounter a descriptively ascertainable ego moment as involved in every act of the form cogito, not to speak of the ego as a ‘primal source of generations’ out of which acts radiate. As we have already said, we must revert to Husserl’s original position in the first edition of the *Logische Untersuchungen* over against his changed standpoint in the *Ideen*”.

O que Gurwitsch parece nos chamar a atenção é que nessa virada kantiana, Husserl não só ganha o alargamento de sua fenomenologia rumo ao transcendental, mas também herda os problemas e, nesse caso, a pressuposição de uma solução.

Num sentido particular, ele (ego puro) esgota sua vida em cada *cogito* atual, mas também os vividos de fundo lhe concernem, assim como ele a eles; enquanto pertencentes a um *único*, ao meu fluxo de vividos todos eles têm de poder ser convertidos ou incluídos de maneira imanente em *cogitationes* atuais; na linguagem kantiana: ‘*O ‘eu penso’ tem de poder acompanhar todas as minhas representações*’ (Husserl, § 57, p. 132).

Isso é necessário porque após a redução transcendental, a relação com o “ego empírico” é suspensa e permanece apenas a esfera da consciência pura, a qual tem o cogito como subjetividade. Porém, também falamos que o cogito está sempre tematizado, então ele nunca assume o aspecto de uma pura subjetividade, resumindo-se em “pensando em algo”. Mas quem está pensando?, já que a referência, o “ego empírico”, não faz mais parte da investigação. Husserl não acredita que a esfera da consciência pura possa ficar sem um polo de referência e atribui esse papel ao “ego puro”, sobre o qual defende permanecer como resíduo da *epoché*, atribuindo-lhe um caráter de transcendência na imanência que garantiria a identidade da consciência.

Ele faz parte, ao contrário, de cada vivido que chega e se escoia, seu olhar se dirige ao objeto ‘através’ de cada *cogito* atual. O raio de luz desse olhar muda a cada *cogito*, iluminando-se de novo a cada novo *cogito* e desaparecendo junto com ele. O eu, porém, é um idêntico (Husserl, 2006, § 57, p. 132).

A tematização da consciência sem um polo organizador que dê conta do aspecto temporal põe em risco a manutenção da unidade e identidade da consciência. O “ego puro” é uma solução necessária porque até então não existe a alternativa de uma rede de relações internas que sustentariam essa possibilidade. Gurwitsch entende que Natorp, que vem de uma tradição kantiana, consiga garantir esses aspectos fundamentais da consciência com uma dedução lógica, mas essa não é a tarefa da fenomenologia. Segundo Gurwitsch (2010a, p. 240), “com respeito a unidades fenomenalmente dadas, não faz sentido perguntar sobre uma base de unidade em virtude da qual elas ‘se tornam possíveis’”¹⁵⁰. Há uma distinção metodológica inegável entre o método fenomenológico e o reconstrutivo. “Natorp não considera o ego um ‘dado fenomenológico’; segundo ele, o ego não se manifesta em constatações fenomenológicas, nem está obrigado a tal legitimação”¹⁵¹ (Gurwitsch, 2010a, p. 238). Sendo assim, por mais que

¹⁵⁰ “With respect to phenomenally given unities, it makes no sense to ask about a ground of unity by virtue of which they ‘are made possible’”.

¹⁵¹ “Natorp does not consider the ego to be a ‘phenomenological datum’; according to him, the ego does not manifest itself in phenomenological findings, nor is it under the obligation of such a legitimation”.

seja algo perfeitamente coerente numa proposta neokantiana, um “ego puro” apenas deduzido e sem um acesso intuitivo é no mínimo estranho em terreno fenomenológico.

Gurwitsch pretende oferecer ao longo de sua obra uma solução para a principal crítica sobre as descrições fenomenológicas: a impossibilidade de garantir a unidade e identidade da consciência por conta da observação estática. Sua intenção não é desprezar o aspecto temporal, mas oferecer uma alternativa complementar válida que não comprometa a intuitividade e a descrição tão características do método fenomenológico. Para Gurwitsch, o fluxo da consciência é contínuo, revelando uma dinâmica própria que deve ser observada e descrita. A consciência não é um agregado de conteúdos elementares que se apresentam separadamente e sucessivamente e que por isso precisam ser conectados por um elemento externo. De acordo com Gurwitsch (2010a, p. 240), a fenomenologia se propõe a responder com base na descrição dos dados fenomenais tanto a validade das unidades objetivas como as motivações racionais das conexões da consciência, “então o problema não pode ser levantado novamente em relação à possibilidade desses mesmos dados e descobertas fenomenais”¹⁵². Como resume Gurwitsch (2010a, p. 240), “Em geral, dentro do reino fenomenológico, a questão não é *como* algo é possível, mas *o que* é possível”¹⁵³. A chave para essa resposta é se concentrar e partir da descrição direta dos fenômenos. Segundo o autor, no contexto da fenomenologia descritiva não há evidência direta do “ego puro”, sendo impossível atestar sua presença no fluxo de vivências.

O que o ego puro possui são funcionalidades atribuídas a ele para garantir a organização e o funcionamento da nossa consciência. Uma delas é direcionar a atenção através do cogito, a única subjetividade à qual tenho acesso intuitivo em terreno transcendental; a outra é ser o polo que garante a unidade e identidade da consciência através do tempo, onde seja possível que cada *cogitatio* pertença à mesma consciência. No entanto, o ego puro é uma solução extrínseca à organização do campo da consciência e por isso Gurwitsch não a aceitará. O fenomenólogo irá utilizar as conexões *Gestalt* na garantia de uma estruturação e organização interna dos momentos subjetivos que fazem correlação com os objetivos e proporá uma nova forma de pensar a consciência.

¹⁵² “then the problem cannot be raised again concerning the possibility of those very phenomenal data and findings”.

¹⁵³ “Quite in general, within the phenomenological realm the question is not *how* something is possible but *what* is possible”.

3 O campo da consciência: uma proposta de organização

O campo da consciência de Aron Gurwitsch é geralmente reconhecido pela publicação da obra homônima de 1964, que mostra de forma completa e mais sólida uma proposta estrutural regulada por leis internas de auto-organização. Porém, é nosso intuito defender ao longo deste capítulo que o núcleo argumentativo e, principalmente, a utilização da Teoria *Gestalt* em chave fenomenológica se encontram já na obra de 1929, a qual tomamos como centro de nossa investigação. Acreditamos que desde essa época Gurwitsch crava seu posicionamento característico que o diferencia diante de uma tradição fenomenológica que o antecede e o precede. O filósofo desenvolve uma fenomenologia que mantém a consciência como reino transcendental privilegiado ao mesmo tempo que aborda esta consciência a partir de um ponto de vista noemático (objetivo) e não noético (subjetivo).

Veremos ao longo deste capítulo que ao deslocar o polo organizacional de uma pura subjetividade para uma objetividade que além de se estruturar como, desdobra-se em uma rede de relações internamente organizada, Gurwitsch repensa de maneira inovadora a consciência como um campo que se autorregula diante de sua dinâmica com a esfera do sentido. Nesse percurso, a atenção será um ponto crucial para a estratégia gurwitschiana. O fenomenólogo expõe a relação direta entre atenção, tema e consciência temática e como nos explica: “Os problemas de atenção dizem respeito à natureza peculiar dos atos através dos quais algo é experienciado como tema; eles dizem respeito à natureza da consciência temática *qua* consciência temática”¹⁵⁴. A atenção deixa de ser subjetiva e passa a atuar não como uma função unitária, mas como variedade de alterações objetivas, as chamadas modificações temáticas.

Desmistificar a atenção é mais um indício de como Aron Gurwitsch aplica princípios da Teoria *Gestalt* na sua fenomenologia. Desde a noção de sensações não notadas (*unnoticed sensations*) ou inconscientes, a questão da atenção vinha sendo denunciada pelos teóricos da *Gestalt* como um deus *ex machina* na psicologia responsável por manter a hipótese da constância válida por muito tempo ao justificar as disparidades perceptivas. Gurwitsch reconhece como esse mesmo prejuízo se estendeu à fenomenologia, na qual a atenção com o seu caráter subjetivo justificava sentidos que destoavam dos conteúdos que se afirmava serem constantes.

A “subjetividade da atenção”, nos alerta Gurwitsch, é dada em dois sentidos que se confundem e precisam ser distinguidos para serem refutados e tratados corretamente. O

¹⁵⁴ “Problems of attention concern the peculiar nature of acts through which something is experienced as theme; they concern the nature of thematic consciousness *qua* thematic consciousness” (Gurwitsch, 2010a, p. 237).

primeiro é como uma função que emana do sujeito, como ponto de referência central da experiência, sendo que essa subjetividade pressupõe duas dimensões, o cogito e o ego puro. O segundo é a habilidade subjetiva de modificar o modo de apreensão de algo dado objetivamente, mudando seu sentido, mas sem alterar o conteúdo. É essa estreita conexão entre atenção, subjetividade e sentido que faz com que o binômio cogito-tema não seja suficiente para lidar com o problema.

Gurwitsch irá abordar a questão em três passos complementares. Seu movimento inicial é descrever a mudança do ponto central da experiência. Ao invés de um fluxo que parte do ego puro em direção ao tema, parte-se do tema e da sua relação com o campo temático. Ao fazer isso, ele expõe que a atenção não é uma única função, mas uma série de possíveis modificações distintas, as quais interferem no sentido e, em alguns casos, na identidade temática. É necessário então questionar a manutenção de um conteúdo constante por meio de sua crítica à doutrina do hylético. Novamente, Gurwitsch parte da refutação da hipótese da constância da Teoria *Gestalt* para fundamentar sua proposta, mas dessa vez em um aspecto negativo em relação a Husserl.

Após a releitura do problema da atenção, Gurwitsch chega ao que será o principal alicerce de sua filosofia: a descrição do campo da consciência como uma estrutura de relações internamente organizadas, em que a temporalidade não desempenha o papel absoluto. Para sustentar essa hipótese, além dos já apresentados tema e campo temático, o autor expande sua descrição em direção à margem e introduz duas novas dinâmicas temáticas com relação ao halo e ao horizonte. Com base na investigação desses últimos estratos, em especial do halo e seu aspecto temporal, será possível concluir como a nova organização do campo da consciência, aliada a uma visão não-egológica, conduz a investigação gurwitschiana na direção de garantir a unidade e identidade da consciência respeitando a máxima transcendental de que o “eu penso deve acompanhar todas as minhas representações”. O que significa que, em última instância, a única subjetividade pura admitida por ele é o próprio fluxo dos estados da consciência que se posiciona em relação ao próprio tema como estrutura regida por conexões *Gestalt*.

3.1 O problema da atenção e a teoria do holofote

Com o auxílio da Teoria *Gestalt*, Aron Gurwitsch fará oposição à “teoria do holofote”, na qual a atenção age como uma luz advinda de um holofote que ao tematizar algo o ilumina, organizando-o e dando sentido. Essa teoria que também existe na fenomenologia husserliana é defendida pela maioria dos psicólogos da época que caracterizavam a atenção como uma função que “consiste em tornar proeminente, realçar, aproximar e iluminar” (2010a, p. 245). Nesse

contexto, por meio do cogito, uma inaturalidade é transformada em atualidade. O fato intrigante é que nesse processo, quando ocorre a tematização “iluminadora”, o conteúdo objetivo representativo não muda apesar de eu percebê-lo diferente, o que varia é apenas o modo como me dirijo ao tema.

O conteúdo noemático permanece identicamente o mesmo face a ‘meras alterações na distribuição da atenção e nos seus modos’. Ao longo das modificações atencionais o mesmo objeto com as mesmas características patentes e o mesmo conjunto de componentes indeterminados dados de modo não intuitivo continua a apresentar-se nas mesmas formas de aparência e orientação, exibindo os mesmos caracteres dóxicos¹⁵⁵ (Gurwitsch, 2010a, p. 198).

Essa teoria evidencia alguns problemas ligados à atenção que são impossíveis de se ignorar do ponto de vista gurwitschiano. O mais óbvio deles, a partir da narrativa que estamos construindo, é que podemos classificar a pressuposição da manutenção do conteúdo noemático, como desdobramentos da manutenção da hipótese da constância. Segundo o fenomenólogo lituano, Husserl, Stumpf, Lipps e Pfänder estão presos a uma ideia de atenção que não é fiel à descrição da experiência nem psicológica e nem fenomenológica. Como relata Gurwitsch (2010a, p. 244), “Stumpf, de acordo com Lipps, permite a possibilidade de intensificação das sensações pela atenção; no entanto, esse aumento de intensidade deve ser considerado como ‘indireto’”¹⁵⁶, no caso de Pfänder, ainda que ele admita diferenças de sentido apreendidos em diferentes fases da vida ou por uma variedade de pessoas, “as diferenças que Pfänder tem em mente aqui dizem respeito apenas à ‘variedade interna’ do que é percebido”¹⁵⁷. Como já adiantamos, a Teoria *Gestalt* e, por consequência, Aron Gurwitsch, ao refutarem a hipótese da constância, defendem a impossibilidade de uma variação interna que não esteja relacionada a uma variação externa.

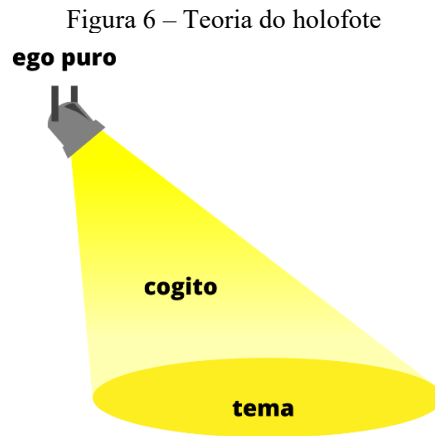
O segundo problema, e um dos grandes focos da discussão de Gurwitsch, é se a Teoria do Holofote reflete o papel da atenção e a correspondente estrutura da consciência que a valide, então: Quem direciona a iluminação desse holofote? Porque como já repetimos o cogito é absorvido pelo tema. A proposta de uma consciência internamente organizada nos moldes da Teoria *Gestalt* se opõe a uma externamente polarizada por um ego puro. A aplicação da teoria do holofote na estruturação da consciência e no papel da atenção ocorre, como narra Gurwitsch (2010a, p. 196), do seguinte modo: “O ‘olhar atento’ do ego puro passa ‘através’ de cada cogito

¹⁵⁵ “The noematic content remains identically the same over against ‘mere alterations in the distribution of attention and its modes’. Throughout the attentional modifications the same object with the same patent features and the same set of undetermined components given in a non-intuitive mode continues to present itself in the same manners of appearance and orientation, exhibiting the same doxic characters”.

¹⁵⁶ “Stumpf, in agreement with Lipps, allows the possibility of intensification of sensations by attention; however, this increase in intensity has to be considered as ‘indirect’”.

¹⁵⁷ “The differences which Pfänder has in mind here concern only the ‘inner variety’ of what is noticed”.

atual para o objeto”¹⁵⁸. Por esse motivo, Marbach (1974, p. 183) caracteriza o ego puro como “sujeito realizante”¹⁵⁹ do cogito. Algo que poderíamos exemplificar desse modo:



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O fenomenólogo faz seu movimento com os dois problemas em vista, porque o cogito e atenção se mostram indissociáveis e não devem ser comparados ao processo de iluminação de um tema. Por esse motivo, Gurwitsch (2010a, p. 241) afirma que “A ‘teoria do holofote’ da atenção deve ser completamente abandonada”¹⁶⁰. As variações de sentido e da alternância cogitativa não devem ser interpretadas como modificações de iluminação ou de direções de iluminação”. Mais do que isso, o caráter da atenção não deve ser abordado do ponto de vista subjetivo, mas objetivamente (noematicamente) dirigido.

O fato de Aron Gurwitsch propor uma fenomenologia que refuta a hipótese da constância, aliada à sua interpretação de noema e somada à organização com o campo temático, faz com que todo um novo horizonte de investigação descritiva até então inexplorado seja aberto. A partir dessa nova perspectiva, o filósofo lituano propõe uma nova investigação sobre essa questão em que relaciona a atenção com a consciência temática.

Nela identificamos atos de atenção – isto é, atos nos quais somos direcionados atentamente para algo – com a consciência na forma do cogito. Encontramos o correlato noemático da consciência dessa forma no tema, enquanto o campo temático, e tudo o mais que ainda pertença ao domínio do co-dado, provou ser o noemático correlatos da consciência inatural¹⁶¹. (Gurwitsch, 2010a, p. 246)

¹⁵⁸ The pure ego’s “‘regard’ passes ‘through’ each actual cogito to the object”.

¹⁵⁹ “*vollziehendes Subjekt*”.

¹⁶⁰ “The “searchlight theory” of attention has to be abandoned altogether”.

¹⁶¹ “There we identified acts of attention—i.e., acts in which we are attentively directed to something—with consciousness in the form of the cogito. We found the noematic correlate of consciousness of this form in the theme, while the thematic field, and whatever else still belongs to the domain of the cogiven, proved to be the noematic correlates of inactual consciousness”.

Gurwitsch opera uma virada objetiva no problema da atenção, ele já não tratará de modificações atencionais como Husserl, mas, sim, de modificações temáticas, baseadas nas diferentes relações possíveis entre tema e campo temático. Ele dividirá estas modificações em três séries que tratarão respectivamente de: mudança no campo temático, alternância do status do tema dentro de um mesmo campo temático e, por fim, reestruturação do tema.

3.2 Modificações temáticas

A primeira série de modificações temáticas versa sobre o alargamento do campo temático ou horizonte. No contexto perceptivo apresentado por Gurwitsch, não há alternância do tema, ele ainda permanece como centro do campo, que nesse caso ganha amplitude. Tal amplitude pode trazer mudanças na quantidade e na qualidade de conexões materiais que esse tema pode realizar. O exemplo da cadeira exposto no capítulo anterior se encaixa nessa categoria. A cadeira ao ser pensada não só num contexto relacionado ao ato de sentar-se, mas tendo adicionado ao seu campo temático uma estante e o ato de escalar, sofreu um alargamento do campo temático.

O mesmo pode ocorrer quando esse tema é retomado diversas vezes ao longo da vida do sujeito, quando o horizonte de memórias é ampliado, o que pode ocasionar uma mudança na atitude com a qual me dirijo ao tema. Um exemplo comum é a diferença como percebemos a casa onde crescemos após entrar nela como adultos. Geralmente, quando entramos nela como adultos a casa parece menor, nossa perspectiva é atualizada.

Novamente a mesma coisa continua sendo dada, mas adquiriu um novo ‘significado’, um novo significado para toda a minha vida, aparece sob uma nova luz; Vejo isso – a mesma coisa noematicamente – numa atitude diferente. Apenas a sua perspectiva mudou; ele próprio permanece idênticamente o mesmo. As modificações dizem respeito apenas à sua história, digamos; ou, talvez, a coisa apareça agora pela primeira vez sob a perspectiva da minha história de vida. Isto pode ir tão longe que o campo temático muda totalmente, como será mostrado a seguir¹⁶².

Segundo Gurwitsch, essas duas situações devem se distinguir de uma muito mais corriqueira, em que a própria situação torna-se o tema e o antigo tema que desempenhava o papel central aparece agora apenas como membro do campo temático, como veremos na segunda série de modificações temáticas. Gurwitsch (2010a, p. 248) nos adverte que “Obviamente, a natureza dos objetos noemáticos envolvidos determina o sentido particular em

¹⁶² “again the same thing continues being given, but it has acquired a new ‘meaning’, a new significance for the whole of my life, it appears in a new light; I see it—the noematically same thing—in a different attitude. Only its perspective has changed; it itself remains identically the same. The modifications concern only its history, say; or, perhaps, the thing appears now for the first time under the perspective of my life-history. This can go so far that the thematic field becomes totally changed, as will be shown presently”.

que a ampliação deve ser entendida num caso concreto no que diz respeito a aspectos e perspectiva”¹⁶³. O fenomenólogo complementa que o inverso também pode ocorrer, ainda que raramente, caso haja uma restrição ou diminuição do campo temático ou horizonte.

Outro tipo de alargamento do campo temático é a elucidação, que promove alargamento não por aquisição de novos componentes, mas por uma maior determinação do que já havia se apresentado no campo de forma confusa. Gurwitsch (2010a, p. 248) nos alerta que ainda que haja uma determinação e ganho de clareza, “o campo temático nunca é totalmente determinado; ele nunca se mostra com total clareza e transparência. Ele sempre contém obscuridades e se desvanece na indefinição”¹⁶⁴, o que muda são os graus de obscuridade que influenciarão na relação do tema com seu respectivo campo.

Das três séries de modificações temáticas, essa se apresenta como a mais simples, porém, Gurwitsch ressalta que isso não significa que ela seja trivial. Não se trata de um alargamento que gera apenas uma soma de componentes, é sempre sobre organização interna entre os componentes (novos ou não) em relação ao tema que atua como centro desse campo temático.

Enquanto novos componentes emergem no campo temático, ou enquanto este se elucida, ou enquanto o que estava mais distante se aproxima, a ênfase dentro do campo se distribui diferentemente de modo que o campo varia em sua ‘aparência’. Novos motivos, podemos dizer, tornam-se eficazes, e isso não deixa de influenciar os antigos. O campo temático em que o tema se situa sofre uma certa mudança; o tema agora é orientado de maneira diferente para aquele campo e inserido nele de maneira diferente¹⁶⁵. (Gurwitsch, 2010a, p. 250).

Apesar de ser o centro do campo temático, o tema não é independente das mudanças no campo temático organizado a partir de uma conexão *Gestalt*. Não há uma “variação ilimitada” que garanta o mesmo sentido do tema ou a manutenção de sua identidade. Toda vez que um tema é inserido num campo temático diferente ele é inserido de modo diferente. Porém, nessa série é justamente a não variação do *status* do tema com a mudança de atitude e a manutenção da identidade temática, diante das mudanças no campo temático, o fator essencialmente relevante para sua caracterização.

¹⁶³ “Obviously the nature of the noematic objects involved determines the particular sense in which the enlargement is to be understood in a concrete case with regard to aspects and perspective”.

¹⁶⁴ “The thematic field is never fully determined; it never displays itself in full clarity and transparency. It always contains obscurities and fades into indefiniteness”.

¹⁶⁵ “While new components emerge in the thematic field, or while the latter is elucidated, or while what was farther away comes closer, the emphasis within the field is differently distributed so that the field varies in its ‘looks.’ New motives, we may say, become efficacious, and this is not without influence upon the old ones. The thematic field in which the theme is situated undergoes a certain change; the theme is now differently oriented to that field and differently inserted in it”.

A segunda série de modificações temáticas possui uma relação próxima com as funções comumente associadas à atenção. Gurwitsch toma como ponto de partida a estreita relação entre cogito e atenção, onde dado um campo perceptivo, o cogito pode se voltar atentamente a qualquer coisa que apareça. Porém, agora conta com o campo temático que não existia na fenomenologia. Essa mudança é relevante no caso, porque antes dela havia uma cisão entre cogito e o fundo da consciência e, sendo assim, com o cogito iluminado, todo o restante era escuridão. Na abordagem gurwitschiana, o campo temático torna-se a fronteira da consciência cogitativa e abre a possibilidade de transição livre de uma tematização para outra, por meio de uma reorganização interna entre os componentes do próprio campo temático.

[...] é da essência da consciência temática, isto é, da unidade do tema e do campo temático, que ‘giros livres’ sejam possíveis de tal maneira que uma parte componente da fronteira se torne o novo tema enquanto o antigo tema ‘se esvai’, ainda que continue a aparecer, mas agora como parte integrante da fronteira pertencente ao novo tema¹⁶⁶ (Gurwitsch, 2010a, p. 254).

Gurwitsch enumera três possibilidades quando liberamos um tema da nossa atenção: ele pode desaparecer completamente da consciência como um todo; pode continuar sendo co-dado com o novo tema, mas fora do campo temático, sendo “liberado da apreensão”; ou ele deixa de ser o tema, mas ainda “é também apreendido” como parte do campo temático do qual emerge o novo tema. É esse terceiro caso que interessa a Gurwitsch, porque descreve os bastidores da alternância de um tema para outro numa reorganização intrínseca independente de um agente externo.

Experimentamos como aquilo que era o tema perde essa distinção. Tendo sido o centro de um campo orientado e organizado a respeito dele, ele agora se enquadra em outra organização diferentemente determinada. É fundamental que essa nova organização, o novo campo organizado, tenha um novo centro de referência e orientação. Contrariamente às modificações da primeira série, o antigo tema é agora deslocado do seu lugar central e perde o seu *status* privilegiado, passando para o que fora componente do campo temático¹⁶⁷ (Gurwitsch, 2010a, p. 255).

Ao mesmo tempo que essa variação acontece, outro componente do campo experimenta a mudança contrária, já que ganha a posição central e dominante em relação aos outros

¹⁶⁶ “[...] it is of the essence of thematic consciousness, i.e., of the unity of theme and thematic field, that ‘free turnings’ are possible in such a manner that a component part of the fringe becomes the new theme while the old theme ‘fades away,’ yet still continues to appear, but now as a component part of the fringe belonging to the new theme”.

¹⁶⁷ “We experience how that which was the theme loses this distinction. Having been the center of a field oriented and organized with respect to it, it now fits into another organization differently determined. It is essential that this new organization, the newly organized field, have a new center of reference and orientation. In contradistinction to the modifications of the first series, the old theme is now dislodged from its central place and loses its privileged status, the latter passing on to what had been a component of the thematic field”.

componentes do campo. Gurwitsch (2010a, p. 256) nos oferece o exemplo de uma demonstração matemática composta de vários passos.

Em cada etapa da demonstração o tema é a proposição a que se chegou na etapa em questão; as proposições que o precedem e conduzem a ele, bem como as que se seguem, estão co-dadas com o meu tema e formam o seu campo temático. Agora dou mais um passo: a proposição para a qual acabei de me dirigir não desaparece da consciência, mas não é mais o meu tema, pois me voltei para uma proposição diferente¹⁶⁸.

Arvidson (2006, p.107) nos ajuda com um exemplo ainda mais simples: “Por exemplo, ao memorizar uma lista, quando passo do segundo item de uma lista para o terceiro, o segundo item muda apenas em seu status, não em seu núcleo”. O que Gurwitsch acredita merecer destaque é que podemos experimentar essa mudança ocorrendo, não há cortes de uma tematização para outra, nas quais teríamos acesso apenas ao resultado. Essa transição de algo ganhando proeminência em relação a outro componente no meu campo perceptivo ocorre “diante dos nossos olhos”.

Sobre as duas primeiras séries de modificações temáticas, Gurwitsch aponta algo em comum: a identidade do tema permanece a mesma. Na primeira série, as mudanças no campo temático ou na atitude, ainda que sejam mudanças radicais, como quando eu percebo o tinteiro em cima do piano, não afetam a identidade do tema. No segundo caso, quando passo por cada item da lista, se esta não se torna em nenhum momento meu tema nem seus itens me são dados como um conteúdo unitário, ou seja, se o campo temático permanece na mesma dimensão. Cada item permanece com a mesma identidade ainda que haja mudança de status. Nas palavras de Gurwitsch (2010a, p. 256), “O antigo tema, que agora pertence ao campo temático do novo tema, assim como o novo tema que antes pertencia ao campo temático do antigo tema, permanecem em si o que eram”¹⁶⁹.

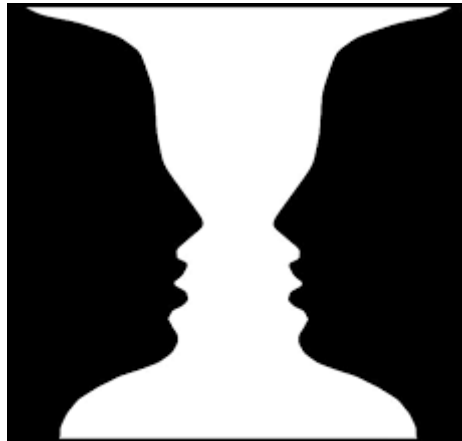
De acordo com o fenomenólogo, as modificações temáticas precisam ser tomadas não como o resultado de uma ação subjetiva, mas no sentido de uma variação ou alteração do tema conforme sua relação com o campo temático e com a organização correlativa do campo da consciência. Porque, segundo Gurwitsch (2010a, p. 262), “Em virtude de uma lei, as inatualidades, e mesmo as inatualidades de diferentes dimensões, pertencem a toda consciência

¹⁶⁸ “In each step of the demonstration the theme is the proposition arrived at in the step in question; the propositions preceding it and leading to it, as well as those which are to follow, are cogiven with my theme and form its thematic field. Now I take a further step: the proposition to which I was just directed does not vanish from consciousness, but it is no longer my theme, since I have turned to a different proposition”.

¹⁶⁹ “The old theme, which now belongs to the thematic field of the new theme, as well as the new theme which previously belonged to the thematic field of the old theme, remain in themselves what they were”.

atual de qualquer objeto¹⁷⁰”. O que nada mais é que a relação figura-fundo tomada como lei eidética. A partir dela, todo tema é dado num campo, que no caso de Gurwitsch são dois, o temático e o da consciência. Todo campo, por sua vez, é uma inaturalidade diante da atualidade temática. No caso do campo temático, a inaturalidade está na mesma dimensão que o tema, já no caso do campo da consciência, as inaturalidades estão em uma outra dimensão e possuem uma relação diferente com ele.

Por último, Gurwitsch nos descreve a terceira e mais complexa série de modificações temáticas que versa sobre reestruturação e a sua diferença diante da singularização e da sintetização. Diferente das duas primeiras séries descritas que mantêm a identidade temática, Gurwitsch nos alerta: “A identidade objetiva torna-se um problema”¹⁷¹. Um exemplo clássico do que será chamado de reestruturação é quando nos deparamos com as ilusões de ótica, como o vaso de Rubin¹⁷².



Aqui, seguindo o fenomenólogo lituano e a Teoria *Gestalt*, não temos duas apreensões diferentes do mesmo conteúdo. Conforme Gurwitsch (2010a, p. 264) afirma, “Nessas modificações emerge um novo tema, resultando um dado diferente. Um tema é substituído por outro, um ‘Que’ material é substituído por outro diferente. Nenhum dos constituintes permanece o que era”. O que se apresenta são duas figuras distintas, duas *Gestalten* diferentes, dois conteúdos diferentes. A identidade do traço percebido como momento na configuração de linhas no contorno do vaso não é a mesma identidade do traço percebido como componente do contorno de duas faces. Quando é dito que se trata do mesmo traço objetivamente falando, pressupõe-se os estímulos físicos sob o aspecto da hipótese da constância, mas fenomenalmente

¹⁷⁰ “By virtue of a law, inactualities, and even inactualities of different dimensions, belong to every actual consciousness of any object”.

¹⁷¹ “Objective identity becomes a problem”.

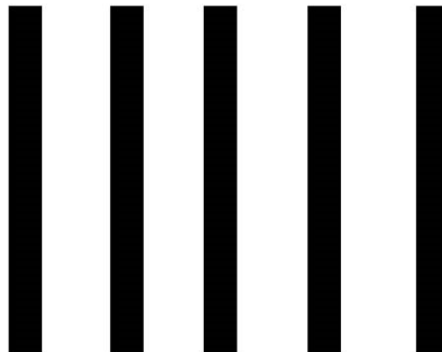
¹⁷² Apresentada como Figura 2 anteriormente, acreditamos ser pertinente reintroduzi-la para constatação visual.

Gurwitsch (2010a, p. 265) nos alerta que “não é de forma alguma o mesmo traço”¹⁷³, ele é reestruturado na mudança de configuração e nos fornece um novo tema. No entanto, segundo o autor (2010a, p.265), não há como determinar *a priori* as variações temáticas quando se trata de reestruturações. “Isso é muito importante porque a estrutura específica de uma determinada *Gestalt* só é revelada pelo desdobramento das modificações que ela admite”¹⁷⁴. Um exemplo disso é que nem toda configuração que pode passar por uma reestruturação pode passar pelo que Gurwitsch chama de singularização.

3.2.1 A singularização

É na possibilidade de uma singularização que podemos recorrer à diferença que Stumpf faz entre partes dependentes e independentes, mas, como acabamos de afirmar, isso garante apenas um modo de reestruturação específico e não uma independência efetiva das conexões propostas pela Teoria *Gestalt* e, certamente, não garante identidade temática. Vamos retomar um exemplo de Gurwitsch:

Figura 7 – Sequência de linhas



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Se tomamos como tema a sequência de linhas paralelas e verticais, cada uma dessas linhas é um constituinte desse tema e possui uma configuração funcional nessa estrutura, por exemplo, ser a última linha terminal direita. Mas, se singularizamos essa mesma linha:

Figura 8 – Linha singularizada

¹⁷³ “it is by o means the same stroke”.

¹⁷⁴ “This is very important because the specific structure of a given *Gestalt* is only revealed by the disclosure of the modifications of which it admits”.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A linha perde a função que tinha anteriormente, porque uma linha dada isoladamente e uma que faz parte de uma configuração com outras linhas envolvidas não são a mesma linha. Essa identidade só é reivindicada a partir da hipótese da constância.

Singularizado, o item torna-se um objeto diferente no sentido fenomenal; propriedades que agora tem, não tinha antes, e aquelas que tinha antes, agora não tem mais. Não é o mesmo item apreendido de maneira diferente, mas tornou-se outro por toda parte (Gurwitsch, 2010a, p. 267).

Se antes a linha era dada como um constituinte de uma estrutura que comportava certa dependência funcional em relação aos outros constituintes, agora ela está isolada. Não é mais uma relação entre partes constituintes de um todo, mas de uma figura dada sobre um fundo. Pode se ter a impressão de que é o mesmo objeto porque ainda identificamos os dois exemplos como linha. Mas se recorremos a um outro exemplo mais pregnante que Gurwitsch retoma de Wertheimer¹⁷⁵, podemos perceber sem dificuldade a mudança na fisionomia de uma parte singularizada. Segundo Gurwitsch, se vemos a figura abaixo de forma unitária, vemos um V latino altamente ornamentado.

Figura 9 – V latino ornamentado



Fonte: Gurwitsch (1929).

Contudo, se singularizarmos sua parte esquerda:

Figura 10 – F latino

¹⁷⁵ Wertheimer, “Untersuchungen zur Lehre von der Gestalt,” II, loc. cit., p. 331, Fig. 46.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Temos agora um F. Caso singularizemos apenas a parte direita: Aparece um y.

Figura 11 – Y latino



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Há dois modos a que a moldura estrutural de uma singularização pode responder. Ela pode permanecer a mesma como no caso das linhas, porque afeta a percepção apenas do que foi singularizado, ou pode mudar completamente, como no exemplo de Wertheimer. No segundo exemplo, pode também ocorrer que toda a atitude dirigida a essa figura mude se “fomos direcionados primeiro para o alfabeto latino e depois direcionado para o grego”¹⁷⁶. Ainda assim, a possibilidade de mudança não depende da nossa atenção, mas da própria *Gestalt*.

O ponto principal para Gurwitsch é que a singularização não deve ser entendida como apenas um modo de reestruturação, mas como a sua radicalização. Segundo o autor (2010a, p. 269), “Comum a ambas as modificações é o fato de que, por sua virtude, um tema diferente é dado, mas o sentido em que é diferente não é o mesmo em nenhum dos casos”. Devido à mudança drástica de funcionalidade que ocorre entre uma conexão entre partes e todo em relação a que existe entre uma figura e o seu fundo, a reestruturação na singularização faz com que a parte perca seu *status* de constituinte e apresente o caráter de totalidade, o que muda a dimensão do que é dado.

3.2.2 A sintetização

A sintetização como reestruturação temática envolve mais problemas do que deixa transparecer. O nome já é um indicativo, Gurwitsch tenta se desvincular de uma tradição que fala de síntese, coligação e até mesmo fusão operada por uma consciência e pensando a partir

¹⁷⁶ “we were first directed to the Latin alphabet and then directed to the Greek one” (Gurwitsch, 2010, p. 268).

de uma combinação de elementos constantes. Do ponto de vista da Teoria *Gestalt*, já temos acesso a totalidades, e ainda que estas possuam constituintes, estes estão sempre dados em função do todo. O desafio de Gurwitsch é encontrar uma alternativa válida que respeite os princípios da *Gestalt* ao mesmo tempo que possibilite uma suplementação de conteúdo.

Aron Gurwitsch começa com uma oposição simples. A sintetização tem como objetivo descrever a reestruturação oposta à singularização. Neste caso, o tema é absorvido pelo seu fundo e se funde com ele, dando origem a um novo tema, do qual se torna um constituinte. Por exemplo, posso pensar sobre a teoria cartesiana da união entre mente e corpo como figura de um fundo que é a teoria de Descartes como um todo. Porém, depois posso perceber que essa teoria, na verdade, atua como base do pensamento de Descartes e está vinculada a todas as outras teorias cartesianas de modo que interfere em seus respectivos sentidos, assim como tem seu sentido suplementado por elas.

A teoria da união da mente e do corpo não é mais dada por si mesma sobre o pano de fundo de outras teorias cartesianas, mas tornou-se um momento em um sistema de pensamento, surgindo dele, integrado a ele e tendo seu lugar definido dentro dele. Nosso novo tema é a filosofia de Descartes, talvez centrada na teoria da união da mente e do corpo; mas esta doutrina é para nossa consciência temática apenas um constituinte do tema total. Mesmo como constituinte dominante, é sustentado e exigido pelo tema total e, portanto, refere-se aos demais constituintes¹⁷⁷ (Gurwitsch, 2010a, p. 270).

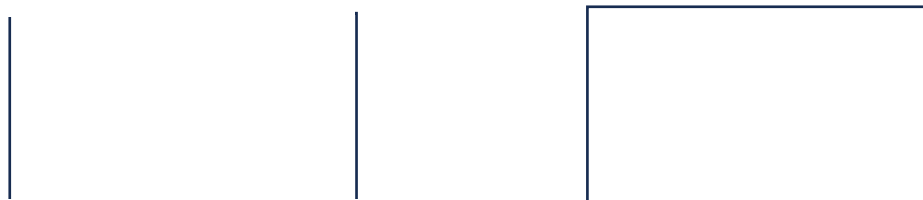
Agora, essa teoria como momento temático não pode mais se desconectar de todos os outros constituintes que formam o tema e se integram internamente, ela passa a fazer parte de uma totalidade interconectada. O sentido que alguém pode acessar refletindo sobre apenas uma teoria cartesiana, ainda que saiba da existência das outras, nunca será o mesmo de quem refletiu sobre várias teorias como momentos complementares de um pensamento unitário coerente. O problema apontado por Aron Gurwitsch é que as teorias que não levam a Teoria *Gestalt* em consideração pressupõem a não alteração da identidade do elemento individual que faz parte da coligação quando a síntese é realizada. Se entendermos que o que ocorre é uma modificação temática, a qual pressupõe conexões do tipo *Gestalt*, a sintetização estrutural proposta pelo fenomenólogo atua de forma diferente. De acordo com Gurwitsch (2010, p. 271), “nenhum estado de coisas fenomenológico deve ser interpretado em termos de possibilidades consideradas como já realizadas, quando de fato esta atualização ocorre em experiências

¹⁷⁷ “No longer is the theory of the union of mind and body given for itself on the background of other Cartesian theories, but it has become a moment in a system of thought, arising out of it, integrated into it, and having its definite place within it. Our new theme is Descartes’ philosophy, perhaps centered on the theory of the union of mind and body; but this doctrine is for our thematic consciousness only a constituent of the total theme. Even as a dominant constituent it is supported and required by the total theme and, therefore, refers to the other constituents”.

fenomenologicamente diferentes”¹⁷⁸. Essa diferença de experiências irá se desdobrar numa distinção do proceder da consciência que para o autor deixa de ser sintética (*Synthetisches*) e passa a ser sintetizada (*synthetisiertes*).

Esse movimento realça o posicionamento prioritariamente temático (noemático) de Aron Gurwitsch. Como a sintetização ocorre na estrutura temática, na qual há absorção do tema transformando-o em um constituinte de uma totalidade unitária, existe apenas um ato da consciência que se dirige ao tema e não múltiplos atos dirigidos a duas ou mais objetividades elementares, que irão posteriormente sofrer uma síntese. Segundo Gurwitsch (2010a, p. 273), há diferença entre apreender 1+1 e um par. “O processo pelo qual ‘um mais um’ se torna ‘par’ ou, de maneira bastante geral, a conexão-e se torna uma *Gestalt* unitária, é justamente a modificação da sintetização”¹⁷⁹. No exemplo abaixo, temos duas linhas paralelas em configurações diferentes, como Gurwitsch (2010a, p. 273) coloca: “Objetivamente, as mesmas linhas podem ser vistas como duas, uma à esquerda e outra à direita, ou então como lados paralelos de um retângulo”¹⁸⁰. Em cada um dos casos elas são apreendidas com identidades temáticas diferentes.

Figura 12 – Linhas paralelas e retângulo



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Ao estender essa distinção à esfera subjetiva, a partir da correlação noético-noemática, o fenomenólogo recoloca a problemática da atenção e da estrutura da consciência em outros moldes. Gurwitsch (2010a, p. 274) nos lembra que para a teoria clássica da atenção na fenomenologia, “A unidade pertence à função psíquica e não ao ‘objeto’ noemático”¹⁸¹. E não a qualquer função, mas uma realizada precisamente pelo ego puro. Como Husserl explica, “A consciência sintética ou, melhor, o ego puro ‘dentro’ dela é dirigido ao que é objetivo através

¹⁷⁸ “No phenomenological state of affairs must be interpreted in terms of possibilities considered as already actualized, when in fact this update takes place in phenomenologically different experiences”.

¹⁷⁹ “The process in which ‘one plus one’ becomes ‘pair’ or, quite in general, the and-connection becomes a unitary *Gestalt*, is precisely the modification of synthesizing”.

¹⁸⁰ “Objectively the same lines can be seen either as two, one at the left and the other at the right, or else as the parallel sides of a rectangle”.

¹⁸¹ “The unity pertains to the psychic function and not to the noematic ‘object’.”

de múltiplos raios [de consciência]; a consciência tética simples faz isso num único raio¹⁸²” (*Ideias I* §119).

Nesse caso, o ego puro é quem “executa” a síntese dos atos politéticos em um monotético, os quais mantêm a identidade temática, já que se pressupõe a hipótese da constância em relação aos dados hyléticos. A alternativa gurwitschiana é repensar a atenção, levando em conta as mudanças temáticas. Ele então propõe uma Lei Geral da Transformação, na qual devido à necessária inserção do tema numa relação com o que é co-dado à consciência, ele pode ser “transformado” expressando uma variedade de sentidos, apresentando um novo “o quê” noemático. Essa transformação ramifica-se em uma pluralidade de modificações temáticas em que a sintetização é um caso especial.

Sempre que um tema é dado num campo temático, esta situação implica pela sua própria natureza a possibilidade de que através de um novo ato todo o campo da consciência se transforme num tema unitário ao qual, por sua vez, pertence um novo campo temático. A mesma possibilidade de sintetização existe em relação a este novo campo de consciência, etc. (Gurwitsch, 2010a, p. 275).

Ou seja, a cada estado mental irão corresponder outros que se conectarão com os dados fenomenais transformados. O que significa que o proceder sintetizador não implica transformação apenas no estrato objetivo temático, mas é o modo de organização intrinsecamente operado pelo campo da consciência em sua totalidade, como veremos com mais detalhes posteriormente. Isso porque, toda vez que há um novo ato de consciência o anterior pode ser sintetizado de forma que compreenda uma nova totalidade à qual os atos sempre se referem.

É exatamente essa possibilidade de diversos tipos de transformações e modificações temáticas que nos leva a uma outra crítica de Aron Gurwitsch, a que ele tece sobre a atenção ser tomada pela psicologia e fenomenologia clássica como uma função unitária, que atuaria iluminando o tema a partir dos raios direcionados pelo ego puro por meio do cogito.

Pelo contrário, o nosso argumento é que a atenção como um todo e em geral não existe no sentido de uma função unitária. Tal como o termo é habitualmente utilizado, atenção é um nome coletivo equívoco para vários fenômenos heterogêneos que devem ser distinguidos uns dos outros, cada um deles exibindo uma estrutura própria e apresentando problemas especiais¹⁸³.

O que também significa que não há um idêntico núcleo nomeático que garante a identidade temática, mas uma noemata de sentidos que se inter-relacionam por coerência da

¹⁸² “The synthetic consciousness or, better, the pure ego ‘in’ it is directed at what is objective via multiple beams [of consciousness]; the simple thetic consciousness does so in a single beam”.

¹⁸³ “Rather our argument is that attention at large and in general does not exist at all in the sense of a unitary function. As the term is customarily used, attention is an equivocal collective name for several heterogeneous phenomena which must be distinguished from one another, each of them exhibiting a structure of its own and presenting special problems”.

conexão *Gestalt* em que estão inseridos. A permanência ou transição da identidade temática vai depender justamente das relações estruturais possíveis na experiência em acordo com leis fenomenológicas. Caso Gurwitsch esteja correto em suas análises, tanto a atenção quanto a organização estrutural da consciência precisam de uma nova dinâmica relacional que não parte de polos externos, mas de relações internas.

3.3 A crítica à doutrina do hylético

A partir de uma estrutura que se organiza por relações intrínsecas, Gurwitsch apresenta uma fenomenologia que parte da proposta husserliana, mas não a aceita sem restrições. Com os aportes da Teoria *Gestalt*, algumas noções de Husserl precisam ser revistas, como é o caso do que o autor chama de doutrina do hylético. Ao sugerir o abandono dessa doutrina e da noção de *hylé*, Aron Gurwitsch desdobra uma intencionalidade que consiste puramente na correlação entre consciência e sentido, ou em termos husserlianos, entre noese e noema.

Essa correlação primeiramente pensada por Husserl, em *Ideias I*, pressupõe um terreno noético que se divide em dois estratos: um onde se encontra uma *hylé* (não intencional) e outro no qual se apresenta uma *morphé* (intencional). No primeiro, os dados sensíveis (dados hyléticos) servem de substrato material para a intencionalidade, caracterizada pelo momento intencional de “doação de sentido”, chamado por Husserl de “momento noético” (noetisches Moment) ou noese, que é operado pelo segundo estrato. Nessa estrutura,

Hylé em si não significa nada, mas é meramente dada, uma multiplicidade de conteúdos que adquire sentido e ordem apenas por meio de funções noéticas. O hylético ele mesmo é ‘matéria sem forma’, meramente presente e nada mais¹⁸⁴. (Gurwitsch, 2010a, p. 281)

Gurwitsch concorda com a correlação entre consciência e tema, mas com a refutação da hipótese da constância, não pode admitir a estrutura noética dividida entre um material sensível amorfo e uma noese que daria forma e, portanto, sentido a este. A não separação entre matéria e forma é um princípio basilar da Teoria *Gestalt* e tem implicações importantes com a forma que o fenomenólogo interpreta a atenção como mudanças temáticas.

Das nossas análises resulta que não pode haver dúvida sobre a alegada independência de um estrato hylético. Um ‘item sensível’, como mostramos, pode ser alterado de muitas maneiras e em diferentes direções, juntamente com uma mudança de atenção,

¹⁸⁴ “*Hylé* itself means nothing but is merely given, a multitude of contents which acquires sense and order only through noetic functions. The hyletic itself is “formless stuff,” merely present and nothing more”.

atitude, ‘forma de apreensão’. Tal item não é um dado constante com propriedades próprias determinadas; isso muda de caso para caso¹⁸⁵ (Gurwitsch, 2010a, p. 283).

Por esse motivo, a “mesma nota” musical pode soar diferente quando em diferentes acordes e melodias. A teoria de dois estratos não procede nem a partir da *hylé* nem da qualidade *Gestalt*. A nota é sempre constituinte de uma totalidade e por isso depende de seu contexto e quando a escuto ela já me é dada como melodia e não necessita de um estrato superior para fazer sentido. Quando pensamos numa nota dada isoladamente, ou seja, singularizada, ela não é fenomenalmente a mesma presente em outros contextos.

Da mesma forma, a *hylé* para Gurwitsch nada mais é que uma tentativa de singularização, isso não significa que ele a admite como constituinte da *noese*. Essa divisão nunca chega a se concretizar porque como coloca o autor, “uma separação entre *hylé* e *morphé* não é sequer abstratamente possível, pois desconsiderar a *morphé* e concentrar-se apenas na *hylé* implica uma mudança no que é dado”¹⁸⁶. A partir do momento em que se separa a matéria (*hylé*) da forma (*morphé*), ela já é dada não só em outro sentido, mas também em outra dimensão. Não se trata mais de uma experiência fenomenal direta, mas uma decomposição posterior.

A reflexão hylética como reflexão apenas sobre a *hylé* não é, portanto, reflexão no sentido próprio. É uma modificação temática – ou seja, singularização: um constituinte é extraído do seu contexto temático e transformado num tema para si mesmo. Esta, contudo, é uma transformação dos fenômenos de maior alcance e mais radical do que Husserl admite¹⁸⁷ (Gurwitsch, 2010a, p. 284).

A exclusão da *hylé* se desdobra em uma nova abordagem a respeito da *noese* e da intencionalidade. Porque não existem dados desorganizados que precisam de doação de sentido. A *noese* nada mais é que o ato da consciência real intencionalmente correspondente ao noema ideal. A intencionalidade de Aron Gurwitsch (2010a, p.285) “designa a natureza peculiar da *noesis*, que é estar em correspondência com um noema, de tal forma que um mesmo noema pode pertencer a uma pluralidade de *noeses*”¹⁸⁸.

A crítica que Gurwitsch destina a Husserl sobre a *hylé* gera uma série de problematizações, uma delas remete à própria comparação que Gurwitsch faz da redução

¹⁸⁵ “From our analyses it results that there can be no question of the alleged independence of a hyletic stratum. A “sensuous item,” as we have shown, can be altered in many ways and in different directions along with a shift of attention, attitude, “manner of apprehension.” Such an item is not a constant datum with determined properties of its own; it changes from case to case”.

¹⁸⁶ “A separation between *hylé* and *morphé* is not even abstractively possible, for disregarding *morphé* and concentrating upon *hylé* alone entails a change in what is given”.

¹⁸⁷ “Hyletic reflection as reflection on the *hylé* alone is thus not reflection in the proper sense. It is a thematic modification—namely, singling out: a constituent is extracted from its thematic context and made into a theme for itself. This, however, is a farther reaching and more radical transformation of the phenomena than Husserl admits”.

¹⁸⁸ “It designates the peculiar nature of the *noesis*, which is to be in correspondence with a noema, in such a way that one and the same noema can belong to a plurality of *noeses*”.

transcendental com a refutação da hipótese da constância. O que poderia se inferir, seguindo o percurso que foi exposto em nosso primeiro capítulo, é que Husserl após executar a redução fenomenológica também pressupõe automaticamente a refutação da hipótese da constância, mas não é isso que Gurwitsch afirma. Segundo o fenomenólogo, a hipótese da constância vai se adequando a novas propostas e, como vimos, consegue se manter muitas vezes de forma implícita no pensamento de autores importantes como Helmholtz, Brentano, Wundt, Stumpf e, nesse caso, Husserl. O autor então questiona se Husserl não mantém ainda em sua fenomenologia transcendental uma outra forma desse prejuízo da psicologia clássica. Conforme Drummond (2001, p.64):

Embora Gurwitsch não afirme que Husserl mantinha essa forma fisiológica da hipótese-constância, ele afirma que Husserl mantém uma versão que rejeita apenas sua formulação científica enquanto continua a assumir a presença de uma correlação unívoca entre estímulos externos e os conteúdos realmente inerentes e sensuais da percepção, de modo que os conteúdos possam permanecer constantes enquanto o percipiente não tiver certeza da identidade do Objeto.¹⁸⁹

Outra questão geralmente levantada diz respeito ao *status* da crítica à doutrina do hylético em relação à proposta da síntese passiva husserliana. Sobre isso, precisamos ressaltar novamente que Gurwitsch traça seu escopo de discussão na publicação de *Ideias I* (1913), na qual Husserl escolhe deliberadamente não mencionar a síntese passiva ou abordar a temporalidade. Além disso, apesar das palestras sobre a síntese passiva terem sido realizadas em 1905, estas só foram publicadas em 1966 e ao que tudo indica Gurwitsch não teria tido a oportunidade de lê-las ou comentá-las. Dado esse contexto, a síntese passiva não deveria entrar na discussão que propomos aqui, já que também delimitamos nossa argumentação prioritariamente em volta da tese de 1929 de Aron Gurwitsch. Mas daí geralmente se segue uma segunda objeção. Porque ainda que Gurwitsch não tenha tido acesso, seria nosso papel crítico, como pesquisadores, apontar que a resposta de Husserl, ao iniciar seus estudos sobre a temporalidade interna e a síntese passiva, ultrapassaria os problemas que a admissão desses dois estratos poderia gerar. Vários comentadores, entre eles Mohanty, mostram que esse foi um proceder recorrente entre os comentadores de Husserl.

Com o aprofundamento das suas investigações sobre a consciência do tempo interno, a *hyle* passa para o centro das atenções, não mais como dados sem sentido a serem animados pelos atos noéticos, mas como o conteúdo, em última análise,

¹⁸⁹ “Although Gurwitsch does not claim that Husserl held this physiological form of the constancy-hypothesis, he does claim that Husserl maintains a version which rejects only its scientific formulation while continuing to assume the presence of a univocal correlation between external stimuli and the really inherent, sensuous contents of the perception such that the contents can remain constant while the percipient is unsure of the identity of the Object.”

irredutível da consciência do tempo no seu fluxo. Sua identidade torna-se um tema para a constituição genética¹⁹⁰ (Mohanty, 2003, p. 121).

Entretanto, acreditamos que no escopo de como estamos construindo nossa argumentação, como uma apresentação da fenomenologia gurwitschiana, mais que um simples comentário sobre a oposição dele a Husserl, a colocação desse tipo de objeção precisa ser feita com cautela. Caso contrário, é possível desvirtuar o principal objetivo proposto, que é explicitar como a Teoria *Gestalt* é utilizada em chave fenomenológica por Gurwitsch. Por isso, ainda que o aspecto positivo da proposta gurwitschiana leve a um aspecto negativo ou a críticas à filosofia husserliana, o fato é que o autor utiliza a Teoria *Gestalt* para fundamentar seu posicionamento.

Nesse sentido, entendemos que recorrer à anterioridade das palestras de 1905, e por isso primárias em relação à *Ideias I*, como resposta a Gurwitsch não cabe na discussão e nem responde a todas as perguntas. Quando se argumenta que por serem anteriores à *Ideias I*, as análises sobre a síntese passiva se sobrepõem a eventuais problemas a respeito da doutrina do hylético fica a dúvida: Por que numa obra posterior ao reconhecimento de uma passividade organizacional, tal qual a síntese passiva, ainda existe a necessidade de um estrato de doação de sentido como a *morphé*? Outra pergunta coerente seria: Caso aceitemos a síntese passiva como a releitura da *hylé*, isso faz a proposta de Aron Gurwitsch obsoleta?

Husserl em *Ideias I* ao excluir deliberadamente a descrição do aspecto da temporalidade interna da organização da estrutura da consciência adia um problema que ele só “resolverá” posteriormente. Além disso, a solução de uma fenomenologia genética não pode ser usada como uma objeção óbvia ao que Gurwitsch propõe, visto que só pode ser feita anacronicamente devido à sua consolidação alcançada apenas anos depois da publicação de 1913. Mesmo que na sua discussão com Natorp, como vimos anteriormente, a ideia de uma temporalidade estivesse pontuada e no método do neokantiano o tempo possuísse um papel decisivo na reconstrução do aspecto subjetivo da experiência, Husserl ainda não apresentava um posicionamento definitivo sobre o assunto.

Outro problema é que a síntese passiva não anula o aspecto egóico da fenomenologia husserliana. Marcelle (2011) questiona se as análises sobre a síntese passiva não poderiam se tratar de um movimento de “noematização” da *hylé*. Se visto dessa forma, esta proposta iria de alguma forma ao encontro do que Gurwitsch defende, com a diferença da ênfase na dinâmica de conexões *Gestalt* assumidas pelo lituano. Ainda assim, a síntese passiva não é compatível e

¹⁹⁰ “with the deepening of his investigations into the internal time consciousness, the *hyle* moves to the center of attention, no more as meaningless data to be animated by the noetic acts, but as the ultimately irreducible contents of time consciousness in its flux. Their identity becomes a theme for genetic constitution”.

não explica por que se mantém a necessidade de dois estratos. Segundo Marcelle, na descrição do reconhecimento de uma organização hylética,

Husserl não explica em nenhum desses lugares tal estrutura e organização como produto de *morphé* superveniente. Ele concentrou a discussão em dados hyléticos de forma abstrata de todo o resto. Resta-nos agora perguntar-nos se ele não tem realmente em mente algo objetivo ou, podemos dizer, noemático, quando discute dados hyléticos organizados. Parece haver uma noematização dos dados hyléticos¹⁹¹ (2011, p. 75).

Além disso, há outro fator que difere fundamentalmente a proposta dos dois autores, seus respectivos posicionamentos em relação ao ego. Enquanto a perspectiva de Gurwitsch é essencialmente noemática, a de Husserl é prioritariamente noética. Arvidson especula que mesmo que Gurwitsch pudesse ter tido a oportunidade de encontrar nessas palestras algo que lhe desse alguma indicação de conformidade, seria difícil por essa diferença.

[...] mesmo nas chamadas sínteses ‘passivas’, que por definição não envolvem a atividade do ego, a abordagem de Husserl é distintamente noética e não noemática. Além disso, enquanto a doutrina da *hyle* permanecer, e permanece neste trabalho (ver, por exemplo, Husserl 2001, 210 e 213), Gurwitsch não poderá obter satisfação. Essencialmente desorganizadas em si mesmas, exceto talvez ao longo das linhas dos campos dos sentidos (por exemplo, visão, audição, etc.), a *hylé* frustra a possibilidade de organização genuína e autóctone no que Gurwitsch chamaria de campo da consciência¹⁹² (Arvidson, 2006, p. 97).

Ainda que a crítica à doutrina do hylético tenha como base a recusa de um dado amorfo que precisa da doação de sentido e a desmitificação da necessidade de dois estratos, ela vai além. Não se trata de uma crítica pontual a Husserl, mas de um alerta sobre uma tradição da psicologia e da filosofia que é perpetuada sem se dar conta de sua influência e em relação à qual o autor se posiciona. Como Gurwitsch (2010a, p. 279) nos faz lembrar, “Tal como aconteceu com Ehrenfels, Meinong e Benussi, com Husserl também se apresenta a estratificação de *inferiora* e *superius*. Sobre uma matéria subjacente funda-se um dado ‘superior’, uma ‘qualidade de segunda ordem’”¹⁹³. Além disso, o que está por trás dela, bem como da crítica à atenção subjetivista, é a renovação da descrição da estrutura da consciência, que deixa de ser sintética organizadora para se tornar organizada a partir das relações entre o tema e seus campos temáticos e do contexto em que se insere no fluxo da consciência.

¹⁹¹ “Husserl does not in any of these places explain such structure and organization as the product of supervenient *morphé*. He has focused the discussion on hyletic data abstractively from all else. We now have to wonder if he does not really have in mind something objective or, we may say, noematic, when he is discussing an organized hyletic data. There seems to be a noematization of hyletic data”.

¹⁹² “even in the so-called ‘passive’ syntheses, which by definition do not involve the activity of the ego, Husserl’s approach is distinctively noetic not noematic. Also, as long as the doctrine of *hyle* remains, and it does in this work (see e.g., Husserl 2001, 210 and 213), Gurwitsch cannot get satisfaction. Essentially unorganized in themselves, except perhaps along the lines of sensefields (e.g., vision, hearing, etc.), *hyle* thwart the possibility of genuine and autochthonous organization in what Gurwitsch would call the field of consciousness”.

¹⁹³ “Just as with Ehrenfels and Meinong and Benussi, so with Husserl we also have the stratification of *inferiora* and *superius*. Upon an underlying matter a ‘higher’ datum, a ‘quality of the second order’ is founded”.

Aron Gurwitsch pressupõe uma mudança de eixo da organização da consciência. Esta abordagem, além de ser noematicamente dirigida, possui uma essencial relação com seu campo e, como veremos mais à frente, distinção de sua margem. Nesse ponto, em que o tempo e o ego não desempenham o papel totalitário, as modificações temáticas com suas respectivas mudanças de campos temáticos, via conexões *Gestalt*, tornam-se o grande diferencial da proposta gurwitschiana.

Em suma, para Husserl, tal como para William James, o contexto é onipresente e, portanto, os seus limites são invisíveis. Husserl (2001, 573) escreve: ‘Tomamos o termo ‘todo’ de forma tão ampla que abrange todo tipo de conexão que conecta objetos passivamente ou que é apresentada por meio de atividade judicativa’. Este é exatamente o ponto; foi tomado de forma muito ampla.

Arvidson toca num ponto fundamental. Quando não delimitado, o contexto perde sua funcionalidade referencial de organização e moldura de sentido. Claro que isso não se apresenta como problema se partimos de uma *hylé* constante, nesse caso a contextualização é secundária. Fica a cargo da atenção, como poder iluminador inerente ao ego puro, revelar a verdadeira identidade e o sentido do que nós estamos a nos dirigir cogitativamente. Mas, com a crítica à doutrina do hylético e a nova maneira de abordar a atenção como modificações atencionais, essa não é mais uma opção válida. A refutação da noção de *hylé* permite que Gurwitsch trabalhe a partir de uma correlação noético-noemática em que a noese não possui uma divisão em dois estratos, mas se conecta diretamente ao noema como sentido.

3.4 O campo da consciência

Aron Gurwitsch sempre teve como um dos objetivos descrever as estruturas da consciência e esse é um ponto em comum que ele acredita existir entre os fenomenólogos e os teóricos da *Gestalt*. Por esse motivo, a noção de campo da consciência é, sem dúvida, o mote principal de sua filosofia. Segundo Moran (2019, p. 1), “Gurwitsch é o filósofo da consciência por excelência”. De acordo com o fenomenólogo, a consciência é o meio universal e é através da sua organização que temos acesso tanto à esfera do sentido quanto nos tornamos conscientes de nossos próprios estados mentais. Isso ocorre porque só temos acesso a um ato noético por meio do noema e por isso um único tema pode corresponder a uma multiplicidade de estados mentais. Para entender melhor essa afirmação, precisamos avançar na descrição do campo da consciência.

Vimos que anteriormente o filósofo introduziu novos estratos, como é o caso do campo temático. Agora iremos mostrar como ele distingue e atribui novas funções a estratos já

existentes na fenomenologia clássica, tal como o halo e o horizonte. A partir dessa nova subdivisão, temos dois tipos de margem¹⁹⁴, o halo vai estar ligado à duração de nossos estados mentais, bem como à possibilidade de reflexão sobre os estados mentais já experienciados, e o horizonte comporta componentes advindos do mundo natural como barulhos, intervenções e possíveis campos temáticos.

O que percebemos nessa nova proposta de organização é a existência de não só um, mas diversos tipos de inaturalidades e cada uma delas apresentando uma relação particular com o tema. Para ajudar na compreensão da variedade de dados que podem corresponder à margem, Gurwitsch retoma um exemplo já explorado:

Quando o meu tema é o tinteiro sobre a escrivaninha, as paredes visíveis do quarto, a parte da frente da casa vizinha que aparece pela janela, etc., são dados marginais; da mesma forma, memórias emergentes, desejos emergentes, sentimentos de prazer, desprazer, etc. Além disso, é através da consciência marginal que estou ciente do ‘mundo natural’ que está continuamente ‘lá’ para mim, seja lá com o que eu esteja lidando, e que ‘circunda continuamente o campo perceptivo atual’¹⁹⁵ (Gurwitsch, 2010a, p. 295).

A dinâmica circundante da margem em relação ao campo temático e, conseqüentemente, ao tema aponta em direção à mudança de perspectiva que Gurwitsch opera. Sem um ego puro ao fundo da consciência com a liberdade para direcionar e organizar o fluxo de estados mentais por meio da atenção, o fenomenólogo aposta na organização estruturada a partir do tema para atuar como índice organizador do campo da consciência, conforme pode ser visualizado esquematicamente na figura abaixo:

Figura 13 – A esfera da atenção



Fonte: Arvidson (2006)

¹⁹⁴ Na obra de 1929, Gurwitsch ainda não aborda o corpo como componente da margem da consciência.

¹⁹⁵ “When the inkwell on the desk is my theme, the seen walls of the room, the part of the front of the neighboring house which appears through the window, etc., are marginal data; similarly, arising memories, emergent wishes, feelings of pleasure, displeasure, etc. Furthermore, it is through marginal consciousness that I am aware of the ‘natural world’ which is continually ‘there’ for me, whatever I might be dealing with, and which ‘continuously surrounds the actual perceptual field’”.

O campo da consciência é representado por um grande círculo, o qual tem o tema como centro e emergindo de um campo temático (contexto), que é seguido da margem. Tanto o campo quanto a margem são inatualidades, porém, o campo, como já vimos, relaciona-se com o tema de forma interna. Quando Gurwitsch acrescenta a margem à sua descrição, percebemos não só que essa margem possui diferentes graus de relevância em relação ao tema e por isso pode variar de halo a horizonte, como também que essas relações se dão de forma “externa” ao tema. Contudo, devemos tomar cuidado com essa expressão. É uma relação externa porque não influencia diretamente no sentido do tema, mas esta ainda participa na dinâmica estruturada de forma intrínseca.

3.4.1 A consciência marginal

Ao contrário do campo temático, a margem apresenta uma relação diferente com o tema. Não há conexão material entre os dois, por isso a relação em questão se enquadraria na categoria de conexão aditiva, conforme os critérios adotados por Gurwitsch e a Teoria *Gestalt*. Isso significa que a consciência marginal não interfere no tema como sentido e que a relação existente entre ambos é a simultaneidade. Contudo, é de suma importância reconhecer que o caráter “externo” da relação não diminui sua necessidade, essa simultaneidade é fundamental para a organização e identidade da consciência, como veremos ao final deste capítulo.

A relação de simultaneidade vale tanto para o halo quanto para o horizonte. Por exemplo, enquanto percebo o tinteiro na escrivaninha, posso lembrar do dia anterior em que o coloquei lá, ao mesmo tempo que posso sentir vontade de beber água e ouvir passos no corredor. Nesse caso, tanto a lembrança quanto o desejo e o barulho surgem simultaneamente na margem da minha consciência sem terem conexão direta um com o outro e sem apresentarem relação interna com o tema atual do qual me ocupo. O que pode ocorrer eventualmente é que uma interferência marginal resulte numa mudança temática. Moran (2019, p. 24) explica que “O tema é frequentemente interrompido por um item perturbador na margem. Nunca deixamos de atender tematicamente, segundo Gurwitsch, mas esse atendimento também passa de um tema para outro e há ‘fases de transição’”¹⁹⁶. Além disso, é preciso ficar claro que a acumulação

¹⁹⁶ “The theme is often interrupted by a distracting item from the margin. We never stop attending thematically, according to Gurwitsch, but this attending also moves from one theme to the other and there are ‘transitional phases’”.

aditiva da margem não é caótica e nem amorfa, por mais que não interfira no tema, ela se organiza em função dele. Há sempre uma estrutura.

Os itens particulares da soma são, cada um deles, estruturados e articulados, mas a sua organização entre si é simbolizada pelos sinais +. Desaparecimento ou variação de um item não afeta os outros, que permanecem o que são. Assim, o caráter aditivo não se refere à natureza própria dos temas potenciais, mas apenas à sua organização entre si e com o tema atual¹⁹⁷ (Gurwitsch, p. 299).

Este trecho traz duas implicações de extrema relevância. A primeira é que os itens da margem não são eles mesmos elementos desconexos, são totalidades que podem ser potencialmente tematizadas. Ou seja, tanto a lembrança quanto o barulho ou um desejo são componentes de um contexto, mas de um contexto ao qual não estamos inseridos diretamente no momento atual. A outra implicação, talvez a mais importante, é que o tema, apesar de sempre pressupor uma margem, nunca é afetado por ela, o que difere das conexões da *Gestalt* que trabalhamos até agora, trata-se de uma conexão-e, no sentido em que é dado uma coisa e outra coisa ao mesmo tempo.

A margem está em conexão tanto com o tema quanto com o campo temático. É uma das propriedades características da conexão-e que quando A1 + A2 é dado, A2 pode sofrer modificações que não dizem respeito a A1. Contudo, não concordamos com Wertheimer de que a conexão-e é atualizada apenas em casos raros e excepcionais. Pelo contrário, ela é *sempre* atualizada: a toda consciência temática pertence uma margem¹⁹⁸.

Esse tipo de conexão também se diferencia da figura-fundo, proposta por Edgar Rubin, porque nesse caso a figura apresenta independência de sentido com relação ao seu fundo como margem. Como Gurwitsch (2010a, p. 300) esclarece:

Qualquer consciência marginal pode funcionar como um contexto experiencial ‘natural’ de qualquer tema; nenhuma consciência marginal tem qualquer privilégio com respeito a qualquer tema. Cada consciência marginal pode acompanhar cada tema da mesma maneira – isto é, com a mesma indiferença¹⁹⁹.

Aqui Aron Gurwitsch faz seu movimento decisivo. Com essa concepção de margem, o que ele afirma é justamente que a minha consciência (marginal) pode acompanhar todas as minhas representações, ou nesse caso, minhas tematizações. Há um caráter indissociável entre

¹⁹⁷ “The particular items of the sum are, each one of them, structured and articulated, but their organization with one another is symbolized by the + signs. Disappearance or variation of one item does not affect the others, which remain what they are. Thus, the additive character does not refer to the proper nature of the potential themes but refers only to their organization with both one another and the actual theme”.

¹⁹⁸ “The margin is in an and-connection with both the theme and the thematic field. It is one of the characteristic properties of the and-connection that when A1 + A2 is given, A2 can undergo modifications which do not concern A1. However, we do not agree with Wertheimer that the and-connection is actualized only in rare, exceptional cases. Rather, it is *always* actualized: to every thematic consciousness belongs a margin”.

¹⁹⁹ “Any marginal consciousness may function as a “natural” experiential context of any theme; no marginal consciousness has any privilege with respect to any theme whatever. Every marginal consciousness can accompany every theme in the like manner—that is to say, with like indifference”.

minhas tematizações tanto em relação ao mundo, como totalidade de campos perceptivos, quanto em relação à minha consciência, como totalidade dos meus estados mentais que é atualizada constantemente. Essa dinâmica, como veremos mais à frente, garante a unidade e identidade da consciência como minha e não de um outro sujeito qualquer.

3.4.2 O halo como margem

A descrição do halo ganha mais espaço nessa obra que a de horizonte porque se relaciona com problemas-chave que Gurwitsch precisava responder ao recusar o ego puro: a sucessão dos atos da consciência, ou seja, o caráter temporal que os acompanha, o papel da reflexão nesse processo e a sintetização e singularização como reestruturações temáticas que organizam internamente a consciência. Na proposta gurwitschiana, por meio do halo temos acesso a três tipos de dados: a duração dos estados mentais, as possibilidades de reflexão sobre cada tematização realizada e as possibilidades inatuais advindas da experiência a partir da Lei Geral da Transformação, abordada nas reestruturações temáticas.

Conforme vimos anteriormente, Gurwitsch (2010a, p. 296) alerta que “A consciência de tais possibilidades de transformação e a transição está anexada e ligada à consciência temática; as possibilidades vivenciadas têm alguma relação, mas nenhuma relevância material para o tema”²⁰⁰. O autor, no entanto, afirma que a presença do halo como margem da consciência temática não significa que temos consciência de todas as possibilidades de mudanças acompanhando cada estado mental atual, porque essas possibilidades não são constantes.

O halo não é um conjunto de dados constantes que cercam e acompanham cada estado mental. Em vez disso, esses dados emergem e desaparecem incessantemente. O único que é constante e permanente é a pertinência experimentada ao halo que caracteriza todos os seus componentes.

Ou seja, o que é constante e permanente, além da necessidade de toda tematização ser circundada por um halo, é a coerência dos componentes que fazem do halo uma unidade. Os componentes do halo vão surgindo como possibilidades e esvanecendo de acordo com a orientação das nossas experiências e é exatamente por meio desse processo que nos tornamos conscientes da duração e da sucessão dos nossos estados mentais.

A chave para compreender a atuação do halo está na intencionalidade como correlação noético-noemática, a qual prevê que só é possível que uma noese possa ser descrita por meio

²⁰⁰ “Awareness of such possibilities of transformation and transition is attached to, and linked with, thematic consciousness; the experienced possibilities have some relation, but no material relevancy to the theme”.

de uma noema. Uma vez que o noema, que é o tema, corresponde a uma multiplicidade de estados mentais possíveis, é preciso saber como individualizamos cada um desses estados mentais para que não haja sobreposição.

Por necessidade, a consciência marginal concomitante com qualquer estado mental deve ser diferente daquela pertencente a outro estado mental. A consciência marginal pertencente a um estado mental posterior não pode ser a mesma que pertence a um estado mental anterior, mesmo que o mesmo noema corresponda a ambos os estados mentais. Isto ocorre porque, em princípio, existe a possibilidade de que a consciência marginal pertencente ao estado mental posterior compreenda a memória do anterior, incluindo-a na sua consciência marginal. É desta forma que, em geral, um estado mental se manifesta fenomenologicamente como posterior a outro. A possibilidade em questão exclui, em princípio, a identidade de duas margens²⁰¹ (Gurwitsch, 2010a, p. 300).

A ordem do fluxo da consciência é sempre de sucessão, sendo importante lembrar que Gurwitsch trabalha com uma alternativa de sucessão que não se resume a momentos desconexos uns dos outros. O aspecto sucessivo é fundamental no sentido que ainda que possamos acessar estados mentais anteriores, isso é realizado por meio de uma reflexão que ocorre no presente. Gurwitsch dá o exemplo de voltar a uma cidade que já esteve antes e lembrar-se de já ter visto um prédio com o qual se depara no momento presente. Temos nesse caso uma consciência marginal que possui entre seus componentes a memória de uma experiência passada e a apresenta como margem de uma experiência atual. A lembrança do prédio pode ser dada com maior ou menor clareza e até conceder dados marginais dela mesma, por exemplo, a forma como se sentiu na ocasião em que viu o prédio pela primeira vez. Porém, a atualidade do tema como “Agora” é sempre privilegiada, então é sempre uma lembrança acessada como margem de um momento presente. Entretanto, pode ocorrer, conforme passemos a lembrar de cada vez mais detalhes daquela ocasião, que a margem vá ganhando mais articulação interna de seus componentes e se transforme em um possível campo temático em que essa lembrança será atualizada cogitativamente tornando-se meu tema. Nesse caso, como Gurwitsch explica, “Vivemos então na memória do estado mental passado, e o que essa lembrança produz agora se torna o nosso tema. Neste sentido refletimos”²⁰². Mas a reflexão ocorre no “Agora” ainda que seja de uma experiência passada.

²⁰¹ “By necessity, the marginal consciousness concomitant with any mental state must be different from that pertaining to another mental state. The marginal consciousness belonging to a later mental state cannot be the same as that belonging to an earlier one, even if the same noema corresponds to both mental states. This is so because in principle there obtains the possibility that the marginal consciousness belonging to the later mental state comprises the memory of the earlier one, including its marginal consciousness. It is in this way that quite in general a mental state phenomenologically manifests itself as later than another one. The possibility in question precludes in principle the identity of two margins”.

²⁰² “We then live in the memory of the past mental state, and what this remembering yields now becomes our theme. In this sense we reflect”.

Esta situação nos oferece, de certa forma, acesso a dois fluxos de estados mentais diferentes, um referente ao passado e outro ao presente. Sendo que, a partir da memória, acessamos via reflexão o fluxo do presente que passa a conter o do passado. Nesse sentido, podemos ter inúmeros fluxos mentais a partir de um único tema, mas novamente a multiplicidade não pressupõe ausência de unidade. Há em última instância um fluxo atual que determina a unidade da consciência. O que não significa que Gurwitsch defenda algo como uma memória perfeita, por meio da qual em uma única reflexão é possível ter acesso reconstutivo da sucessão do fluxo de todos meus estados mentais até o presente. Estados mentais ainda que sucessivos possuem uma auto-organização que não se resume a uma soma.

Nós, que não temos ‘memória ideal’, não somos capazes de reconstruir uma ordem ininterrupta de nossa vida passada quando refletimos da maneira descrita; encontramos indeterminações nebulosas cujo esclarecimento, possível em princípio, nunca é completamente bem-sucedido. No entanto, a ordem da nossa vida passada, que termina no presente e aponta para o futuro, é unitária e auto-suficiente, e nada pode escapar dela. É uma cadeia única, aqui e ali obscurecida por uma nebulosa indeterminação, clarificável, mas não esclarecida²⁰³ (Gurwitsch, 2010a, p. 304).

Existe uma estrutura unitária em que qualquer estado mental pode ser incorporado, por meio da sintetização, que leva a uma atualização tanto do sentido temático quanto do nosso fluxo de consciência. Bem como existe a possibilidade de tematizar um único estado mental singularizando-o. O halo é o estrato que permite esse tipo de organização com base nas modificações temáticas. Além disso, Aron Gurwitsch afirmou que é por meio desse estrato que temos acesso à duração dos nossos estados mentais, apesar de até agora não termos explicitado o que isso significa. Era preciso primeiro compreender em que sentido o fenomenólogo aborda a sucessão para depois introduzir o modo em que ele aborda a duração. A inspiração parte de Henri Bergson e sua noção de pura duração.

A pura duração é a forma que assume a sucessão dos nossos estados de consciência quando o nosso eu se deixa viver, quando se abstém de estabelecer uma separação entre o estado presente e os estados anteriores. Para fazer isso, ele não precisa absorver-se inteiramente na sensação ou ideia passageira, porque então, pelo contrário, deixaria de durar. Ele também não precisa esquecer os estados anteriores: basta que, ao lembrar esses estados, ele não os justaponha ao estado atual como um ponto a outro ponto, mas os organize com ele, como acontece quando nos lembramos, fundidos, então para falar, as notas de uma melodia²⁰⁴ (Bergson, 1889, p. 76).

²⁰³ “We, who have no ‘ideal memory’, are not able to reconstruct an uninterrupted order of our past life when we reflect in the manner described; we do encounter misty indeterminacies whose clarification, possible in principle, never succeeds completely. Nevertheless, the order of our past life, terminating in the present and pointing to the future, is unitary and self-contained, and nothing can escape from it. It is one single chain, here and there clouded in misty indeterminacy, clarifiable but not clarified”.

²⁰⁴ “La durée toute pure est la forme que prend la succession de nos états de conscience quand notre moi se laisse vivre, quand il s'abstient d'établir une séparation entre l'état présent et les états antérieurs. Il n'a pas besoin, pour cela, de s'absorber tout entier dans la sensation ou l'idée qui passe, car alors, au contraire, il cesserait de durer. Il n'a pas besoin non plus d'oublier les états antérieurs : il suffit qu'en se rappelant ces états il ne les juxtapose pas à

Voltamos ao exemplo da melodia explorado consistentemente por conta de sua auto-organização. A abordagem de organização interna do filósofo francês é anterior à própria apresentação da *Gestalt* como qualidade, introduzida apenas em 1890 por Ehrenfels. Ainda que afirme não querer adentrar no mérito dos problemas enfrentados pelo autor francês, Gurwitsch se apoia na ideia de penetração mútua de Bergson (1889, p. 76) em que podemos conceber “a sucessão sem distinção e como uma penetração mútua, uma solidariedade, uma organização íntima de elementos, cada um dos quais, representativo do todo, só se distingue e isola dele por um pensamento capaz de abstrair”²⁰⁵ para vincular o aspecto temporal à ideia de auto-organização da consciência.

3.4.3 O aspecto intrínseco e complementar da organização temporal

No capítulo anterior, introduzimos como uma inovação de Aron Gurwitsch o fato dele propor uma organização da consciência que não fosse norteadada de forma privilegiada pela estrutura temporal. Para isso, apresentamos a nossa relação com o tema e deste com o campo temático como o contexto que sustenta uma rede interna de relações. Agora, em nosso último capítulo, ao descrevermos a consciência marginal, nosso objetivo é fornecer uma alternativa complementar ao tempo como sucessão. Isso porque, a sucessão se dá em uma relação externa com o tema a nível de sentido. A duração, no entanto, acompanha a tendência de estrutura internamente organizada entre os componentes do fluxo dos estados mentais que permitem que eles possuam uma coerência interna como uma conexão *Gestalt*.

Quando voltamos à diferença que há entre o aspecto noético e noemático na fenomenologia clássica, Gurwitsch nos lembra que, “De fato, o noema é ideal, atemporal e reiterável, enquanto os estados mentais como eventos de consciência são temporais e, por esse motivo, nunca podem ocorrer novamente depois de terem passado”²⁰⁶. Porém, o que o autor apresenta em sua obra é uma ideia de temporalidade que não apenas se difere do tempo físico, mas também do tempo como ordenação externa ainda que em contexto fenomenológico. O tempo como duração, acessado por meio da reflexão e das reestruturações temáticas, pode ser apresentado como a conexão interna sintetizadora que é possibilitada a partir de diferentes

l'état actuel comme un point à un autre point, mais les organise avec lui, comme il arrive quand nous nous rappelons, fondues pour ainsi dire ensemble, les notes d'une mélodie”.

²⁰⁵ “la succession sans la distinction, et comme une pénétration mutuelle, une solidarité, une organisation intime d'éléments, dont chacun, représentatif du tout, ne s'en distingue et ne s'en isole que pour une pensée capable d'abstraire”.

²⁰⁶ “Indeed, the noema is ideal, atemporal and reiterable, while the mental states as events of consciousness are temporal and, on that account, can never recur once they have passed” (Gurwitsch, 2010a, p. 285).

tematizações, as quais também se apresentam como uma forma de organização da consciência. Por isso, o filósofo nos alerta que isso não significa que não haja relação entre duração e ordem, são apenas possibilidades de organização não excludentes, mas complementares.

Gurwitsch, nessa obra de 1929, não desenvolve a temporalidade além dessa possibilidade dela como duração. Porém, acredita que cumpre seus objetivos quando oferece uma alternativa de acesso ao fluxo da consciência de uma forma interna a partir do tema.

Mantemo-nos firmes no tema enquanto a sua margem está em mudança; como unidade duradoura, o tema ‘desliza’ por uma margem continuamente variável e mutável, mudando, no entanto, de acordo com certas leis. O caso é semelhante quando, ao passarmos para um novo tema, ainda estamos conscientes de que o antigo simplesmente foi o nosso tema - isto é, quando a retenção dele acompanha a nossa consciência temática atual; especialmente no momento de vivenciar a transição, quando um tema desaparece e o outro começa a emergir²⁰⁷ (Gurwitsch, 2010a, p. 307).

O que vemos é que Gurwitsch fundamenta a organização, as particularidades e as transições dos estados de consciência nas modificações e reestruturações temáticas apresentadas no capítulo anterior. Essa nova forma de compreender a organização da temporalidade e nosso acesso a ela vai ao encontro do que será desenvolvido pelos teóricos da *Gestalt*. Para eles, temporalidade é movimento e se percebemos um corpo que se move veremos que ele nunca está em um ponto, mas sempre passa por um ponto. Da mesma forma, a teoria *Gestalt* defende que “A melodia até terminar e parar nunca está em uma nota, mas passa por ela” (1935, p. 435). Sendo assim, totalidades temporais como melodia e ritmos – e nesse caso o fluxo da consciência – não podem ser discutidas sem o conceito de organização. Como explica Kofka, “Uma melodia é um processo contínuo e a dependência das partes anteriores não pode ser tratada de forma somativa” (1935, p. 437). Tomar o tempo como uma divisão de pontos sucessivos que correspondem ao presente é sucumbir ao que os teóricos da *Gestalt* chamariam de “hipótese da constância temporal” e não é isso o que Gurwitsch propõe ao ressaltar a prioridade da atualidade da tematização.

Ao tomar a consciência como totalidade temporal, Gurwitsch aplica o mesmo critério dos teóricos da *Gestalt*. Nesse sentido, a tematização atual quando tomada do ponto de vista do fluxo dos estados da consciência é apenas o momento pelo qual estamos passando, mas que se encontra em constante atualização. Da mesma forma como a nota subsequente sempre atualiza a melodia como um todo.

No presente, Agora, seu único ponto terminal, a cadeia está envolvida em uma transformação contínua; continuamente acréscimos ocorrem, o presente Agora em

²⁰⁷ “We hold fast to the theme while its margin is in flux; as an enduring unity, the theme “glides” through a continuously varying and changing margin, changing, however, in accordance with certain laws. The case is similar when in passing to a new theme we are still aware of the old one as just having been our theme—that is to say, when the retention of it accompanies our present thematic consciousness; especially at the moment of experiencing the transition when the one theme fades away and the other begins to emerge”.

que a corrente termina continuamente deslizando para a frente. Junto com a experiência da corrente, ou seja, o tempo da ordem, experimentamos imediatamente essa transformação da corrente e o deslizamento do Agora enquanto lidamos com a corrente²⁰⁸ (Gurwitsch, 2010a, p. 307).

Como ocorre numa melodia, nunca paramos num Agora isolado, mas passamos por ele contextualizando-o. A atualização é contínua e irrefletida. O cogito, como subjetividade, quando absorvido pelo tema não possui autoconsciência do fluxo do qual faz parte. Porém, é possível que pela reflexão que tematiza possamos acessar essa identidade dada via contextualização dos nossos estados mentais anteriores. Não há, no entanto, uma subjetividade que possa se colocar diante desse fluxo de maneira externa como a ideia de um ego puro, pois para o fenomenólogo não há sentido, e nem indício de uma transcendência na imanência. De acordo com Gurwitsch (2010a, p. 307), “O ego puro fenomenologicamente reduzido nada mais é do que a cadeia ao longo da qual todas as experiências são ordenadas e que termina no presente”²⁰⁹.

Sendo assim, a unidade do fluxo da consciência não é garantida pela possibilidade de síntese de identificação por um ego puro através do tempo, ela é alcançada pelo caráter relacional intrínseco que existe entre todos os estados mentais que compõem o fluxo. Nessa relação, a temporalidade também se manifesta, mas como duração. A identidade da consciência ainda é contemplada, porque o fluxo dos nossos estados de consciência necessariamente acompanha cada uma das nossas tematizações. Assim como o campo temático como contexto garante o sentido e nos dá acesso à identidade temática, a margem da consciência necessariamente presente, também contextualiza.

Só neste sentido o ‘eu penso’ acompanha todas as minhas representações. O ego fenomenológico não é um dado especial que se apresenta ao lado de tudo o mais que é dado; não é um tema adicional ou secundário que nunca desaparece, mas sempre persiste ao longo de todas as mudanças temáticas²¹⁰.

É o contexto da consciência que faz com que os estados mentais que fazem parte desse fluxo sejam sempre meus estados mentais. Como colocado em nosso segundo capítulo, após a redução transcendental, a suspensão do ego empírico e o fato de que o cogito é absorvido tematicamente, restou a dúvida de como saber que os estados mentais são de um único sujeito.

²⁰⁸ “At the present Now, its only terminal point, the chain is involved in a continuous transformation; continuously accretions take place, the present Now in which the chain terminates continuously gliding forward. Along with experiencing the chain, i.e., order-time, we at once experience this transformation of the chain and the gliding forward of the Now while dealing with the chain”.

²⁰⁹ “The phenomenologically reduced pure ego is nothing but the chain along which all experiences are ordered and which terminates in the present”.

²¹⁰ “Only in this sense does the ‘I think’ accompany all my presentations. The phenomenological ego is not a special datum presenting itself alongside whatever else is given; it is not an additional or secondary theme which never disappears, but always persists throughout all thematic change”.

A resposta de Aron Gurwitsch é a contextualização necessariamente fornecida pela consciência marginal e possivelmente acessada via reflexão.

Isto não significa outra coisa senão que se um estado mental não pertence a um contexto de consciência, deve necessariamente pertencer a um contexto diferente. Dado que a inserção de todos os estados mentais no contexto da consciência é necessária – expressando mais corretamente, é necessariamente sempre possível – o índice ‘meu’ também pertence necessariamente a todos os estados mentais²¹¹. (Gurwitsch, 2010a, p. 310).

Por meio dessa solução, Aron Gurwitsch acredita estar honrando não só a exigência descritiva da fenomenologia clássica, mas também a visão natorpiana de que é impossível acessar o ego puro do ponto de vista de uma descrição. Visto que uma descrição sempre objetiva, ou nesse caso tematiza, não há na tematização outra subjetividade encontrada além do cogito absorvido pelo próprio tema. Não significa que o autor concorda com o neokantiano. Para o fenomenólogo, a hipótese de um polo de referência subjetivo unificador e organizador ainda deve ser refutada. O que Aron Gurwitsch busca alcançar é a descrição de uma experiência fenomenológica transcendentemente purificada. O que o diferencia dos demais é o fato de não acreditar que a pressuposição de uma subjetividade pura externa aos estados de consciência seja o caminho.

Segundo Aron Gurwitsch, se formos fiéis à descrição fenomenológica em sua forma mais pura teremos acesso a um tema sobressaindo de um campo temático. Isso significa que, para ele, a relação mais fundamental que possuímos com o mundo é a tematização e é a partir dela que devemos começar a investigação fenomenológica. Gurwitsch apresenta a consciência como meio pelo qual temos acesso a todos os fenômenos, mas a orienta objetivamente e por isso sua organização deve se dar em concordância com essa proposta. Por outro lado, a reflexão no sentido de autoconsciência é apenas um segundo momento da relação. Por esse motivo, a organização da consciência não pode ser desdobrada da pura subjetividade que permanecerá como autoconsciente após a redução transcendental.

A pura análise fenomenológico-descritiva da experiência nunca nos dá um ego, exceto no caso especial da reflexão. Quando percebemos um objeto, segundo Gurwitsch, não nos percebemos como percebendo o objeto: a consciência perceptiva tem o objeto percebido como seu correlato e a estrutura da percepção, como modalidade de consciência, só pode ser articulada na forma de um objeto percebido campo, ou nas dimensões do tema (noema) – do campo temático (campo noemático) – e da margem. Em outras palavras, exceto no caso da reflexão, os nossos cursos de consciência não necessitam de um ego para se referir ou atuar como uma instância sintetizadora: o

²¹¹ “This means nothing else than that if a mental state does not pertain to one context of consciousness, it must necessarily belong to a different one. Because the insertion of all mental states into the context of consciousness is necessary—more correctly expressed, is by necessity always possible—the index “mine” also necessarily pertains to all mental states”.

campo da consciência, como veremos, é de fato auto-organizado²¹² (Aurora, 2022, p. 60).

O aspecto temporal, como acabamos de ver, não pode ser razão suficiente na ordenação dos nossos estados da consciência porque o caráter sucessivo não deve ser pensado sem o caráter organizacional que se dá de forma intrínseca a partir do tema. É este último que garante que a totalidade desses estados mentais são outra coisa que apenas a soma de momentos sucessivos. Partir do tema como foco de organização, como propõe Gurwitsch, viabiliza uma orientação não-egológica da consciência da qual, embora que não estejamos autoconscientes, segue operando por meio de relações internamente estruturadas pelas leis eidéticas, que em Gurwitsch são inspiradas de forma inovadora em princípios da Teoria *Gestalt*.

²¹² “La pura analisi fenomenologico-descrittiva del vissuto non ci restituisce mai un io, salvo nel caso speciale della riphessione. Quando percepiamo un oggetto, secondo Gurwitsch, noi non percepiamo noi stessi che percepiamo l’oggetto: la coscienza percettiva ha come correlato l’oggetto percepito e la struttura della percezione, in quanto modalità della coscienza, non può che articolarsi nella forma di un campo, ovvero nelle dimensioni del tema (noema) – del campo tematico (campo-noematico) – e del margine. In altri termini, fatto salvo il caso della ri2essione, i nostri decorsi coscienziali non hanno alcun bisogno di un io a cui riferirsi o che funga da istanza sintetizzante: il campo della coscienza, come si vedrà, è infatti auto-organizzato”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após os três capítulos apresentados e discutidos, acreditamos que foi possível sustentar a tese de que Aron Gurwitsch foi o primeiro autor a integrar princípios da Teoria *Gestalt* na fenomenologia, em 1929, por meio de seu texto *Phenomenology of thematics and of the pure ego: Studies of the relation between Gestalt theory and phenomenology*. Além disso, assumimos que foi possível apresentar a forma coerente de como o autor introduziu os princípios da Teoria *Gestalt* na viabilização e desenvolvimento da sua proposta de estrutura internamente organizada o que resultou numa teoria não egológica da consciência.

Começamos explicitando que o fato de Aron Gurwitsch defender o desenvolvimento de uma fenomenologia transcendental utilizando a Teoria *Gestalt* faz com que ele necessite primeiramente garantir uma convergência fundacional entre ambas, o que ele pretende realizar por meio do paralelo entre a redução transcendental e a refutação da hipótese da constância. Essa solução é possível, segundo o filósofo, porque a hipótese da constância se apresenta como um problema comum por ambas o que leva a uma superação similar. São o acesso direto aos fenômenos e a sua descrição os quais são utilizados como a identificação de base que justifica a sustentação da contribuição descritiva da estrutura da consciência por parte da *Gestalt*.

A partir da validade da *Gestalt* em terreno transcendental, defendida por Gurwitsch, é possível descrever leis invariantes da consciência tais quais leis eidéticas, ou seja, leis válidas para todas as consciências. Nesse sentido, defendemos que exemplos dessas leis seriam a coerência interna do tema, pela relação entre partes e todo, e a relação figura-fundo entre tema e campo temático, as quais atuam como pilar da estrutura objetivamente orientada e contextualizada de uma forma até então inédita por Aron Gurwitsch. Disto, deriva-se uma consequência pertinente ao acento ao eixo objetivo proposto pelo filósofo: um afastamento e recusa a uma teoria egológica da consciência.

Acompanhamos como essa teoria não egológica da consciência pressupõe duas mudanças importantes e complementares realizadas por Gurwitsch. A primeira é uma nova abordagem em relação à atenção que não pode ser subjetivamente dirigida e com isso ressaltamos a importância da dinâmica internamente organizada entre tema e campo temático nas modificações temáticas propostas pelo filósofo. A segunda é a recusa de conteúdos constantes dependentes da ação subjetiva para doação de forma e sentido, o que ressoamos como contribuição direta da Teoria *Gestalt*.

Por fim, apresentamos a primeira descrição do campo da consciência de Aron Gurwitsch na obra de 1929 composto por tema, campo temático e margem (halo e horizonte), que será

desenvolvida na sua forma mais completa apenas em 1964. Assim, mostramos como a abordagem transcendental da fenomenologia gurwitschiana é arrematada pelo fato de que a consciência marginal acompanha todas as tematizações de uma determinada consciência, o que garante sua unidade e identidade sem sacrificar a possibilidade da descrição direta e atual dos nossos estados da consciência.

A nossa apresentação da fenomenologia de Aron Gurwitsch a partir de um aspecto prioritariamente positivo não é fruto de uma ingenuidade em relação aos problemas que esta apresenta. Entendemos que embora internamente coerente, a proposta gurwitschiana lida com grandes desafios. O fato do autor tenta consolidar sua fidelidade ao método fenomenológico, ao utilizar a Teoria *Gestalt* como modelo de descrição com acesso direto aos fenômenos, ao mesmo tempo que procura manter vigente a realização de uma redução transcendental e a validade de leis eidéticas não é ponto pacífico. Desenha-se então um cenário, onde a consciência se estabelece como estrutura primordial e o acesso fundamental da nossa relação com o mundo percebido e com o sentido como objetividade.

Dito isto, Gurwitsch tem o mérito de vislumbrar na Teoria *Gestalt* um caráter fenomenológico, o qual explora de maneira eficiente ao longo de sua investigação. Porém, entendemos que por conta das raízes experimentais que a *Gestalt* apresenta seria necessária uma nova forma de vislumbrar a própria noção de experiência da qual parte a fenomenologia para promover uma relação dialógica com, talvez, menos desníveis. Uma abordagem ainda mais radical do que a proposta por Gurwitsch teria potencial para ir além da consciência como meio transcendental estrito, como eventualmente será proposto por Maurice Merleau-Ponty. No entanto, sustentamos a hipótese que se houve um avanço posterior do uso da *Gestalt* na fenomenologia, ele foi em alguma medida desdobramento da obra que exploramos nestas páginas.

Aron Gurwitsch ainda é um autor que carece de mais obras dedicadas ao seu trabalho e por esse motivo escolhemos, nesse primeiro momento, concentrarmo-nos mais nas suas contribuições à fenomenologia do que nas possíveis objeções ao seu trabalho. Muitas questões deixaram de ser exploradas ou analisadas de forma mais profunda, como por exemplo: se as críticas direcionadas à fenomenologia husserliana se sustentam ao longo das publicações posteriores das obras de ambos os autores, ou até mesmo se o possível fenomenismo do fenomenólogo lituano compromete sua leitura estrutural da fenomenologia. Na presente investigação, focamos em explicitar que a ambição gurwitschiana é recompensada com uma inovação importante e relevante que reverbera no desenrolar da fenomenologia.

Além disso, gostaríamos de destacar o caráter precursor e ao mesmo tempo atual de Aron Gurwitsch. O filósofo não constrói sua fenomenologia no marco da oposição à discussão científica de sua época, mas tem um papel integrador e acompanha o desenvolvimento de forma atenta para compreender como a fenomenologia poderia se fortalecer e progredir na sua relação com a ciência. Talvez a grande lição a ser aprendida com Gurwitsch é que diálogo com a psicologia e outras ciências não precisa necessariamente desvirtuar o método fenomenológico. Vemos atualmente o amadurecimento do que se chama de fenomenologia naturalizada e temos acesso a exemplos de como se autoriza hoje que dados obtidos em caráter experimental não sejam simplesmente descartados pela fenomenologia, mas sustentados ou questionados por esta. O que não nos torna nem dependentes de dados factuais e objetivos, nem tampouco seguidores cegos de modelos regidos por relações causais, apenas atesta o processo de amadurecimento da fenomenologia em estabelecer uma maneira mais crítica e reflexiva de se relacionar com a ciência.

REFERÊNCIAS

- ALBERTAZZI, L. Philosophical background: Phenomenology. In: WAGEMANS, J. (ed). *The Oxford Handbook of Perceptual Organization*. Oxford: Oxford University Press, 2015. p. 21-40. DOI: <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199686858.013.048>.
- ALBERTAZZI, L.; JACQUETTE, D. (2001). *The School of Alexius Meinong*. 1. ed. London: Routledge, 2001. 592 p. DOI: <https://doi.org/10.4324/9781315237176>.
- ALLISON, H. E. Gurwitsch's Interpretation of Kant: Reflections of a Former Student. In: EVANS, J. C.; STUFFLEBEAM, R. S. (ed.). *To Work at the Foundations. Contributions to Phenomenology*. Dordrecht: Springer: 1997. v. 25. DOI: https://doi.org/10.1007/978-94-011-5436-9_3.
- ALVES, P. M. dos S. *Intersubjectividade e comunicação: uma abordagem fenomenológica*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2009.
- ALVES, P. M. dos S. Perception and Passivity. Can the Passive Givenness Be Phenomenalized? *Phainomenon*, [s.l.], n. 26, p. 13-35, oct. 2017. ISSN 2183-0142. Disponível em: <http://phainomenon-journal.pt/index.php/phainomenon/article/view/340>. Acesso em: 3 jul. 2023.
- ARAUJO, S. de F. *Wundt and the philosophical foundations of psychology*. A reappraisal. New York: Springer, 2016.
- ARVIDSON, P. S. The Field of Consciousness: James and Gurwitsch. *Transactions of the Charles S. Peirce Society, JSTOR*, v. 28, n. 4, p. 833–856, 1992. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40320393>. Acesso em: 3 jul. 2023.
- ARVIDSON, P. S. *The Sphere Of Attention: Context and Margin*. Springer: Dordrecht, 2006.
- ASH, M. *Gestalt Psychology in German Culture 1890-1967: Holism and the quest of objectivity*. New York: Cambridge University Press, 1998.
- BENTLEY, M. *The American Journal of Psychology*, v. 14, n. 3/4, p. 60-72, July- Oct. 1903.
- BERGER, G. *The Cogito in Husserl's Philosophy*. Translated by Kathleen Mc Laughlin. Evanston: Northwestern University Press, 1972.
- BERGSON, H. *Essai sur les données immédiates de la conscience*. Paris : ALCAN, 1889.
- BRENTANO, F. *Psychology from an Empirical Standpoint*. Translated by McAlister, L.L., Rancurello, A. Terrell, D.B. 2. ed.) (1995). London: Routledge, 1995. DOI: <https://doi.org/10.4324/9780203202883>.
- DREYFUS, H. Husserl's Perceptual Noema. In: DREYFUS, H.; HALL, H. (ed.). *Husserl Intentionality and cognitive science*. London: The MIT Press, 1987. p. 73-80
- DRUMMOND, J. *Contra Gurwitsch*. Husserlian Intentionality and Non-Foundational Realism. Dordrech: Springer, 1990. p 63-103.

EHRENFELS, C. V. On *Gestalt* Qualities. In: SMITH, B. (ed.). *Foundations of Gestalt Theory*. Munich: Philosophia Verlag, 1988. p. 82-117 (Original de 1890).

EVANS, J. C.; STUFFIEBEAM, R. S. *To Work at the Foundations: Essays in Memory of Aron Gurwitsch*. Berlin: Springer Verlag, 1996.

FISSETTE, D. Stumpf and Husserl on Phenomenology and Descriptive Psychology. *Gestalt Theory*, v. 3, n. 2, p. 175-190, 2009.

FRÉCHETTE, G. Brentano on Perception. *Hungarian Philosophical Review*, v. 62, n. 4, p. 13-33, 2018.

FØLLESDAL, D. Brentano and Husserl on Intentional Objects and Perception. In: DREYFUS, H.; HALL, H. (ed.). *Husserl Intentionality and cognitive science*. London: The MIT Press, 1987. p. 31-42.

GONZÁLEZ PORTA, M. A. *Brentano e sua Escola*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

GONZÁLEZ PORTA, M. A. Crítica al psicologismo y concepción de subjetividad en Frege. *Manuscrito – Rev. Int. Fil.*, Campinas, v. 37, n. 2, p. 357-413, jul./dez. 2014.

GONZÁLEZ PORTA, M. A. *Estudos Neokantianos*. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

GRATHOFF, R (ed.). *Philosophers in Exile: The Correspondence of Alfred Schutz and Aron Gurwitsch, 1939–1959*. Bloomington: Indiana University Press, 1989.

GURWITSCH, A. Biographical Sketch of Aron Gurwitsch. In: GARCÍA-GÓMEZ, J. (ed.). *The Collected Works of Aron Gurwitsch (1901–1973)*. Phaenomenologica. Dordrecht: Springer, 2010c. v. 192. DOI: https://doi.org/10.1007/978-90-481-2831-0_2.

GURWITSCH, A. Critical Study of Husserl's Nachwort. In: KERSTEN, F. (ed.). *The Collected Works of Aron Gurwitsch (1901–1973)*. Phaenomenologica. , Dordrecht: Springer, 2010b. DOI: https://doi.org/10.1007/978-90-481-2942-3_5.

GURWITSCH, A. Husserl's Theory of Intentionality of Consciousness. In: DREYFUS, H.; HALL, H. (ed.). *Husserl Intentionality and cognitive science*. London: The MIT Press, 1987. p. 59-72.

GURWITSCH, A. Phenomenology of Thematics and of the Pure Ego: Studies of the Relation Between *Gestalt* Theory and Phenomenology. In: KERSTEN, F. (ed.). *The Collected Works of Aron Gurwitsch (1901-1973) II: Studies in Phenomenology and Psychology*. Dordrecht: Springer, 2010a. p. 193-317. (Original publicado em 1929)

GURWITSCH, A. Some Aspects and Developments of Gestalt Psychology. In: KERSTEN, F. (ed.). *The Collected Works of Aron Gurwitsch (1901–1973)*. Phaenomenologica. Dordrecht: Springer, 2010d. v. 193.

GURWITSCH, A; EMBREE, L. *Life-World and Consciousness Essays for Aron Gurwitsch*. Evanston: Northwestern University Press, 1972.

HEIDELBERGER, M. *Nature from within: Gustav Theodor Fechner and his psychophysical worldview*. Translated by C. Klohr. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2004.

HELMHOLTZ, H. *Handbuch der physiologischen Optik*. 1. ed. Leipzig: Voss, 1867.

HERBART, J. *Friedrich: Psychologie als Wissenschaft*. Bd. 1. Königsberg, 1824.

HERING, E. "ON THE THEORY OF NERVE-ACTIVITY." *The Monist*, v. 10, n. 2, p. 167-87, 1900. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/27899119>. Acesso em: 3 jul. 2023.

HUSSERL, E. *Collected works editor: Rudolf Bernet Volume X Philosophy of Arithmetic: Psychological and Logical Investigations with Supplementary Texts from 1887-1901*. Springer, 2003.

HUSSERL, E. *Ideas for a Pure Phenomenology and Phenomenological Philosophy: First Book: General Introduction to Pure Phenomenology*. Indianapolis/Cambridge: Hackett Publishing Company, 2014.

HUSSERL, E. *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica. Introdução geral à fenomenologia pura*. Tradução: Marcio Suzuki. São Paulo: Idéias e Letras, 2006.

HUSSERL, E. *Logical Investigations*. Translated by J. N. Findlay. London: Routledge and Kegan Paul, 1970.

HUSSERL, E. 'Nachwort zu meinen "Ideen zu einer reinen Phänomenologie usw."' *Jahrbuch für Philosophie und phänomenologische Forschung*, XI, n. 568, p. 549-570, 1930.

IERNA, C. « Husserl et Stumpf sur la *Gestalt* et la fusion ». *Philosophiques*, v. 36, n. 2, p. 489-510, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.7202/039482ar>. Acesso em: 4 jul. 2023.

JAMES, W. *The principles of psychology*. New York: Henry Holt and Company, 1918. v. 1. (Original work published 1890)

KALSI, M. L. S. On Objects of Higher Order and their Relationship to Internal Perception. In: MEINONG, Alexius. Dordrecht: Springer, 1978. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-94-009-9688-5_4. Acesso em: 4 jul. 2023.

KERSEY, E. M. "The Noema, Husserlian and Beyond: An Annotated Bibliography of English Language Sources." *Philosophy Research Archives*, v. 9, 1983.

KOCKELMANS, J. Gestalt psychology and phenomenology in Gurwitsch's conception of thematics. In: KOCKELMANS, J. *Life-World And Consciousness*. Evanston Il: Northwestern University Press, 1972.

KOFFKA, K. *Principles of Gestalt Psychology*. New York: Harcourt, Brace and Company, 1935.

KÖHLER, W. On unnoticed sensations and errors of judgement. In: HENLE, M. (ed.). *The selected papers of Wolfgang Köhler*. New York: Liveright, 1971. p. 108–122. (Original work published 1913)

LUFT, S. *Reconstruction and Reduction: Natorp and Husserl on Method and the Question of Subjectivity in Neo-Kantianism in Contemporary Philosophy*. Bloomington: Indiana University Press, 2011.

MARBACH, E. *Das Problem des Ich in der Phänomenologie Husserls*. The Hague: Martinus Nijhoff, 1974.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*; Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MOHANTY J. N. «The unity of Husserl's philosophy», *Revue internationale de philosophie*, n. 224, p. 3-20, 2003/2. DOI : <http://doi.org/10.3917/rip.224.0003>.

MONETA, G. The foundation of predicative experience and the spontaneity of consciousness. In: MONETA, G. *Life-World And Consciousness*. Evanston Il: Northwestern University Press, 1972.

MORAN, D. Husserl and Gurwitsch on Horizontal Intentionality: The Gurwitsch Memorial Lecture 2018 In Memory of Lester E. Embree. *Journal of Phenomenological Psychology*, v. 50, p. 1-41, 2019.

MURRAY, D; LINK, S. *The Creation of Scientific Psychology*. New York: Routledge, 2021.

PASTORE, N. Reevaluation of Boring on Kantian Influence, nineteenth century nativism, Gestalt psychology and Helmholtz. *JHBS*, v. 10, p. 375-390, 1974.

PATTON, L. *Philosophy of Mind in the Nineteenth Century: The History of the Philosophy of Mind*. New York: Routledge, 2018. v. 5.

PATTON, L. ‘Perspectivalism in the development of scientific observer-relativity’ in *The Emergence of Relativism*. New York: Routledge, 2019. p 63–78.

PERES, S. P. O problema da transcendência do objeto da percepção e do objeto da Física nas *Investigações Lógicas* de Husserl. *Philosophos - Revista de Filosofia*, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 219-246, 2014. DOI: <https://doi.org/10.5216/phi.v19i1.30410>.

PIND, J. L. *History and philosophy of psychology*. Edgar Rubin and psychology in Denmark: Figure and ground. Springer International Publishing, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1007/978-3-319-01062-5>.

SMITH, B. *Austrian Philosophy: The Legacy of Franz Brentano*. Chicago: LaSalle: Open Court Publishing Co., 1994.

SMITH, B. Gestalt theory: An essay in philosophy. In: SMITH, B. (ed.). *Foundations of Gestalt Theory*. Vienna: Philosophia Verlag, 1988. p. 11-81.

SPIEGELBERG H. Carl Stumpf (1848–1936): Founder of Experimental Phenomenology. In: SPIEGELBERG H. *The Phenomenological Movement*. Dordrecht: Springer, 1965. DOI: https://doi.org/10.1007/978-94-015-7394-8_3.

SPIEGELBERG H. Gurwitsch's case against Husserl's Pure Ego. *Journal of the British Society for Phenomenology*, v. 12, n. 2, p. 104-114, 1981. DOI: <https://doi.org/10.1080/00071773.1981.11007531>.

SPIEGELBERG H. *Phenomenology in psychology and psychiatry*. Evanston: Northwestern University Press, 1986.

STUMPF, C. “Psychologie und Erkenntnistheorie”. *Abhandlungen der Königlich Bayerischen Akademie der Wissenschaften*, 19 II. München: G. Franz, 1892. p. 465–516.

SWEET, D. The *Gestalt* Controversy: The Development of Objects of Higher Order in Meinong's Ontology in Philosophy and Phenomenological Research, v. 53, n. 3, p. 553-575, set. 1993.

TEXTOR, M. Stumpf between criticism and psychologism: introducing “Psychologie und Erkenntnistheorie”. *British Journal for the History of Philosophy*, v. 28, n. 6, p. 1172-1180, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/09608788.2019.1709038>.

WUNDT, W. *Beiträge zur Theorie der Sinneswahrnehmung*. Leipzig/Heidelberg: C. F. Winter'sche Verlagshandlung, 1862.

WUNDT, W. *Principles of physiological psychology*. Translated by EB Titchener. London: Swan Sonnenschein, 1910. v. I.